

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Trabalho e Imaginário em Potosí-Bolívia

Amanda Carvalho Padilha

Belo Horizonte

2012

Amanda Carvalho Padilha

Trabalho e Imaginário em Potosí-Bolívia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Política, Trabalho e Formação Humana.

Orientadora: Professora Dra. Daisy Moreira Cunha

Amanda Carvalho Padilha

Trabalho e Imaginário em Potosí – Bolívia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração

Política, Trabalho e Formação Humana

Orientadora

Daisy Moreira Cunha

Aprovada em 2012.

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Daisy Moreira Cunha
Universidade Federal de Minas Gerais
Orientadora

Prof. Dr. Antônio Júlio Menezes
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Pablo Lima
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Rogério Cunha
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Regina Célia Passos Ribeiro de Campos
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

À vida, que insiste e nunca divide.

Aos que não desistiram de mim.

A quem quiser contribuir com este empreendimento.

A vocês que precisam tanto quanto os mineiros de Potosí.

Aos mineiros de Potosí.

Ao Deus do céu que vive aqui em baixo.

RESUMO

Esta pesquisa evidencia a realidade de trabalho dos mineiros de Potosí na Bolívia. É uma realidade marcada pela dureza das condições de vida, mas também por um rico imaginário. Para compreender essa complexidade busquei como referencial teórico a junção entre dois conceitos, um de Simone Weil e outro de Yves Schwartz. O conceito de enraizamento e o conceito de corpo-si. É uma pesquisa exploratória pois a distância e as dificuldades do campo não permitiu a permanência mais tempo nele. Pode-se concluir que, diferentemente da experiência de Weil na fábrica, que é de resignação, a vida dos mineiros, em condições mais difíceis, é de resistência. Eles resistem fortalecidos pela cultura, valores e todo o imaginário. Além da necessidade de sobrevivência, a dinâmica cultural é também um importante fator no dia a dia na mina. O mais interessante da dinâmica cultural é que se pode identificar que ela traz consigo a dimensão espiritual da vida dos mineiros. Quando as forças materiais se esgotam é do espírito que eles tiram energia para continuar trabalhando.

ABSTRACT

This research highlights the reality of working miners of Potosí in Bolivia. It is a reality marked by the hardness of living conditions, but also by a rich imagination. To understand this theoretical complexity, we seek as a reference a junction between two concepts of Simone Weil and other Yves Schwartz. The concept of rooting and the concept of self-body. It is an exploratory research because the distance and difficulties of the field, do not allowed us to stay longer in it. It has as a conclusion that, unlike the experience of Weil in the factory, which is resignation, the lives of miners in the toughest conditions, is resistance. They resist sustenaied by the the culture, values and all imagery. Besides the need to survive, the cultural dynamic is also an important factor in everyday life of the mine. The most interesting of the cultural dynamic that we can identify, is that it brings the spiritual dimension of life of the miners. When the material forces are exhausted, is from the spirit that they take energy to keep working.

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO	8
2) ENRAIZAMENTO E CORPO-SI: NOTAS PARA UM DIÁLOGO.....	21
3) ASPECTOS HISTÓRICOS E BOLÍVIA ATUAL.....	61
4) E A MINA COMEÇA A FAZER PARTE DO SEU SER.....	82
5) RELAÇÕES DE TRABALHO E IMAGINÁRIO SOCIAL.....	100
6) ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO E PROCESSO DE TRABALHO	106
O CASO DA EMPESA-COOPERATIVA UNIFICADA	106
CASO MINA KORI MAIO.....	107
COMIBOL	108
7) CONDIÇÕES DE TRABALHO: JORNADA E INSALUBRIDADE	121
8) CONCLUSÃO.....	133
9) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
10) ANEXO I – MAPAS E FOTOS.....	145
11) ANEXO II – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO	162
12) ANEXO III – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA EXPLORATÓRIA	163

1) INTRODUÇÃO

Cerro Rico encontra-se ¹ a 4303m, o ar é raro e existe muita poeira. Para subir à mina, passa-se, antes, pelo mercado onde se compra pequenos presentes para os mineiros: folhas de coca, tabaco, álcool, refrigerantes (que é o que eles mais gostam) etc.

As mulheres são absolutamente proibidas de entrar nas minas, sob pena de que aconteça uma desgraça. O reino do *Supay*², d' *El tío*³ é exclusivamente masculino. Dentro da mina só se bebe álcool, com exceção das crianças e dos doentes.

Depois de uma viagem de carro, chega-se à Mina Rosário - Cooperativa Unificada datada do séc XVII, o principal mineral extraído dela é o estanho. A mina está rodeada por *casilhas*⁴. Existe também uma pequena casa de madeira para a família 'guardiã da mina'. A boca da mina é sustentada por concreto e antigas pedras cobertas por sangue de lhama. Já nas minas mais recentes, as entradas são feitas com eucalipto. Na entrada existe uma lista, feita à mão, com a escala dos mineiros que trabalharão em cada dia da semana. Os mineiros vestem-se com calças, blusas, sandálias e capacetes com uma lâmpada sustentada por querosene. Existem também os tubos que conduzem ar comprimido para a perfuração e ventilação. Ao entrar-se pela galeria principal, percebe-se muita água, poeira e lama, que aumenta à medida que se caminha. Dentro da mina, existem várias galerias nas quais só se pode entrar arrastando-se e onde a temperatura varia de muito quente a muito fria.

Dentro da mina, os mineiros entram e saem como formiguinhas, curvados, com suas mochilas nas costas levando prata (Ag), zinco (Zn), estanho (Sn), Chumbo (Pb). Para eles é como se não houvesse ninguém lá. Em seguida surgem dois homens que empurram um vagão cheio de minério. Depois de lhes oferecer uma garrafa de refrigerante, eles trocam algumas palavras conosco. Interrogados sobre sua função – o

¹ Utilizo, agora, a terceira pessoa do plural porque relatarei, neste tópico, minha estada na mina juntamente com uma mineira que me guiou em junho de 2009.

² O Deus do indômito. Espírito maligno, força vital, categoria genérica dos lugares e das entidades selvagens (não domesticadas do mundo).

³ El tío é uma estátua de barro que representa as forças malignas. Cada mina seu tío.

⁴ Barracos de pau a pique para os mineiros utilizarem como vestuário e guardarem seu material de trabalho.

que empurra o vagão diz ser transportista. Transporta uma tonelada por carrinho e ao todo empurra vinte carrinhos por dia. Em seguida, indagado sobre sua profissão, ele diz não ter profissão e que trabalha na mina por falta de opção. Para trabalhar na mina é só ir até ela e começar, não existe nenhum critério. Os mineiros começam como peões (assistentes) e trabalham de meio a um ano, então passam à *segunda mão*⁵. Nesta posição entregam a metade de sua produção ao chefe e a outra metade fica para eles. Depois de seis ou sete anos passam a ser sócios da cooperativa. O sócio da cooperativa tem seu lugar próprio e entrega à cooperativa 20% de sua produção para aposentadoria, enfermidade e impostos. Os mineiros que não têm idade para trabalhar costumam trabalhar como *Jukeadores*⁶.

Continuando chega-se até *El tío*. Ele se chama Jorge tem dois cornos e um grande falo. É feito de argila, pelos de porco e está adornado com folhas de coca, confete, serpentina, bandeirinhas, fumo, álcool e fetos de lhama. *El tío* é a entidade a quem a grande maioria (noventa por cento) dos mineiros presta culto. Toda terça e sexta-feira, presenteiam-no com álcool 96°. Eles acreditam que fazendo isso a entidade os protege contra acidentes⁷ e, também, ajuda-os na produção. Duas vezes por ano, fazem o sacrifício de lhama em oferenda ao *tío*, um relacionado à festa do Espírito Santo e o outro ao carnaval mineiro. O primeiro ritual acontece em maio ou em junho. Em 2009 foi em 30 de maio. O segundo sacrifício eles fazem no dia primeiro de agosto. Enquanto estão sacrificando a lhama dão-lhe folhas de coca e álcool. As esposas dos mineiros preparam o fogo com lenha e pedras no chão. Fazem um assado, sem sal, na porta da mina. A crença é de que se fizerem com sal pode desaparecer todo o minério. A cabeça, o coração e as tripas da lhama são enterradas para trazerem boa sorte. Quando terminam de comer, queimam seus ossos. Se as cinzas ficam brancas, eles ficam contentes. Porém, se elas ficam pretas, ficam tristes, é sinal de que *El tío* não os recebeu bem e o ano não será bom para o trabalho. Eles fazem, também, o Carnaval Mineiro: Começam a dançar na entrada da mina e vão até o mercado onde cada cooperativa tem seu salão. No ano passado formaram-se 30 grupos, mas em 2004 e 2005 foram 90 grupos. No dia seguinte aos festejos, vão à missa. Em cada entrada de mina há uma

⁵ Subcategoria profissional.

⁶ Conhecidos como *jukus* são os que não possuem o caderneta da cooperativa, é uma espécie de trabalho ilegal.

⁷ Os acidentes mais frequentes são: devido ao deslizamento de terra, ao dinamite e aos gases tóxicos. Em 2007, na mina que visitei 28 pessoas morreram.

virgem (Nossa Senhora), o cristo dos mineiros, as santas são levadas pelos dançarinos à missa. Quando saem da Igreja dão uma volta na praça e depois vão aos seus depósitos, onde outros bailarinos os esperam com um prato típico grande, pode ser Picante de frango ou Assado de porco. No outro dia, voltam com a virgem à mina e brindam. Cada grupo vai ao seu lugar de trabalho para colocar bandeiras, flores e brindarem pela cerveja. Depois se reúnem ao lado d'*El tío* colocam as serpentinas e as bandeiras. Em cada mina há de um a dois tíos. Os mineiros dizem: “*ele é o dono do mineral, ele nos protege de todo o perigo, ele nos dá o dinheiro*”. O seu grande falo representa a fertilização. Eles acreditam que quando a *Madre Terra*⁸ e *El tío* fazem sexo há mais produção.

*

Este trabalho inicia-se com a leitura do livro, considerado uma produção literária para a classe operária; “O Germinal”, escrito por Émile Zola sobre a realidade de trabalho nas minas de carvão do norte da França no final do século XIX. Zola acompanha o ‘dia a dia’ de trabalho dos mineiros (entra na mina) e vivencia a greve de 1889. Considerado um escritor realista/naturalista, Zola se preocupa em relatar as condições de vida dos operários que acompanhou.

Segundo Bogdan e Biklen (1994: p. 20 - 31) aproximadamente na mesma época, nos Estados Unidos, alguns jornalistas realizavam entrevistas e observações da vida de um grande número de pessoas que viviam em condições sociais desfavoráveis. Eram os chamados “Levantamentos Sociais”. Mais uma vez as condições de trabalho em minas de carvão, inclusive o trabalho infantil, foi denunciado, o que contribuiu para a aprovação de leis que condenava a exploração da mão de obra infantil. Em seguida, vieram os estudos dos Sociólogos de Chicago (Idem), que se preocupavam em estudar tanto dados pessoais como sociais de sujeitos que se encontravam em situação de risco social. Tais estudos contribuíram para o aperfeiçoamento do método científico qualitativo, inclusive, para a sociologia da educação.

⁸ Também conhecida na América Latina como Pachamama.

Já na primeira metade do século XX, Simone Weil⁹, em seu “Journal d’Usine,” escreve sua experiência como operária na França. O relato impressiona devido à sensibilidade e minúcia com que mostra a realidade em uma fábrica de automóveis. A filósofa se interessava por condições de trabalho e vida em que os seres humanos estavam marcados pela necessidade e pela opressão. Em uma carta a Maurice Schumann ela chama atenção para a ‘dor humana’ como marca da contradição. Alfredo Bosi (2009: p.13) diz: “Ler Simone Weil não é uma escolha anódina, sem consequências” e completa que, de fato, em toda obra da filósofa percebe-se uma tensão entre sua formação cartesiana e a preeminência ética e estética do trabalho: “Só o trabalho (e, em primeiro lugar, o trabalho manual) reúne sujeito e objeto e dá ao ser humano a mesma dignidade que o racionalismo sempre atribuiu ao puro conhecimento intelectual.” (Bosi, 2009: p.13). Ao fazer uma pequena biografia de Weil, Ecléa Bosi diz: “*O conhecimento se funda no trabalho; sobre a percepção das formas.*” Weil escreve que “*a geometria, como todo pensamento, talvez, seja filha de uma coragem operária*” (1979: p. 26). Alain (um dos primeiros mestres de Weil, bastante cartesiano) ensinava a força de vontade sobre o mundo; “*é pelo trabalho que chegamos ao belo, não por uma misteriosa faculdade de invenção. Trabalhando a matéria é que explicitamos a beleza na arte.*” (Bosi: 1979: p. 24)

Na Itália, um médico/psicólogo vivenciou um período de grande efervescência da classe operária na Fiat Mirafiori de Turin. Nos anos 70 médicos, psicólogos do trabalho, operários e sindicalistas realizaram investigações sobre as condições de trabalho. Esta experiência está relatada em uma obra intitulada “Redécouvrir l’expérience ouvrière”¹⁰(Oddone, 1981). A atividade operária, quando não é definida em seus termos tradicionais (taylorianos), desprovida de significado, mas em função de certas atitudes dos sujeitos de se integrarem ao grupo de trabalho evidencia a capacidade de superação do ser humano, inclusive em tarefas brutais, porque essa capacidade de superação apresenta-se como inalienável. Da mesma forma que Weil, Oddone confere às condições mais duras um grande valor.

⁹ Filósofa francesa que viveu entre 1909 e 1943. Após dedicar-se ao estudo e ensino da filosofia, inclusive para trabalhadores mineiros em Saint-Etienne, optou por partir à fábrica, pois entendia que nesse contexto poderia experimentar o que dizia “ser a vida real.”

¹⁰ Oddone descreve neste livro, a experiência que deu origem ao método de ‘Instrução ao Sócia’ e a formulação das ‘Comunidade Científicas Ampliadas’. Dois aspectos centrais na abordagem ergológica do trabalho (Schwartz, 2007) e na clínica da atividade (Clot, 2006).

Na década de 70, Domitila de Chungara, mineira boliviana relata, na tribuna do ‘Ano da Mulher’ no México, as condições em que viviam os mineiros da Bolívia. Esta experiência esta registrada em um famoso livro de Moema Veizzer; “Se me deixam falar”. Na mesma linha de narrativa das anteriores, Veizzer quase transcreve a experiência de Domitila, tamanho o realismo com que a vida dessa mineira é contada.

Já na década de 80, Yves Schwartz, Daniel Faíta e Bernard Vuillon estão às voltas com a experiência de trabalho na França, preocupados com a inserção de jovens e trabalhadores desempregados no mercado de trabalho. Dessa experiência surge toda a formulação que Schwartz, anos mais tarde, denominará abordagem ergológica do trabalho.

Inspirados na proposta do ‘Dispositivo Dinâmico de Três Pólos’ da ergologia e no princípio formativo do trabalho pesquisadores da UFMG realizam desde 2005 um projeto de pesquisa – extensão com operários mineiros. Atentos à atividade de trabalho e aos possíveis frutos que uma abordagem pluridisciplinar, com os vários sujeitos envolvidos no mundo do trabalho, pode gerar para o conhecimento, esses pesquisadores investem em um Projeto denominado: “Conexões de saberes sobre o trabalho no setor mineral”.

A intenção de abordar a realidade da mineração em Potosí, vai ao encontro de interesses de outros pesquisadores como Cunha e Laudares (2009) que ressaltam a importância de estudos ‘in loco’ das diversas realidades de trabalho humano, uma vez que o tema (trabalho) é dinâmico e está sempre em transformação. Nos últimos anos, por exemplo, vem passando por mudanças no contexto global, como sempre aconteceu na história da humanidade, salvo que, atualmente ela se dá na velocidade da tecnologia, o que afeta cada canto do globo mais uniformemente do que antes.

*

A mineração artesanal está presente em muitos países do mundo. Inclusive no Brasil, porém na Bolívia ela representa 92% da geração de empregos no setor, segundo dados do Ministério de Minas e Energia. Além de algumas especificidades que não encontramos nas áreas de produção artesanal do Brasil. Os mineiros da Bolívia possuem

uma tradição de luta e representam, com os ‘cocaleros’, as atividades mais representativas da produção econômica do país. De todos os países da América Latina, a Bolívia é onde a mineração artesanal tem o maior peso sobre o mercado de trabalho. A mineração no Departamento de Potosí, sobretudo na cidade de Potosí, é praticamente a única atividade produtiva do local, é responsável pela sobrevivência de quase todos os seus habitantes. Inclusive recentemente os mineiros de Potosí se mobilizaram para se separarem da Bolívia, pois não querem mais pagar a maior parte dos tributos para o país e não verem seus impostos revertidos em benfeitorias, querem se beneficiar mais da exploração de suas riquezas naturais. Essa cidade já foi a maior produtora de prata do mundo nos tempos da colonização espanhola, tendo sustentado a mesma economicamente durante algum tempo. Hoje é uma cidade conhecida mundialmente, também por sua atividade produtiva que atrai turistas de todo lugar, instigados por suas condições precárias de produção mineral, que persistem há tanto tempo inalteradas. Atualmente é considerada pela Unesco patrimônio da humanidade devido às suas suntuosas construções coloniais. Os mineiros que trabalham na mineração falam a língua quéchua, possuem uma tradição muito arraigada que permanece preservada na mentalidade de seus membros e nos rituais que mesclam todo o imaginário cultural com o trabalho nas minas e a presença dos colonizadores.

Esta pesquisa tem como objetivo evidenciar a ligação entre o conceito de ‘corporsi’ no trabalho como forma de enraizamento pessoal e coletivo entre trabalhadores de duas minas, a saber: EMPSA-Cooperativa Unificada e Kori Maio localizadas no Cerro Rico – Potosí/ Bolívia. E também, como objetivos específicos, descrever a organização da produção e os meandros do processo de trabalho na mineração artesanal; como ela é realizada, suas diferentes etapas e modalidades na cadeia produtiva. Em suma explicitar, de forma exploratória, a atividade minerária em Potosí. Além disso, pretente descrever como se dão as relações dos mineiros com a tarefa, com os colegas, com a Cooperativa Unificada, com a Federação das cooperativas de mineiros – FEDECOMIM, com a Corporação Minera da Bolívia – COMIBOL, com a Central Obrera Boliviana – COB e com a Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia – FSTMB. E por fim, compreender a gestão do risco na experiência do trabalhador da mineração artesanal realizada em Potosí a partir da abordagem ergológica, que leva em consideração a mobilização dos sujeitos ao lidarem com meio material específico: as minas.

*

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa através de um estudo exploratório da realidade de trabalho e vida dos mineiros. De acordo com esta abordagem os fenômenos foram investigados em toda sua complexidade e em contexto natural: “*Uma boa interpretação do que quer que seja (...) conduz-nos ao coração daquilo que pretende interpretar.*” (Geertz, 1973). Conhecendo o coração do que se quer interpretar, começamos a entender os critérios que a vida segue na perspectiva da comunidade em questão. Seguindo nesse método pode se chegar a conhecer a estrutura que sustenta, tanto a vida material quanto a cultural. Elas estão imbricadas uma na outra.

A compreensão da realidade se deu a partir da perspectiva dos sujeitos valorizando a lógica própria de sua atividade. Para tanto, foi importante deixar de lado qualquer ideia apriorística que se tinha dela. Só assim, foi possível assumir uma postura de *submissão total*¹¹ à realidade. Dessa forma, não existe um método anterior ao início da caminhada: “não há caminho pré-configurado, (...) uma determinada metodologia de acesso ao verdadeiro.”(Chasin, 1995) Pode-se iniciar indicando alguns caminhos, porém, o dia a dia do trabalho de campo se impôs. Isso aconteceu nas quatro viagens feitas a Potosí. Quando ia para o campo tinha a estranha sensação de que poucas coisas podiam ser previstas, era como se o nada me esperasse. Ao chegar, deparava-me com condições de vida e sujeitos para entrevistar que se impunham. Condições difíceis para permanecer no local e sujeitos arredios que falavam pouco. Tudo isso influenciou no fazer da pesquisa.

¹¹ como nos esclarece chasin: “*conhecer é subsumir-se à coisa que se pretende conhecer e que o rigor vem do objeto e não da cabeça. Na é um apriori e sim (algo a ser) construído no caminho. É reproduzir as coisas como elas são. Conhecimento e rigor não é absoluto. É um possível que se amplia à medida em que a lógica do pensar se adequa à lógica do ser.*” Chasin, J. Curso de Ontologia no Mestrado em Filosofia, UFMG. Belo horizonte, 1994

Essas considerações vão ao encontro do que Yves SCHWARTZ chama de ter um “*olhar ergológico*” (SCHWARTZ, 2007) sobre o trabalho. Ele considera que o trabalho está em constante transformação (sempre existirá um fazer de outra forma). A situação de trabalho e a atividade não podem ser categorizadas, e sim, descategorizadas. A abordagem ergológica ensina que para compreender o trabalho é necessário colocar à disposição dos sujeitos os conceitos de que se dispõe sobre o que vem a ser o trabalho, para serem testados pelos que estão diretamente ligados à atividade. Ao colocar as experiências e os conceitos no mesmo espaço surgem os debates de normas e valores e isso traz à luz a realidade da vida.

Para abordar as situações de trabalho, a abordagem ergológica utiliza-se do ‘Dispositivo Dinâmico de Três Pólos’. Uma forma de aproximar os conceitos da experiência, buscando apreender as formas de saberes e valores gerados pela atividade. Esse dispositivo é sustentado por um tripé: o pólo da atividade, o dos conteúdos acadêmicos das diversas disciplinas e o pólo que articula os dois primeiros: a disposição de ambos para sustentar um posicionamento ético e epistemológico engajado em fazer valer e existir um projeto comum de se educarem mutuamente.

De acordo com a abordagem ergológica a construção de conhecimentos em situações concretas de trabalho por meio de observações, entrevistas e troca de experiências entre trabalhadores e pesquisadores é o que sustenta a pesquisa. Assim, o método de síntese ergológica busca “o valor da experiência operária como terreno de pesquisa e como potencial para transformações nas condições de trabalho” (Schwartz, 2007, 40) e ainda: “É próprio da démarche ergológica o confronto de saberes entre si e destes com as experiências de atividade como matrizes de saberes.” (Junior, 2010)

É importante ressaltar a ligação entre Paulo Freire e a abordagem ergológica. Pode-se dizer que ela se situa no prolongamento das concepções pedagógicas desenvolvidas por Freire. No caso, por exemplo, do saber investido na ergologia que é compartilhar e o educar-se mutuamente de Freire.

Uma questão metodológica da ergologia a ser abordada é a da reserva de alternativas. Há sempre um trabalhar de outro modo. Um jeito do corpo que sabe e se impõe em determinadas ocasiões. Para a ergologia a neutralidade e a imparcialidade são ilusórias.

O método de investigação e educação em ergologia considera a construção de conhecimentos em situações concretas de trabalho por meio de observações, entrevistas e troca de experiências entre sujeitos que se ocupam da prática e sujeitos que são encarregados de avançar nas várias disciplinas acadêmicas. Assim, o método da abordagem ergológica busca “o valor da experiência operária como terreno de pesquisa e como potencial para transformações nas condições de trabalho¹²”. Dessa forma, essa abordagem preserva “a centralidade da experiência do trabalho como objeto de reflexão”¹³ para instruir a prática educacional, inclusive, “conduz a uma interrogação a propósito do estatuto político e epistemológico dos saberes produzidos no trabalho”¹⁴ que possam caracterizar e definir um rumo para uma abordagem da formação do ser humano rumo a um ideal de omnilateralidade.

Finalmente pode-se concluir a respeito das contribuições da abordagem ergológica para o campo do Trabalho e Educação, juntamente com Júnior¹⁵:

A ergologia tem tido marcante presença nas produções da linha de pesquisa, “Política, trabalho e formação humana” deste programa de pós-graduação da Fae/Ufmg. O aporte da abordagem ergológica busca promover o saber do trabalhador como central no processo educativo no trabalho, sendo a noção de ‘uso de si’, de ressingularizações e de renormatizações essenciais nas articulações.¹⁶

Ivar Oddone (1986) nos chama a atenção para dois fatores importantes no que concerne à forma de abordar o ambiente de trabalho. Em primeiro lugar, deve existir um espaço para o saber que vem dos trabalhadores. Deve existir uma linguagem comum entre trabalhadores e pesquisadores. Em segundo lugar, é necessário preocupar-se não só com ‘o quê’ os trabalhadores sabem, mas com o ‘como’ eles sabem, pois só assim abre-se a possibilidade para a transformação da atividade que culmina na transformação do ambiente de trabalho. Outro aspecto metodológico importante que Oddone ressalta, é a necessidade de existir por parte dos operários uma hegemonia. O que significa em encarregar-se pessoalmente a não limitar-se a denunciar situações de risco e delegar a solução. Os trabalhadores precisam engajar-se em criar postos de trabalho que não levam consigo consequências negativas sobre a saúde e, em perspectiva, refletir ao

¹² Ibidem, 40.

¹³ Ibidem, 46

¹⁴ Ibidem, 50

¹⁵ Júnior, A. B. G *O mal-estar no trabalho de teleatendimento: o uso de si e o saber fazer com o sintoma*. Belo Horizonte: Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Doutorado em Educação da FAE/UFMG. Orientadora: Daisy Moreira Cunha, 2010.

¹⁶ Idem.

máximo sua situação produtiva como seres pensantes. Isso acontece porque, seguindo Yves Clot (2006) com a inclusão dos trabalhadores no processo de construção do conhecimento, em torno da situação de trabalho, eles desenvolvem a capacidade de agir sobre eles mesmos e sobre o campo profissional. De acordo com esses argumentos, debruçar-se sobre a realidade em Potosí, através da abordagem ergológica é adequado, já que esse método valoriza o saber dos trabalhadores. Porém, diante de uma realidade complexa, e pouco conhecida, como a realidade de Potosí, é importante realizar uma investigação ainda exploratória.

*

Esta pesquisa iniciou-se em junho de 1999 quando conheci Potosí e entrei pela primeira vez em uma mina desativada do Cerro Rico. Fiquei sensibilizada com a dureza do trabalho e com a riqueza cultural. Nessa época intuí que ainda voltaria a Potosí para trabalhar com eles e tentar ajudá-los.

Na graduação em Psicologia foi possível conjugar o pessoal e o coletivo ao analisar as experiências de trabalho, debate muito realizado no âmbito da psicologia social. Pode-se dizer que essa disciplina surge da necessidade de integrar o eu ao outro interno, o individual e o coletivo. Simone Weil tentava fazer isso, mesmo que, em alguns momentos, priorizasse o coletivo, fruto da conjuntura de seu tempo. Já a ergologia, que nasce no final do século XX, embrenha-se com mais propriedade no terreno do eu que age – trabalha. Por esse e outros motivos acredito ser possível e profícuo realizar um diálogo entre Weil e Schwartz. Como pesquisadora, trabalhei com a junção do marxismo com a psicanálise, ingressei no laboratório de psicologia social que trabalha com o tema da cultura em uma comunidade próxima a Belo Horizonte que se chama Morro Vermelho. Comecei investigando o trabalho em Morro Vermelho, porém o que consegui fazer foi trabalhar em um projeto sobre as lutas políticas no ciclo do ouro. Logo surgiu a pergunta como as pessoas conciliam, na vivência, a experiência mística e o marxismo? É nesse momento que chego a Simone Weil, uma professora que conciliou, como ela fez isso? Desenvolvo um trabalho sobre a Necessidade e a

Vontade a partir da análise dos diários de fábrica dela. A conclusão desse estudo me leva ao tema da materialidade na vivência operária. Aqui começo a me interessar pela mineração. Rodeado de rocha (matéria bruta) como o ser humano reage? A conclusão deste estudo me leva a um continuum, que vai da total submissão da consciência à matéria, passa pela vida submetida à matéria, as reações à submissão, as respostas pessoais contra a submissão e as proposições de liberdade. Em 2008 chego ao conceito de hilética na fenomenologia e me pergunto sobre a materialidade e o método fenomenológico realista na vivência de mineiros. Em 2009 inicio a pesquisa em Potosí pela internet, livros, filmes me preparando para o campo.

Depois dessa trajetória, já sendo orientada pela professora Daisy, voltei à Potosí em 2010 com a intenção de realizar um levantamento de dados sobre a realidade da mineração artesanal na cidade. Nessa ocasião estabeleci os primeiros contatos, registrei as informações em um diário de campo, realizei duas entrevistas na Mina – Rosário Cooperativa Unificada, datada do séc XVII¹⁷ e entrei na Mina do Rosário. Em janeiro de 2011 voltei à Potosí. Nessa estada na cidade entrevistei 10 mineiros, continuei meu diário de campo, visitei duas cooperativas, uma melhor estruturada e outra mais precária, fui à Universidade Tomás Frias, tirei fotos, entrei em duas minas e em um engenho bastante precário. Nos primeiros dias realizei observação ‘in loco’ e familiarizei-me o máximo possível com os mineiros. Nesse período, selecionei os sujeitos para as entrevistas exploratórias. Nos últimos dias realizei as entrevistas com o maior número possível de mineiros das minas pesquisadas.

Na última viagem pretendia esclarecer de forma exploratória todo o processo da mineração artesanal e focar na questão da dinâmica cultural. Realizei nessa etapa uma entrevista em profundidade e dessa vez não visitei o Cerro.

Esta fase tornou-se necessária já que essa pesquisa tem um caráter ainda exploratório além de ser bastante profícua para estabelecer o contato mais íntimo com os sujeitos na intenção de construir uma relação de empatia: por parte do pesquisador – uma sincera e real abertura para o outro diferente; por parte do mineiro uma disposição para colaborar baseada na real constatação de que a partir deste encontro será possível construir um diálogo criativo e proveitoso para os dois – nada de uma relação de troca

¹⁷ Esse primeiro contato foi realizado através de uma agente de turismo de uma empresa local.

fria e utilitarista. Apenas com esse tipo de interação se torna possível construir conhecimento entre duas pessoas. A seguir o relato passo a passo do processo metodológico.

Observação participante (Anexo II): observação da atividade na mina desse coletivo – sujeito a disponibilidade de autorização – entrei como turista. Essa observação foi baseada nas instruções de Ecléa Bosi para um jovem pesquisador presente em seu livro intitulado: “O Tempo vivo da memória” (2003). Utilizei o roteiro de observação, apenas como referência. É preciso estar aberto e atento à realidade, assim como ela se apresenta. Para isso é necessário vivenciar a cultura do povo através de uma atitude de sensibilidade às demandas dos sujeitos. O que significa sustentar uma atitude empática ao desenvolvimento dos processos, uma postura de abertura e atenção a todos os fenômenos, existe uma riqueza infinita em cada um deles, mesmo que não seja possível apreendê-la completamente é fundamental admirar a forma singular com que cada pessoa realiza sua atividade para colher seu significado. Investigar o que “... os trabalhadores realmente fazem, como fazem, por que fazem, se podem fazer de outro jeito e o que têm a dizer sobre seu trabalho.” (Abrahão/ Pinho, 1999). De acordo com Malinowski¹⁸ a metodologia de coleta de dados deve ter como objetivo descrever a organização e anatomia da cultura, os imponderáveis da vida real (comportamentos/rotina de trabalho/conversas/vida social/aspectos psicológicos) e o espírito da cultura (pensamentos/saberes/valores/palavras/motivação/posicionamentos). Além disso, o autor argumenta que o objetivo final de uma pesquisa etnográfica seria apreender o ponto de vista dos nativos (a ergologia ressalta a necessidade de atingir o ponto de vista da atividade), seu relacionamento com a vida, sua visão de mundo. Entretanto, como esta não é uma pesquisa etnográfica, tais objetivos foram tomados, apenas como norte, como uma espécie de ajuda à observação: um aguçar da sensibilidade para o diferente. O que acarreta uma postura de abertura à realidade da vida por parte do pesquisador.

Deve ser feito sistematicamente, durante todo trabalho de campo, um diário. Assim, realizei um registro descritivo da situação, diferenciando interpretações pessoais de interpretações dos sujeitos com anotações realizadas logo após a observação.

¹⁸ MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental: Relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. São Paulo: Editora Abril, 1922.

As entrevistas exploratórias (anexo III): De acordo com pesquisa anterior, constata-se que as funções dos mineiros estão divididas em seis: carreto, perfuração, transporte de ferramentas e minério, extração, limpeza do minério e carregamento da bolsa (chasquiar). Selecionados os trabalhadores envolvidos nessas atividades, realizou-se entrevistas com os mineiros cooperados (na entrada da mina existe um calendário com o nome e horário de trabalho de cada um). Assim, pode-se ter uma idéia geral das atividades realizadas para a composição do objetivo final: extrair o minério, em suas diferentes modalidades. As entrevistas foram gravadas em aparelho digital.

A síntese e interpretação dos dados serão feitas a partir da transcrição, organização e da estruturação destas. A interpretação será realizada de acordo com a abordagem ergológica da atividade: evidenciar o sentido do trabalho para os trabalhadores e coletivos pertinentes ao cotidiano de trabalho, através de seus relatos. Realizar, também, um tratamento pluridisciplinar da atividade. É importante ressaltar que a abordagem ergológica enfatiza a necessidade da realização de ‘operações de síntese do conteúdo’ dos dados. Assim, evita-se, na medida do possível, a fragmentação desencadeada pela análise.

Por fim, este trabalho é uma pesquisa exploratória (entrevistas/ observações) e tem o objetivo de evidenciar os ‘usos de si’- “corpo-si” na atividade como forma de enraizamento dos mineiros de Cerro Rico - localizado a 4000m de altitude e onde a extração mineral artesanal de metais é a base da economia.

2) ENRAIZAMENTO E CORPO-SI: NOTAS PARA UM DIÁLOGO

A grande dificuldade para conceituar e estudar o trabalho humano nasce já no momento de procurar sua origem na história da humanidade. Uma parte dos historiadores da pré – história localizam o surgimento do trabalho na era paleolítica há 2,5 milhões de anos. Diante da necessidade de sobrevivência, os homens começam a fabricar instrumentos em série para tornar a interação com a natureza mais humana e menos hostil. Assim, eles ganham experiência e algum domínio sobre o meio. Outros historiadores, porém, localizam o surgimento do trabalho no Oriente Médio, entre 9000 e 8000 a.c., com as sociedades agrícolas organizando seus ciclos sociais, seu habitat, sua vida comum em torno das exigências da produção (SCHWARTZ, 1996). Seria a conhecida revolução neolítica. Porém, só no século XVIII surgiria, com os economistas ingleses, a idéia de que o trabalho é fonte de toda riqueza social e de todo valor (trabalho mercadoria) (ARANHA, 2009). Entretanto, alguns economistas, sociólogos e historiadores acreditam que o conceito de trabalho se efetiva a partir da generalização do sistema de salários no final do século XIX, início do século XX. Momento em que o tempo de ‘trabalho’ e de ‘não trabalho’ é bem delimitado, assim como o tempo público e o tempo privado, operação que tornaria possível a quantificação do ‘valor trabalho’.

Diante de várias origens pode-se, também, encontrar vários sentidos. Cada qual imbuído de seus sistemas de pensamento. O que não é recomendado deixar de considerar é que o trabalho é um tema complicado, e como tal, precisa ser abordado em suas complexidades. A primeira providência a tomar nessa direção é aceitar suas várias origens, seus diversos nascimentos. De acordo com Schwartz, não se inventa nada no campo ergológico. Torna-se necessário considerar que, assim como as diversas realidades do mundo humano, o trabalho também é perpassado por várias dimensões. Ele está inserido em uma realidade que é ao mesmo tempo material (corpo/ambiente), psíquica, espiritual (histórica, cultural, social etc.).

Os filósofos da história e do marxismo reconheceram o trabalho como objeto para a filosofia. Eles promoveram um conceito abstrato de trabalho, essencial para a compreensão do movimento histórico. Para esse conceito ser frutífero e não fechar a questão é necessário reconhecer o trabalho não só como objeto, mas também, como

matéria estrangeira¹⁹. Assim, um campo de interrogações e enigmas se abre à pesquisa sobre o trabalho. Não se fala somente de um objeto definido, mas de um sentido a ser desvelado, podendo assim, abrir caminhos para a compreensão da relação da pessoa com a natureza e seus semelhantes, além de esclarecer as novas realidades do mundo do trabalho colocadas pelo nosso tempo. Além do trabalho industrial, comprado como mercadoria e muito bem analisado através do conceito de ‘mais valia’ de Marx, o que pensar sobre os trabalhos na área dos serviços, da flexibilização dos contratos, do trabalho informal, da economia solidária, o trabalho de educação em instituição escolar ou na família, o doméstico, o militante, o trabalho no campo, o das cooperativas etc... O que pensar dos diversos instrumentais disciplinares para a análise do trabalho?

Otávio Dulci sustenta um olhar plural para o trabalho ao abordá-lo em suas diversas dimensões:

A questão do mercado de trabalho, abordada, sobretudo, pela economia, estende-se para a área educacional, de treinamento e qualificação dos trabalhadores. Já as relações de trabalho, o processo de trabalho, o seu ambiente social, bem como o desenvolvimento das profissões, são preocupações eminentemente sociológicas, mas que interessam muito aos historiadores (História social). As implicações do processo de trabalho, por sua vez, se desdobram nos campos da Engenharia (Ergonomia, por exemplo) e da Medicina, ao lado de outras áreas clínicas, como a Psicologia, a Enfermagem e a Terapia Ocupacional. Trata-se aí dos problemas relativos à saúde, aos acidentes de trabalho, às doenças ocupacionais, às atividades insalubres. Além disso, o trabalho tornou-se, com o tempo, um campo relevante de codificação e análises jurídicas (Direito do Trabalho). Os direitos trabalhistas representam um avanço significativo da cidadania ao longo do século XX, embora abalados pelo desemprego estrutural, fruto da expansão tecnológica, pela precarização do trabalho e pela informalidade. Essas questões (...) envolvem, (...) considerações políticas, tendo em vista as políticas de emprego e renda que possam contrabalançar os problemas sociais gerados pelo mercado.(DULCI, 2003: p.13 in CUNHA E LAUDARES, 2009: p. 51

Ao citar essa passagem, Cunha e Laudares evidenciam de que forma o trabalho deve ser tratado como um fato multidimensional que deve ser compreendido a partir de

¹⁹ Schwartz, Y. *Trabalho numa perspectiva filosófica*. Definição de **matéria estrangeira**: “A filosofia é uma reflexão em que qualquer matéria estrangeira é boa, e, diríamos de bom grado, em que qualquer boa matéria deve ser estrangeira (...) Nós esperávamos precisamente da medicina uma introdução a problemas humanos concretos” In: Canguilhem, G. *O normal e o patológico*. PUF 1996 – Tradução brasileira, 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000: p. 308.

várias disciplinas, que precisam dialogar para abarcar o trabalho em sua totalidade dinâmica. Através de um olhar transdisciplinar que não fragmenta a unidade da vida, explora-se as interfaces do trabalho que, assim como a vida, guarda lugares e caminhos ainda desconhecidos, por isso estrangeiros. Lugares de alteridade, que ultrapassam o familiar e fazem a ponte com o outro.

Da mesma maneira, Schwartz considera que para estudar o trabalho humano precisa-se assumir uma postura de abertura diante das realidades da vida, valorizar os enigmas, manter-se atento às contradições, o que leva a um permanente ‘desconforto intelectual’(SCHWARTZ E DURRIVE, 2007). Em uma situação de trabalho, conjugam-se o micro do fazer com o macro do ser político. É um momento de protagonismo da pessoa que trabalha. Ela terá diante de si uma ‘oportunidade’ de se posicionar frente às limitações e possibilidades da realidade. Assim, mobilizará suas potencialidades corporais, psicológicas e espirituais para realizar o que dela se espera. “Uma situação de trabalho contém as questões da sociedade. Inversamente pela maneira como se trabalha, cada um toma posição nestes debates da sociedade e os recompõe na sua escala.”(SCHWARTZ E DURRIVE, 2007: p. 31) Por isso Schwartz entende que ‘trabalhar é gerir’(SCHWARTZ E DURRIVE, 2007: p.34), tanto a distância entre o que se espera do trabalhador e o que ele consegue fazer quanto os debates de normas, valores e saberes que estão colocados pela situação de trabalho e pela sociedade na qual ele está inserido. O trabalho foi sempre apreendido na mudança. O sentido dessa mudança não pode ser antecipável. É preciso ver de perto como cada um, não apenas se submete, mas vive e tenta recriar sua situação de trabalho. Trabalhar é hoje uma forma específica (troca-se por dinheiro) da atividade humana. Na atividade existe o homem (valores – o que ele é, o que ele desejaria que fosse ele mesmo, o meio etc...), o meio material, social, histórico, jurídico (normas). E o encontro: debates de normas, valores e escolhas dentre as reservas de alternativas. Debates que se concretizam no gesto e nas diversas relações engendradas na situação de trabalho e na sociedade em geral. (SCHWARTZ E DURRIVE: 2007p. 95) Toda atividade de trabalho implica escolhas, confrontações e reinvenções de si mesma. Está sempre em jogo o fazer e o se posicionar, como ser político, diante da realidade das coisas. Por isso toda situação de trabalho é transformadora de si e do ‘viver junto’(IDEM: p.101).

Eis o motivo pelo qual, estudar o trabalho como matéria estrangeira, inclusive o mercantil, e não como objeto delimitado, integra-o em um horizonte mais amplo, o da atividade humana.

A noção de atividade, tal como a utiliza a abordagem ergológica, fundamenta-se em duas fontes filosóficas:

1) a do fazer laborioso do gênio artesanal, que remete à primeira herança que vai de Platão a Diderot, passando por Descartes e Leibniz. Períodos, na história da filosofia, em que o fazer artesanal instigava e despertava a reflexão sobre suas vicissitudes e possíveis relações com as questões relacionadas ao homem e à natureza. O interesse de Platão pela sabedoria dos artesãos competentes engloba em certo sentido a técnica. Para Descartes e Leibniz o que faz do trabalho do artesão algo diferente é a esperança desses grandes filósofos de um possível domínio das forças naturais pela nova ciência da natureza. É preciso considerar que os artesãos utilizavam as leis da natureza sem as conhecer. Descartes achava que um professor instruído pela experiência dos artesãos era mais preparado. É muito significativo também sua relação com o seu cortador de lentes favorito, com essas lentes, Descartes estudava as leis da proporção. Ele diz que não duvida mais do que depende da mão e que acontecem mil encontros no decorrer do trabalho que não se pode prever no papel. Segundo Schwartz saber tratar desses encontros é o gênio do artesão. Descartes continua se questionando por que uma roda que permite polir as lentes fica de um dia para o outro desigual? Um torneiro de Amsterdã pensa que esta desigualdade acontece porque o interior desta roda é de madeira, o que faz aumentar ou baixar, conforme o tempo, o cobre de que ela é feita na sua circunferência. Assim pode-se concluir que a experiência do artesão sabe intuitivamente relacionar as variações da madeira com a temperatura ou a umidade ambiente.

Entre Platão e Descartes, Schwartz localiza Aristóteles que elevaria a ação humana à dimensão mais específica e nobre da experiência humana, como algo oriundo de uma decisão e uma arbitragem de valores. Com os conceitos de *poiésis* e *práxis*, Aristóteles destrincha as características da ação. Ao fazer isso enquadra o 'objeto trabalho'. Schwartz vai dizer que essa tradição tem como melhores herdeiros, não em linha reta, Habermas e Hanna Arendt que atribuirão ao trabalho um valor negativo, pois

eles estabelecem com o marxismo um diálogo crítico. E Marx, juntamente com os economistas ingleses do século XVII, retoma o trabalho como tema de estudo.

2) Marx retoma o conceito de *tatigkeit* de Kant: “é uma experiência de vaivém obscuro entre as diversas faculdades intelectuais do homem, essencialmente entre seu entendimento e sua sensibilidade, ‘arte escondida’ (...)” (Idem) que para Kant é indispensável à existência de uma experiência humana que é, no entanto, indecifrável. Seria uma dinâmica que circula em todos os meios de conhecer, por isso nunca poderá ser conhecida. Ao ser retomado por Marx, nas ‘Teses sobre Feuerbach’ e depois no *Capital*, esse conceito chega aos psicólogos soviéticos e aos ergonômistas franceses que recompõem a noção de atividade como uma negociação problemática das normas do trabalho em uma pessoa humana, alma e corpo biológico e histórico.

Quem retoma essas heranças e opera uma síntese que possibilitará pensar filosoficamente a atividade é G. Canguilhem, um médico e epistemólogo francês, que ao lidar com as questões sobre o normal e o patológico escreve: “eu tomo ainda o risco de procurar fundar o significado fundamental do normal por uma análise filosófica da vida, entendida como atividade de oposição à inércia e à indiferença.” (CANGUILHEM, 2000: 34) Ao beber dessas fontes a ergologia amplia o conceito de atividade. Ela pode ser pensada em oposição à inércia, à morte. É através de alguma atividade que o homem se engaja na vida. Na atividade, está em jogo se fazer humano. De certa forma, criar-se e se manter humano em conjunto com seus semelhantes que também estão se formando e construindo, ao mesmo tempo, seu ambiente. Essa formulação da atividade como oposta à inércia das coisas e dos seres acarreta consequências para a compreensão de ambientes de trabalho taylorizados nos quais se supunha não haver vida devido ao alto grau de submissão dos trabalhadores às atividades repetitivas.

Schwartz caracteriza a atividade industriosa como ‘um destino a viver’. Um encontro da pessoa com as condições de existência a ela colocadas.

A atividade é um cadinho onde os valores são continuamente retrabalhados: valores do mercado e valores da cidade; valores afirmados universalmente (nível macro) e valores concretizados especificamente, na atividade humana (nível micro). É na atividade que se tece a aventura humana; é também pelo reconhecimento dessa atividade que a sociedade permitirá a cada um participar dignamente desta aventura. (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007: p. 294)

Weil recupera essa amplitude e complexidade ao formular sobre a capacidade humana de recriar a vida.

A grandeza do homem é recriar sempre a sua vida. Recriar o que lhe é dado. Forjar o que ele sofre. Pelo trabalho, ele produz sua própria existência natural. Pela ciência, recria o universo por meio de símbolos. Pela arte, recria a aliança entre seu corpo e sua alma. (WEIL,1996)

Procurando abarcar essa complexidade, a ergologia nasce e se estrutura com uma postura de abertura diante da atividade. A atividade humana requer trabalhadores que estão sempre em mudança junto ao seu meio. Eles estão sempre em negociação dos valores e normas que compõem seu trabalho concreto. É por esse motivo que o olhar ergológico deve ser ‘atento e nunca satisfeito com o que vê’, pois a atividade muda. “A ergologia é a aprendizagem permanente dos debates de normas e de valores que se renovam indefinidamente...”(SCHWARTZ e DURRIVE, 2007: 30): “Atividade – é um élan de vida e de saúde, sem limite pré-definido, que sintetiza, atravessa e liga todas as dimensões do humano: o corpo/espírito, individual/coletivo, o fazer e os valores, o privado/profissional, o imposto e o desejado.” (SCHWARTZ e DURRIVE, 2007: 30)

Por fim, não deve ser por acaso que no centro da própria grafia da palavra **atividade** encontra-se a palavra vida. Toda atividade é ocasião de encontros, (encontro é sempre de duas coisas que se movimentam, que têm vida) convergências, divergências e criações entre os limites e possibilidades da relação da pessoa com ela mesma (seu corpo, afetos, valores, saberes e crenças), com os outros, com o ambiente material, social, histórico e cultural.

2.1 Abordagem Ergológica do trabalho

Na tentativa de conhecer e aprender com a atividade humana, em um eterno vaivém entre teoria e prática, articulando as disciplinas do conceito com as atividades da vida real, a *démarche* ergológica procura nominar algumas dinâmicas presentes na atividade. Procurarei explicitá-las a seguir.

A distância entre o prescrito e o real

Existe uma distância entre o trabalho real e o trabalho prescrito. Essa distância é o ponto de partida da Ergonomia e de acordo com a Ergologia é universal. Todas os

conceitos a seguir são consequências da observação dessa distância em razão da variabilidade das situações de atividade e de o que é viver no trabalho para cada pessoa. Em qualquer que seja a situação, entre o trabalho que a “gente” pensa ou o outro pensa para “gente”, antes de realizá-lo, e a realidade deste trabalho haverá sempre uma distância que pode ser apreendida na observação da realização da atividade. Essa distância sempre existiu desde que nossos ancestrais começaram a esculpir as pedras ou fabricar os primeiros utensílios. Uma atividade nunca é a mesma, mesmo que seja realizada pela mesma pessoa. Cada um reorganiza e gere continuamente, minuto a minuto a realização da atividade.

O conteúdo da distância é sempre ressingularizado

Sempre existirá uma distância que não pode ser prevista. O que cada um faz, diante das diferenças entre o previsto e o real, é da ordem da recriação, reinvenção. É um momento em que o novo, parcialmente singular, é introduzido na história e será a cada novo gesto expressão de um determinado tempo. Assim, fica claro que nem mesmo uma mesma pessoa realiza a mesma coisa, por mais repetitiva que seja a atividade. Existem regularidades e tendências que são constantemente ressignificadas. A história de cada um se materializa no tempo, preenchendo a distância entre o prescrito e o real. Esse ato é realizado por uma pessoa específica, com suas características morfológicas, psíquicas, culturais, que age, no seu tempo, em relação com o real: meio material, social e político.

Outra racionalidade – corpo-si

O corpo-si é uma entidade que sintetiza dimensões conscientes e inconscientes que estão em jogo no momento de realizar a atividade. Ela é guiada por uma unidade que atravessa tanto o intelectual, o cultural quanto o fisiológico, o muscular, o sistema nervoso. É uma racionalidade do agir que entra em cena e realiza arbitragens complicadas e enigmáticas. Ela faz a gestão da distância entre o previsto e o real, decide levando em consideração as diferentes dimensões da pessoa, das mais biológicas até as culturais. São escolhas feitas por uma unidade que congrega a consciência e o corpo: tornam a situação vivível no sentido fisiológico, muscular e também cultural.

Essa entidade faz surgir na situação de trabalho um enigmático ‘alguém’, um sujeito em relação a um meio. Tanto o prescrito quanto o meio, se forem considerados à risca, tornam a situação de trabalho ‘impossível e também invivível’(SCHWARTZ), pois, ambos criam um tipo de infidelidade que deverá ser gerida pela pessoa que realiza a atividade. Por isso é preciso fazer um ‘uso de si’ por si mesmo e pelos outros.

A distância remete ao debate de normas, valores e saberes consigo e com o outro em torno do viver, inclusive do ‘bem viver junto’

A atividade é perpassada por valores. ‘Há sempre valores em jogo na atividade’(SCHWARTZ). Na atividade a pessoa faz escolhas, a todo tempo, em função de critérios e portanto de valores. Para a realização das escolhas estruturam-se ‘debates de normas’. Eles estão presentes no interior da menor atividade de trabalho. ‘... a distância remete a um debate sobre valores’(SCHWARTZ) na atividade o trabalhador faz escolhas baseado em valores e normas que estão sempre em debate. Debates consigo mesmo (economizar a fadiga, manter os ritmos e cadências...) e debates de valores que são da ordem social: ‘o bem viver juntos’(Idem). Se não se consider esses aspectos não é possível compreender o trabalho. Porque ‘a arbitragem mobiliza um complexo de valores: o trabalho é sempre encontro de valores.’(SCHWARTZ)

Para Schwartz “trabalhar é gerir defasagens entre o prescrito pela sociedade e o real da atividade”. (SCHWARTZ) Ele assume uma postura de retorno ao real do trabalho concreto para compreender os processos de intercâmbio entre a ação (o fazer intrínseco a qualquer atividade) e também os valores, normas e saberes investidos na relação do homem com o seu meio natural e social que, por sua vez, constituem e sustentam o real da atividade. Valores, normas e saberes que se relacionam através do ‘debate de normas’ entre as diversas dimensões da realidade. Ao interrogar o sujeito que realiza a atividade, os referenciais de compreensão de si mesmo, do social, do ambiente material, cultural e da sua atividade são explicitados.

A Ergologia, como uma forma de abordar o trabalho, ressalta a importância de uma abertura do pesquisador diante da atividade. Esta se dá em meio às escolhas feitas dentre as reservas de alternativas contidas no micro do fazer e no macro do ser político que se posiciona diante da realidade das coisas. A distância a ser gerida no trabalho e a infidelidade do meio permite ao trabalhador fazer a escolha dentre as reservas de alternativas, daquelas que melhor o formam como sujeito da situação, por mais hostil

que ela pareça há sempre um espaço para ressingularizações de si, da atividade, dos motivos que o levam a realizá-la e do meio através do ‘uso de si’(seus limites e potencialidades). O ‘uso de si’ é guiado e gerido na interação de uma entidade enigmática intitulada ‘corpo si’(sintetiza no momento da ação escolhas conscientes e inconscientes) e o meio. Essas escolhas são realizadas nas diversas situações de trabalho onde está em jogo um posicionar (arriscar-se) do sujeito diante da possibilidade de existir como pessoa singular ou submeter-se às várias coerções da vida. Toda atividade é repleta de ‘dramáticas do uso de si’ que significa dizer que a totalidade da vida e do ser está em jogo no trabalho. Por isso toda situação de trabalho é transformação de si e do ‘bem viver junto’. (SCHWARTZ) Por tudo isso, pode-se dizer que: ‘a ergologia constitui-se em um projeto de conhecer e, sobretudo, *de melhor intervir sobre as situações de trabalho para transformá-las.*’(SCHWARTZ)

As entidades coletivas relativamente pertinentes

No dia a dia de qualquer atividade, manifestam-se coletivos dinâmicos que são responsáveis pelo andamento do trabalho. As relações pessoais e profissionais criam comunidades onde os costumes são estabelecidos tacitamente, ou não, através de debates, normas, saberes, valores e linguagens intrínsecos às interações e compartilhados por seus membros. Muitas vezes pode-se perceber as estruturações desses coletivos quando um membro é trocado, retirado, acrescentado ou se ausenta por algum motivo.

O Dispositivo Dinâmico de Três Pólos

A ergologia se estabelece a partir de três aportes teóricos: a ergonomia francesa, em especial, a obra de Alain Wisner; as formulações filosóficas de George Canguilhem e a noção de experiência operária de Ivar Oddone. Em sua obra “Redécouvrir l’expérience ouvrière” ele relata uma iniciativa de articulação entre vários atores envolvidos na gestão das nocividades e riscos à saúde presentes no ambiente de trabalho. A partir de uma experiência vivida em uma fábrica de automóveis da Itália, a Fiat Mirafiori de Turin, e da resistência operária que vem se fortalecendo desde os anos 60, um novo tipo de relação entre os sindicatos, os operários e os especialistas (médicos e psicólogos do trabalho) vêm se estruturando. Com o intuito de conhecer, denunciar e diminuir os riscos enfrentados pelos operários em matéria de saúde, surgem as

“Comunidades Científicas Ampliadas”. Um fórum de reflexão, onde, operários e especialistas debatem para identificar problemas e encontrar soluções às condições adversas no trabalho. Através de uma técnica intitulada por Oddone por ‘Instrução ao Sósia’ um grupo formado por operários e especialistas ouviria o relato da experiência de trabalho de um operário que a contaria como se estivesse instruindo seu sósia. Após a escuta, os envolvidos procurariam, em linhas gerais, compreender como eram as relações dos trabalhadores com a ‘tarefa’, com os colegas, com o sindicato e com a hierarquia da empresa. Cada detalhe envolvido na atividade era indispensável para que tanto os operários quanto os especialistas construíssem, em conjunto, um saber sobre as condições de trabalho e a própria atividade. Assim, diferentes perspectivas sobre os riscos no trabalho comporiam uma comunidade onde os pólos seriam compostos pelos operários (sindicato), pelos especialistas e pela ‘consciência de classe’. Instância que possibilitaria um compromisso ético em torno do bem estar dos trabalhadores e da construção da hegemonia da classe operária. Os trabalhadores e especialistas se empenhariam em defender seu ‘ponto de vista do trabalho’ junto à hierarquia e à gestão dos riscos do trabalho na sociedade. Com essa experiência, Oddone propõe, uma reformulação para a psicologia do trabalho realizada na época, além do movimento ter produzido uma cartilha de análise dos riscos do ambiente de trabalho.

Inspirado nessa experiência Schwartz formula o seu ‘Dispositivo Dinâmico de Três Pólos’. Tal dispositivo carrega consigo a proposta de aproximar os conceitos o mais próximo possível da situação de trabalho, “buscando apreender as configurações de saberes e valores gerados pela atividade” (CUNHA, 2007). Esse dispositivo é sustentado por um tripé: o pólo da atividade, o dos conteúdos acadêmicos das diversas disciplinas e o pólo que articula os dois primeiros: a disposição de ambos para sustentar um posicionamento ético e epistemológico engajado em fazer valer e existir um projeto comum de se educarem mutuamente. Sobre o dispositivo Cunha esclarece

consiste em confrontar saberes acadêmicos e saberes desenvolvidos pelos trabalhadores em seu cotidiano. Um primeiro pólo é aquele dos saberes armazenados pelo patrimônio conceitual das disciplinas. Um segundo pólo é aquele dos saberes investidos no exercício do trabalho, saberes da experiência a serem resgatados e, em alguns casos, formalizados, a partir de análises finas das atividades de trabalho situadas. Um terceiro pólo se inscreve aqui para designar uma postura ética e epistemológica presente nos projetos em comum que acordam entre si os dois outros pólos.(CUNHA: 14)

Essa abordagem preserva “a centralidade da experiência do trabalho como objeto de reflexão”(CUNHA 2007: 14) para instruir a prática educacional, inclusive,

“conduz a uma interrogação a propósito do estatuto político e epistemológico dos saberes produzidos no trabalho”(CUNHA 2007: 15) que possam caracterizar e definir um rumo para uma abordagem da formação do ser humano rumo a um ideal de omnilateralidade.

2.2 Trabalho e Enraizamento em Simone Weil

Simone Weil nos deixa escritos sobre a condição humana (opressão e liberdade, sofrimento, contradição/real/verdade, atenção/trabalho/natural e sobrenatural – mística, estética etc.), as necessidades da alma e a vida das coletividades (junção na vida entre espiritualidade/política/ética e magistério – aulas para mineiros de filosofia/marxismo e agricultores – filosofia clássica). Os textos sobre “O Enraizamento”, escritos no contexto da segunda guerra mundial, nos concede profícuas possibilidades de interpretação da realidade dos homens e seus grupos.

Uma pensadora muito preocupada em viver suas idéias não abre mão de manter-se coerente, mesmo que isso a leve à morte: como de fato ocorreu quando, impedida pela resistência francesa de estar na frente de batalha como enfermeira, decide morrer em uma clínica operária para tuberculosos, sozinha. Já doente, decide parar de comer: dizia que não lhe interessava viver se não fosse para compartilhar com seu povo o sofrimento daquele período histórico.

Análisei o Journal d’Usine²⁰ de Weil, escrito entre os anos de 1934 e 1935 onde ela relata minuciosamente sua experiência operária. Nessa estapa do trabalho tive contato com a realidade de trabalho de uma fábrica de automóveis (Renault) da época. A seguir alguns trechos dos diários e das análises.

A consciência submetida à matéria: O juízo de que é preciso produzir para viver:

...Operária despedida - tuberculosa – matou centenas de peças por várias vezes (mas quantas?). Uma vez, logo antes de cair muito doente; então lhe tinham perdoado. Desta vez, 500. Mas na equipe da noite (de 2:30 às 10:30), com todas as lâmpadas apagadas, menos as de vigilância (que não iluminam nada). O drama se complica porque a responsabilidade do montador (Jacquot) fica automaticamente empenhada. As operárias, entre as quais estou eu (Chat

²⁰ WEIL S. *La condition ouvrière*. Albert Camus (Org.) Paris: Librairie Gallimard, 1951.

e outras, paradas – dentre as quais a admiradora de Tolstoy?) a favor de Jacquot. Aí uma delas disse: **É preciso ser mais conscienciosa quando se tem a vida a ganhar.**²¹

A condição destas operárias é de quase total servidão à lógica na fábrica. Elas estão em estado de quem ainda não foi dado o direito de viver. Elas precisam se submeter a qualquer tipo de desgaste, inclusive físico, para viver. A doença não anula a crueldade a qual estão submetidas. Nem mesmo as colegas, que sentem na própria pele a mesma condição, são capazes de se compadecerem. A consciência que ainda lhes resta está em função da quantidade de peças. É a dureza que a matéria impõe neste ambiente que dita as regras e a avaliação de cada uma aos fatos. Por dureza entenda-se a necessidade material de reproduzir-se (números de peças) à custa da vitalidade humana que se coloca à disposição da produção. Só isso concede o direito de *ganhar a vida*”

No próximo relato pode-se ver a escravidão impregnada.

... e subindo no ônibus, reação estranha. Como que eu, a escrava, posso entrar neste ônibus, usá-lo graças a meus 12 centavos como qualquer um? Que favor extraordinário! Se me obrigassem **brutalmente** a descer dele dizendo que meios de locomoção tão cômodos não são para mim, que eu só devo andar a pé, acho que até me pareceria natural. A escravidão me fez perder totalmente o sentimento de ter direitos. Parece-me um favor ter momentos em que não preciso aguentar a **brutalidade humana**. Esses momentos são como sorrisos do céu, dom do acaso. Esperemos que eu conserve este estado de alma, tão razoável.²²

Nesse relato ela diz que aguentar a brutalidade humana é algo quase natural e que momentos em que isso não se faz necessário, mesmo que minimamente, são como “dom do acaso”. Espera que este estado de alma seja preservado. Pois é razoável. Inicia relatando uma reação estranha (psique) continua elaborando sobre essa reação. Elaborar é uma qualidade do espírito. Ela reage de forma estranha pois não entende como pode ter direitos, já que é escrava, desse direito diz: “Que favor extraordinário” Se fosse diferente ela reagiria de forma natural. Já está impregnada a escravidão, a reação é automática: “A escravidão me fez perder totalmente o sentimento de ter direitos.” E ao final do relato ela deixa claro: além de reagir como escrava emite um juízo (espírito): “Esperemos que eu conserve este estado de alma, tão razoável.” Ela considera como um favor ter momentos onde não precisa aguentar a brutalidade humana. Aqui fica claro a submissão da pessoa à matéria. Ela faz uso de si (suas potências psíquicas e espirituais) para sustentar a escravidão e quando isto não é preciso, por algum motivo externo à

²¹ BOSI, E. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 74.

²² Ibidem. P.105

vontade pessoal, esta se vê justificando a opressão. Mas é importante perceber que ao constatar tal estado de coisas ela começa a se distanciar do emaranhado em que se encontra submetida e aponta para um início de tomada de consciência fazendo uso de toda a sua pessoa (corpo, psique, espírito), o que não acontece no relato anterior, onde a submissão a atinge, mas só aparece a ela afetando o corpo e a psique. Aqui é para ela um pouco mais clara, mesmo que aceite a condição sobre a qual está submetida. Por causa disso reconhece que as coisas são como ‘sorrisos do céu’, ‘dom do acaso’. Invadida pela escravidão, a ponto de justificá-la, não impede que ela considere, ainda assim, uma abertura para o que pode aprazar-lhe o espírito.

Dois pontos que se vê no relato são o sofrimento e também momentos em que ela consegue ter consciência não só de sua situação mas de coisas que podem aprazar-lhe o espírito. O tema do sofrimento é central na obra de Weil. Ela terá experiências místicas em que o centro dessa experiência é o sofrimento. Sendo judia encontrará entre os cristãos espaço para se aproximar de Deus em momentos muito precisos de sua história. A seguir um pouco mais do diário de fábrica de Weil.

O esgotamento a ponto de perder a motivação.

O esgotamento acaba por me fazer esquecer os verdadeiros motivos de minha estada na fábrica, torna quase invencível para mim a tentação mais forte que esta vida inclui: a de não pensar mais, o único meio de não sofrer com ela. Só no sábado de tarde e no domingo é que minhas lembranças voltam – farrapos de idéias! - , que me lembro que sou *também* um ser pensante. Pavor que me domina quando constato a dependência em que me acho das circunstâncias exteriores: bastaria que me obrigassem um dia a um trabalho sem repouso semanal – o que, afinal de contas, sempre é possível – e eu me transformaria em uma besta de carga, dócil e resignada (pelo menos para mim). Só o sentimento da fraternidade, a indignação pelas injustiças infligidas a outros permanecem intactos – mas até que ponto tudo isso vai resistir ao correr do tempo?²³

Um desgaste completo de toda a pessoa: corpo, psique e espírito. A motivação é algo que vem sustentada pela dimensão espiritual. As leis da dimensão corporal são as leis do universo físico, as leis da matéria. A lei da dimensão psíquica é a lei da causalidade, causa e efeito entre estímulos e reações. E a lei da dimensão espiritual é a lei da motivação. (É claro que estão todas as três interligadas. A distinção é só para explicitá-las melhor) Tanto que quando somem os pensamentos (dimensão espiritual) por desgaste completo e para não sofrer mais, ela teme se transformar em uma besta de carga. Deixar de ser humana, pois perderia a dimensão própria: a do espírito. Quando o

²³ Ibidem, p. 96.

trabalho diminui um pouco as lembranças voltam, porém, ‘farrapos de idéias’, e Weil se recorda que, além de todo o esgotamento, é ‘também um ser pensante’. Então sente ‘pavor’, é dominada por este pavor: uma reação psíquica. Chega bem próxima de ver que se as condições externas a obrigassem a um trabalho sem repouso ela seria um animal. Chegar a pensar nisso é uma faísca de consciência, outras operárias podem não sentir esse medo, pois não chegam a se preocupar com isso. Elas com certeza possuem outros medos e têm momentos de consciência da situação também.

Duas coisas parecem resistir a toda dominação, a toda sujeição de alguém a alguma coisa: o medo e a percepção de que outro igual a si sofre. O medo traz consciência e a consciência mais medo. Já ‘o sentimento da fraternidade’ e ‘a indignação pelas injustiças infligidas a outros’ continuam a despertar a pessoa de sua entrega à coisa inerte sustentada pela brutalidade humana. A coisa inerte tem suas características potencializadas pela vontade humana. É por isso que Weil tem medo de ser obrigada a se entregar às circunstâncias exteriores e se pergunta até que ponto ainda terá forças para continuar se impactando com o sofrimento alheio: ‘mas até que ponto tudo isso vai resistir ao correr do tempo?’ As forças físicas, psíquicas e espirituais da pessoa definitivamente se esgotaram.

Diante destas análises surge a pergunta: que dureza é essa que faz uma pessoa causar medo a outra, faz alguém forçar-se a não pensar a impor a si estratégias de bloqueio intelectual a despeito da humilhação, do vazio e da amargura. Uma certa brutalidade que leva Weil a concluir que o esgotamento a faz esquecer os verdadeiros motivos dela estar na fábrica, pois, não pensar é o único meio de não sofrer, a leva a sentir o pavor de talvez estar inteiramente dependente das circunstâncias exteriores, o que a transformaria em uma besta de carga, a faz perder totalmente o sentimento de ter direitos e faz raro em sua vida momentos em que ela não precisa suportar a brutalidade humana.

Impressiona muito essa brutalidade que parecia sufocar a pessoa. Mesmo que se pudesse ver inúmeras formas de resistência, que inclusive a dureza fosse sustentada por encontros pessoais que não pareciam estar inteiramente submetidos a essa faceta da materialidade, impõe-se a pergunta sobre essa enigmática brutalidade. E volta o olhar para as diversas maneiras, em que o ser humano se encontra frente à frente com a materialidade. Desde momentos em que ele se relaciona com esta materialidade

enquanto realiza atividades até às diversas formas em que ele significa a sua experiência de estar diante de algo bruto, concreto como a rocha, a pedra e o minério. É claro, o relacionamento do homem com a materialidade não se dá apenas quando ele experiencia tais elementos. Esse relacionamento acontece de múltiplas maneiras, com variadas respostas deste. Porém, o interesse em entender sobre a materialidade levou à busca do que a natureza oferece de mais bruto, antes, mais inicial. Este trabalho parte do princípio de que o que a natureza oferece de mais bruto é a rocha e suas derivações como a pedra e o minério. Porque o que se pode perceber, com esses três relatos, é que o homem vai adquirindo características próprias da matéria. A dureza vai brutalizando o ser humano. Este vai se materializando. Vai perdendo a vitalidade, sua característica mais própria, vai se coisificando. Não se pretende afirmar que tais características já não estejam presentes no ser humano, porém o que se vê acontecer é que ele vai se reduzindo a elas. Vai decidindo por valorizá-las como única opção de sobrevivência. Assim, sua vitalidade sustenta certo estado de coisas que não contribui em nada para torná-lo mais humano.

Para tanto, voltei a Weil com seus textos sobre o enraizamento. Ela o define assim

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos pressentimentos de futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente. (WEIL, 2001 : 43)

Ao olhar para uma árvore, pode-se dizer que a água e o sol são suas necessidades, se a compararmos a um ser humano, percebemos que ele possui necessidades físicas, psíquicas e espirituais. O enraizamento é uma necessidade que integra as demais, as faz em unidade.

A primeira obrigação eterna de todo ser humano é não deixar ninguém passar fome quando se tem ocasião de evitar. As obrigações seguintes são as ligadas às necessidades vitais, análogas à fome. Existem também, segundo Weil, as necessidades que privam o homem sem atingir seu corpo diretamente, mas são como ‘alimento necessário à vida da alma’. ‘Os tesouros da vida de uma coletividade’, por exemplo.

Quando os seres humanos estão privados dos alimentos necessários ao espírito, eles ficam doentes por inanição. São quatorze alimentos, segundo Weil: a ordem, a liberdade, a obediência, a responsabilidade, a igualdade, a hierarquia, a honra, o castigo, a liberdade de opinião, a segurança, o risco, a propriedade privada, a propriedade coletiva e a verdade. A seguir explico-as.

A ordem

Necessidade mais próxima do destino eterno da alma. Tecido de coações sociais para que ninguém seja coagido a violar obrigações rigorosas. Nesse único caso, a alma sofre violência espiritual por parte de circunstâncias exteriores. Quando ela tem que violar obrigações rigorosas para executar outras obrigações. A incompatibilidade das obrigações causa a desordem.

Pois aquele que é somente detido na execução de uma obrigação pela ameaça de morte ou do sofrimento pode ir, e não será ferido senão no corpo. Mas aquele para quem as circunstâncias tornam de fato incompatíveis os atos ordenados por várias obrigações estritas, esse, sem que possa defender-se, é ferido em seu amor pelo bem.²⁴

Os seres humanos que para simplificar os problemas negam obrigações “concluem em seu coração uma aliança com o crime”. Em nível dos fatos, quando o dever desce devido ao grande número de relações que entram em jogo, a incompatibilidade parece mais provável do que seu contrário. Mas,

...temos todos os dias, sob os olhos, o exemplo do universo, onde uma infinidade de ações mecânicas independentes concorre para constituir uma ordem que mediante variações permanece fixa. Assim amamos a beleza do mundo porque sentimos por trás dela a presença de algo. Análogo à sabedoria que gostaríamos de possuir para saciar nosso desejo do bem²⁵.

O sentimento das diversas obrigações procede de um desejo do bem que é único, fixo, idêntico a si próprio. Esse desejo agindo dentro de nós impede que nos resignemos às situações em que as obrigações são incompatíveis. Ou recorreremos à mentira ou nos debatemos cegamente para sair delas.

²⁴ WEIL, S. *O Enraizamento*. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru. Edusc, 2001. P.14

²⁵ Ibidem, p.14

“Os grandes causadores de violência encorajaram a si mesmo ao considerar como a força mecânica cega é soberana em todo universo.”²⁶

Olhando o mundo melhor do que eles, encontraremos um encorajamento maior, se considerarmos como as forças cegas incontáveis são limitadas, combinadas em um equilíbrio levadas a concorrer para uma unidade, por algo que não compreendemos, mas que amamos e chamamos beleza.

Se mantivermos incessantemente presente no espírito o pensamento de uma ordem humana verdadeira, se pensarmos nisso como num objeto ao qual se deve o sacrifício total quando a ocasião aparece, estaremos na situação de um homem que caminha na noite, sem guia, mas pesando sem cessar na direção que quer seguir. Para tal viajante, há grande esperança.²⁷

A liberdade

A liberdade é um alimento indispensável à alma. Em sentido concreto da palavra é a possibilidade real de escolher. Havendo vida coletiva é inevitável que regras postas pela utilidade coletiva limitem a escolha. A liberdade não é maior ou menor segundo os limites sejam mais estreitos ou vastos. Ela tem sua plenitude em condições menos facilmente mensuráveis. As condições de liberdade de um homem de boa vontade, embora limitada ao fato, é total na consciência. Como a educação para não comer coisas repugnantes não é sentida pelo homem como poda de liberdade. “Em semelhante caso os homens, acreditando erroneamente que possuem liberdade e sentindo que não desfrutam dela, chegam a pensar que a liberdade não é um bem²⁸”.

É preciso que as regras sejam suficientemente razoáveis e simples para todo aquele que deseje e possa compreender a utilidade e as necessidades que as impuseram. A liberdade não significa possuir muitas opções e sim a possibilidade de escolher cada vez mais de acordo com o que você quer e é.

A obediência

Necessidade vital, obedecer a regras ou a seres humanos (autoridades, chefes). Ela supõe o consentimento total, salvo quando se contradiz, com as exigências da consciência. O consentimento versus temor do castigo e isca de recompensa. Essas diferenças devem ser reconhecidas inclusive pelos chefes.

²⁶Ibidem, p.15

²⁷ Ibidem, p.15

²⁸ Ibidem, p.17

Obediência versus servilidade. Os que comandam também obedecem. A hierarquia deve ser orientada para uma finalidade de valor e grandeza, que sejam sentidas por todos do maior ao menor. “Mil sinais mostram que os homens de nossa época tinham... fome de obediência, mas aproveitou-se disso para lhes dar escravidão.”(Weil – 2001)

A responsabilidade e iniciativa

O sentimento de ser útil e até mesmo indispensável são vitais. A coletividade que não satisfizer seus membros está doente. Ela deve ser transformada. “Em toda personalidade um pouco forte, a necessidade de iniciativa vai até a necessidade de comando”. É necessário que todos tenham a oportunidade de comandar durante períodos da vida.

A igualdade

Consiste no reconhecimento público, geral efetivo, expresso pelas instituições e costumes de que a mesma quantidade de respeito e atenção é devido a todo ser humano sem discriminação de grau. As diferenças entre seres humanos jamais devem significar diferença no grau de respeito, para isso não acontecer é necessário um equilíbrio entre igualdade e desigualdade. Uma certa combinação entre ambas significa igualdade das possibilidades.

Se qualquer um puder chegar ao nível social correspondente à função que é capaz de preencher, e se a educação for suficientemente propagada para que ninguém seja privado de alguma capacidade pelo simples fato de seu nascimento, a esperança é a mesma para todas as crianças. Assim cada homem é igual em esperança a cada outro, por sua própria conta enquanto jovem, e mais tarde por conta de seus filhos²⁹.

Existem métodos de combinar a igualdade e a diferença. A proporção: combinação da igualdade e da desigualdade. Em todo o universo é o único fator de equilíbrio. Outra forma de tornar a igualdade compatível com a diferença é eliminar as desigualdades de grau, a diferença de natureza não é desigualdade. O dinheiro, como único móbil, põe o veneno da desigualdade em quase todas as coisas. É uma desigualdade móvel.

A igualdade é tanto maior quanto as diferenças de condições humanas são vistas como sendo, não mais ou menos uma do que a outra, mas simplesmente outra. A profissão de mineiro

²⁹ Ibidem, 17

e de ministro são duas vocações diferentes como as de poeta e matemático. Que as durezas materiais ligadas à condição de mineiro sejam consideradas em honra dos que as sofrem.³⁰ “Isso implica para cada condição marcas de consideração que lhe sejam próprias, e não sejam mentira.”³¹

A hierarquia

Os superiores são considerados como símbolos. São símbolos das obrigações de cada ser humano com seu semelhante. Os superiores precisam ter essa consciência de que são símbolos. “A verdadeira hierarquia tem como efeito levar cada um a se instalar moralmente no lugar que ocupa.”

A honra

É idêntica para todo o ser humano e imutável. Tem relação com o ser humano considerado em seu meio social. É necessária uma tradição de grandeza encerrada em seu passado.

Toda opressão cria uma penúria a respeito da necessidade de honra, pois as tradições de grandeza possuídas pelos oprimidos não são reconhecidas, por falta de prestígio social...o heroísmo incrível despendido pelos mineiros e pescadores tem ressonância apenas nos meios de mineiros e pescadores.³² (...) O grau extremo da privação de honra é a privação total de consideração infringida a categorias de seres humanos...só o crime deve colocar o ser humano fora da consideração social e o castigo deve reintegrá-lo nela.³³

O castigo

Existem dois tipos: o disciplinar e o penal. Mais indispensável é o castigo em decorrência do crime. É a única forma de voltar para a rede de obrigações eternas que vincula cada ser humano a todos os outros. Se o código penal é coerção pelo terror, a necessidade de castigo não é satisfeita. Tudo o que toca o direito penal deve ter um caráter solene e sagrado. O sistema penal deve despertar o sentimento de justiça pela dor. O castigo é uma forma de fazer entrar justiça na alma do criminoso pelo sofrimento.

Liberdade de opinião

³⁰ Ibidem, p.22.

³¹ Ibidem, p 23.

³² Ibidem, p 24.

³³ Ibidem, p. 24.

A liberdade de opinião é uma necessidade absoluta da alma, isto quando a inteligência está à vontade.

A liberdade de opinião e a liberdade de associação não precisam estar juntas. Não são decorrência uma da outra. A liberdade de associação não é uma necessidade, é um expediente da vida prática.

No ser humano a inteligência pode exercer-se de três maneiras:

- 1) para resolver problemas técnicos – quando ela é uma serva.
- 2) Fornecer luz quando se realiza a deliberação da vontade na escolha de orientação – quando ela é destruidora.
- 3) Agir sozinha em uma especulação puramente teórica da qual foi afastada provisoriamente qualquer deliberação de ação – disponha de uma liberdade soberana.

A inteligência reside somente no ser humano considerado individualmente. Nenhum agrupamento pode aspirar pela liberdade de expressão.

Um temor, mesmo leve provoca sempre, seja abaixamento, seja enrijecimento, segundo o grau de coragem, e não é preciso mais para falsear o instrumento de precisão extremamente delicado e frágil que a inteligência constitui. Mesmo a amizade a esse respeito é um grande perigo. A inteligência é derrotada logo que a expressão dos pensamentos é precedida, explícita ou implicitamente, da palavrinha “nós”. E quando a luz da inteligência se obscurece, ao fim de um tempo bastante curto o amor pelo bem se perde.³⁴

A segurança

A alma que não é segura está sob o efeito do medo e do terror. A alma segura é uma necessidade do ser humano, pois possibilita que a única causa de viver sob o estado do pânico é sob o juízo do acaso. A alma que não é segura fica em estado de semi – morte indispensável à escravidão. Alma não segura, causa semi – paralisia desta.

O risco

A ausência de risco suscita uma espécie de tédio que paralisa de modo diferente do medo, mas quase tanto. Aliás há situações em que, implicando uma angústia difusa sem riscos precisos, comunicam as duas doenças simultaneamente.³⁵

³⁴ Ibidem, p. 30

³⁵ Ibidem, p.36.

O risco é um perigo que provoca uma reação refletida; ou seja, ele não ultrapassa os recursos da alma a ponto de esmagá-la de medo. Em certos casos contém uma parte de jogo; em outros casos, quando uma obrigação precisa leva o homem a enfrentá-lo, constitui o mais alto estimulante possível.

A proteção dos homens contra o medo e o terror não implica supressão do risco; implica ao contrário a presença permanente de uma certa quantidade de risco em todos os aspectos da vida social; pois a ausência de risco enfraquece a coragem a ponto de deixar a alma, se for o caso, sem a menor proteção interna contra o medo. É preciso somente que o risco se apresente em condições tais que não se transforme em sentimento de fatalidade.³⁶

A Propriedade privada

O homem se apropria naturalmente dos objetos com os quais convive diariamente. Por isso a propriedade privada é uma necessidade da alma. Se tal necessidade não é correspondida, a alma fica isolada, perdida. Quando o sentimento de propriedade não coincide com a propriedade jurídica, o homem é continuamente ameaçado por separações muito dolorosas.

A propriedade Coletiva

A propriedade coletiva consiste na participação das pessoas nos bens coletivos. É um estado de espírito e não uma disposição jurídica.

A verdade

É a mais sagrada de todas as necessidades. Sendo que escrever falsidades ou sugerir o erro já é considerado mentira. Esta deve ser punida com risco de embrutecimento do ser humano. Weil sugere a constituição de tribunais formados por homens que amam a verdade para controlar a imprensa e os editores de livros.

Uma pessoa que não tem esses alimentos adocece. Ela se desenraiza.

Seres verdadeiramente desenraizados não têm senão dois comportamentos possíveis: ou ca numa inércia da alma quase equivalente à morte, como maior parte dos escravos ... , ou se

³⁶Ibidem, p. 36

jogam numa atividade sempre a desenraizar, frequentemente pelos métodos mais violentos, aqueles que ainda não o estão ou o estão senão em parte.³⁷

A seguir relato e analiso um relato do diário de Weil sobre a condição operária e uma das facetas do desenraizamento.

Há uma condição social inteira e perpetuamente suspensa ao dinheiro, é o assalariado, sobretudo desde que o salário por peça obriga cada operário a manter a atenção sempre fixa no cálculo do dinheiro. É nesta condição social que a doença do desenraizamento é mais aguda.³⁸

A potência da atenção comum aos homens e aos animais faz com que toda a pessoa se engaje em um acontecimento. Cada segundo de atenção, faz com que o ser humano deposite em um acontecimento externo sua pessoa inteira, o que permite a abertura do eu para o que está além de si. No caso do relato acima, toda essa capacidade humana é sugada pelo pensamento simples que é calcular, realizar uma operação de aritmética básica. Não que essa operação não seja importante mas é uma dentre várias outras, que são realizadas pelos seres humanos quando estão vivendo, acontece que no caso dos operários, descrito no relato acima, essa operação se torna a vida deles.

Weil precisa o conceito de desenraizamento da seguinte maneira: os operários, ainda que geograficamente no mesmo lugar, foram desenraizados e admitidos como carne de trabalho. Existem dois fatores que causam o desenraizamento em nossa época, uma cifra e a instrução. Uma cifra porque retira das pessoas os motivos de fixar a atenção que não seja o desejo de ganhar dinheiro. A instrução porque ela como é concebida hoje se tornou moeda de troca para o prestígio social. O conhecimento também foi reduzido a uma cifra. O que se aprende na escola está desgrudado da vida real. Os seres humanos de hoje se perderam em um meio doentio, indiferente à necessidade de verdade. Estão desgrudados do que realmente importa. Preocupam-se apenas em ganhar, hoje tudo se troca por dinheiro na vida dos seres desenraizados.

... a coletividade tem suas raízes no passado. Ela constitui o único órgão de conservação para os tesouros espirituais reunidos pelos mortos, o único órgão de transmissão por intermédio do qual os mortos possam falar aos vivos. E a única coisa terrestre que tenha um vínculo direto com o

³⁷ WEIL, S. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*/ seleção e apresentação Ecléa Bosi; tradução Therezinha G.G. Langlada. 2ªed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p 46.

³⁸Ibidem, 44.

destino eterno do homem é a irradiação daqueles que souberam tomar consciência completa desse destino, transmitida de geração a geração.³⁹

Weil continua precisando o conceito ao falar do **‘desenraizamento operário’**. Uma pessoa pode estar desenraizada por estar distante de seu local de nascimento, família, de seu meio profissional etc ou por ser negada a ela acesso ao capital e ao conhecimento. As relações entre povos e pessoas diferentes também podem desenraizar, sobretudo no caso de conquista militar ou quando o estrangeiro permanece separado das formas de vida de onde ele reside. Segundo Weil essas circunstâncias propagam a ‘doença do desenraizamento’. No caso do operário, por exemplo, essa doença se agrava, pois é uma condição “perpetuamente suspensa ao dinheiro”. Esse é o caso do salário por peça em que a brutalidade impõe um dobrar-se voluntário da pessoa somente às necessidades de sobrevivência, o que acaba por instaurar uma dinâmica de petrificação do espírito.

Weil atribui à cultura erudita um grande papel na dinâmica do desenraizamento. Ao priorizar a atenção como uma potencialidade humana necessária ao desenvolvimento do ‘pensar verdadeiro’, ela afirma que um operário realizando operações algébricas acessa o terreno da verdade tanto quanto um matemático realizando complicadas operações abstratas. Com isso ela descentraliza da cognição pura e simples a relação do homem com o saber.

Entre todas as formas atuais da doença do desenraizamento, o desenraizamento da cultura é o menos alarmante. A primeira conseqüência dessa doença é geralmente em todas as áreas, que estando às relações cortadas cada coisa é vista como uma finalidade em si. O desenraizamento engendra a idolatria. (...) Há dois obstáculos que tornam difícil o acesso do povo à cultura. Um é a falta de tempo e de forças. O povo tem pouco lazer a consagrar a um esforço intelectual; e a fadiga põe um limite à intensidade do esforço. (...) O segundo obstáculo à cultura operária é que à condição operária, como qualquer outra, corresponde uma disposição particular da sensibilidade.⁴⁰

Como outros pensadores ela concede às operações corporais e à vontade grande valor.

³⁹ WEIL, S. *O Enraizamento*. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru. Edusc, 2001.

⁴⁰ WEIL, S. *O Enraizamento*. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru. Edusc, 2001.

Por fim é necessário ressaltar que Weil não abre mão do sofrimento e da contradição como meios de acesso ao real. O que acaba por influenciar em seu pensamento e em sua vida. Por isso, em seus escritos sobre o enraizamento ela diz que existem apenas ‘cinzas de ouro puro’ do espírito humano em nossos dias, partindo da análise das coletividades conclui, após uma avaliação da condição dos países e regiões geográficas, sociais, políticas/econômicas e culturais, ser necessário um apego à vida expressa nas tradições sobreviventes.

Nesta situação quase desesperada, não se pode encontrar socorro aqui embaixo senão nas ilhotas de passado mantidas vivas na superfície da terra (...) as conquistas não são vida, são morte no próprio momento em que se produzem. São as gotas de passado vivo que se devem preservar cumentamente, em toda parte,(...) indistintamente, pois não há demais no globo inteiro.⁴¹”

(...) a coletividade tem suas raízes no passado. Ela constitui o único órgão de conservação para os tesouros espirituais reunidos pelos mortos, o único órgão de transmissão por intermédio do qual os mortos possam falar aos vivos. E a única coisa terrestre que tenha um vínculo direto com o destino eterno do homem é a irradiação daqueles que souberam tomar consciência completa desse destino, transmitida de geração a geração.⁴²

Existem tipos de coletividades. Aquelas que em vez de alimentarem a alma a sugam, sociedades que fornecem alimentos insuficientes e sociedades mortas que sem devorar as almas, em contrapartida, não as alimentam.

As conquistas são morte. Deve-se preservar as gotas de passado vivo em todo o globo terrestre. E seria inútil desviar-se do passado e pensar só no futuro. O passado é uma necessidade vital. O amor pelo passado não tem nada a ver com uma orientação política reacionária.

É preciso abster-se de punir o inimigo, desenraizando ainda mais. Isso seria loucura. Em toda organização política, jurídica, social ou técnica é necessário um arranjo que permita aos seres humanos retomar suas raízes.

É preciso buscar nas reivindicações o sinal do sofrimento, pois elas sempre exprimem sofrimento.

É preciso tentar reencontrar sua tradição; mas não se pode desejar ressuscitá-lo. Por mais bela que possa ser a entonação de um grito de dor, não se pode desejar ouvi-lo ainda; é mais humano desejar curar a dor.⁴³

⁴¹ Ibidem, 50

⁴² Ibidem.

⁴³ WEIL, S. O *Enraizamento*. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru. Edusc, 2001.

A lista da dor dos operários fornece a lista das coisas a modificar.

A criança na escola, bom ou mau aluno, era um ser cuja a existência era reconhecida, que se procurava desenvolver, no qual se fazia apelo aos melhores sentimentos. De um dia para o outro torna-se um suplemento da máquina, pouco menos que uma coisa, e ninguém se preocupa que ele obedeça sob o impulso dos móveis mais baixos, desde que obedeça. A maioria dos operários suportou pelo menos nesse momento da vida essa impressão de não mais existir, acompanhada por uma espécie de vertigem interna, que os intelectuais ou os burgueses, mesmo nos maiores sofrimentos, raramente têm ocasião de conhecer. Esse primeiro choque, recebido tão cedo, imprime frequentemente uma marca indelével. Ele pode tornar o amor pelo trabalho definitivamente impossível. (...) Mas o essencial é a própria idéia de colocar em termos técnicos os problemas referentes às repercussões das máquinas sobre o bem estar moral dos operários. Uma vez colocados, os técnicos só têm que resolvê-los. Resolvem muitos outros. É preciso somente que o queiram. Para isso é preciso que os lugares onde se elaboram máquinas novas não estejam mais mergulhados inteiramente na rede dos interesses capitalistas.⁴⁴

Toda a cultura procede de um método analógico, que consiste em transpor para a natureza as relações que dominam o trabalho humano. Em consequência, podemos dizer que isso pertence aos trabalhadores. Com relação às letras que falam da condição humana também falam do povo, pois eles vivem de forma mais real e mais direta essa condição

Esta experiência tão preciosa corre o risco de se perder por causa da tentação quase irresistível de esquecer a humilhação e a desgraça desde que se sai delas. Desde já, seria preciso aproximar-se desses prisioneiros que voltaram, engajá-los a continuar os contatos com os trabalhadores que tinham começado sob coerção, a repensar para eles sua experiência recente, em vista de uma reaproximação da cultura e do povo, em vista de uma orientação nova da cultura. (...) Em resumo, a supressão da condição proletária que é definida antes de tudo pelo desenraizamento, reduz-se à tarefa de constituir uma produção industrial e uma cultura do espírito em que os operários estejam e se sintam em casa.⁴⁵

Alfredo Bosi lê os *Cahiers* de Simone Weil e destaca as reflexões e apontamentos que a filósofa faz sobre a **atenção**.

É preciso mudar o regime da atenção no decurso das horas de trabalho, a natureza dos estimulantes que impele a vencer a preguiça ou o esgotamento – estimulantes que hoje não são senão o medo e o dinheiro -, a natureza da obediência, a quantidade fraca demais de iniciativa, de habilidade e de reflexão pedida aos operários, a impossibilidade em que se encontram de

⁴⁴ WEIL, S. O *Enraizamento*. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru. Edusc, 2001.

⁴⁵ Ibidem

tomar parte pelo pensamento e pelo sentimento no conjunto do trabalho da empresa, a ignorância às vezes completa do valor, da utilidade social, do destino das coisas que fabricam, a separação completa da vida do trabalho e da vida familiar...⁴⁶

Ao extrair as dimensões essenciais desses escritos sobre o referido tema, Bosi conclui que o olhar no ‘ato de exercer-se’ pode ser nomeado como atenção.

Bosi destaca quatro dimensões estruturais da filosofia da atenção de Weil.

O Trabalho

A atenção é também um olhar que age, sem dominar. Simone Weil teve uma formação cartesiana que ela não renega, mas consegue vencer seus limites através da ação. Weil não se poupa em todos os sentidos de se dar em favor do ideal “construir uma ponte entre a consciência e a ação eficaz.” É por isso que ela decide, como se fosse uma obrigação, se tornar operária. Dessa experiência nasce seu diário da fábrica⁴⁷ que possui passagens muito instrutivas sobre a vida na fábrica. A seguir cito um fragmento em que essa ponte - *ação – consciência* está presente

Sábado, 12 ... forçar a fundo. Encontro um meio: primeiro colocar as faixas retas (Leon tinha colocado mal os suportes). Depois fazer com que a faixa deslize ao longo da trave em movimento contínuo. Primeiro consigo 800 peças em 1h. e pouco, depois diminuo sob o efeito do cansaço. Muito duro - costas quebradas, o que me faz pensar na colheita de batatas – o braço direito constantemente tenso – o pedal um pouco duro. Graças a Deus, hoje é sábado!(WEIL 1996: p.78)

Ela inicia a atividade tendo que forçar a fundo, encontra um meio (toma consciência da atividade de sua dificuldade e cria uma forma) produz 800 (usou de sua potência criativa para produzir mais – realizar a exigência da matéria). Mas a matéria oprime e ela diminui sua produção sobre o efeito do cansaço: isto é muito duro. - as costas quebradas... braço direito constantemente tenso... – o pedal um pouco duro, mas ao final aquela mesma força criativa que quase estava sendo sucumbida pelo cansaço muito duro, volta assim: “Graças a Deus, hoje é sábado”.

Simone escreve um testamento filosófico; “Reflexões sobre as causas da opressão e da liberdade” que Alfredo Bosi reconhece ser uma obra prima de concreção e

⁴⁶ Ibidem

⁴⁷ Weil, S. *La condition ouvrière*. Albert Camus (Org.) Paris: Librairie Gallimard, 1951.

rigor filosófico. Neste livro ela se ocupa de construir uma ponte entre suas experiências na fábrica e sua formação intelectual.

A contradição

Todos os seres contemplados a partir de um corte sincrônico parecem coesos e homogêneos, somente quando são contemplados em seu devir histórico é que revelam os processos tantas vezes conflituosos que os originou. Bosi esclarece:

Quem trabalha com as mãos e ao mesmo tempo reflete sobre sua obra, do primeiro gesto a última demão, aprende que está lutando com forças em tensão, desafiando resistências no trato com a matéria. É a práxis conjugada de corpo e consciência que produz a percepção do contraditório. (BOSI, 1988: P. 36)

E ainda Weil sobre a contradição:

... A contradição é prova da necessidade. (...) quando a atenção fixada em uma coisa revela, nesta, a contradição, produz-se algo como um deslocamento. Perseverando nesta via, chega-se ao desapego. (WEIL 1996: p.78)

A perseverança

O olhar atento vence a angústia da pressa. Ele mora e demora no tempo. Somente se ele se detém e permanece junto ao objeto é que pode perceber seus múltiplos perfis e então recuperar sua unidade em um nível mais complexo de percepção. “Que o pensamento esteja sem cessar a ponto de perder-se na diversidade, e sem cessar salvo pela regularidade”⁴⁸. “O olhar atento chega ao extremo de “ver” o tempo que passa tal qual se dá pelo movimento de cada ser vivo.”⁴⁹

O despojamento

Para “ver e conhecer” é preciso esvaziar-se para receber o ‘não eu’. Por isso Bosi esclarece que a atenção “tudo sacrifica para ver e saber.” Existe o olhar que prefere se apropriar do objeto e, conseqüentemente, o mutila, já o olhar que acompanha o movimento do objeto cresce junto com ele e, à medida que conhece, é também conhecido. Não se preocupa em se expor, pois as ilusões compensatórias do ‘amor próprio’ são preteridas em favor do se deixar conhecer. Pode-se, inclusive, encontrar um paralelo entre o olhar que se apropria e secciona o objeto do racionalismo cartesiano que precisa dividir para conhecer e o olhar não despojado de si mesmo.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem.

Simone Weil e o Ergoformador?

A princípio, a formulação do ‘Dispositivo Dinâmico de Três Pólos’ e da ‘Pedagogia do Olhar de Simone Weil’ se deram em contextos intelectuais, profissionais e temporais diferentes. Yve Schwartz e Louis Durrive são franceses que estão às voltas com as dificuldades da formação profissional na França da década de 80. Já Alfredo Bosi procura resgatar as contribuições de Simone Weil para a educação, em um artigo que refaz, através do sentido do ‘olhar’, a história do conhecimento - “A fenomenologia do olhar” - escrito na década de 80. Porém, os escritos de Weil são do fim da primeira metade do século XX. Apesar das diferenças é possível encontrar algumas articulações.

Assim como Weil preocupou-se em estar com os operários e sentir com eles, a Ergologia procura abordar o trabalho ‘tanto quanto possível do ponto de vista daquele que trabalha⁵⁰, e sua relação com o meio. Durrive fala da atividade interior da pessoa no trabalho, de uma efervescência que é invisível, porém responsável pela eficácia. E ainda, “ninguém vive no lugar do outro; é, então, associado estreitamente àquele que trabalha que construímos um saber sobre a vivência no trabalho.”⁵¹ A ergologia amplia a preocupação da ergonomia. Esta prioriza a saúde física, aquela se interessa pelos saberes construídos e pelas competências desenvolvidas.

Weil preconiza a atenção com as dinâmicas da vida que se estendem no tempo. Ao tratar da perseverança ela sugere que o olhar atento é aquele que demora no tempo, não sucumbe à angústia da pressa. Pois só assim consegue acompanhar o crescimento do ser vivo em toda sua complexidade. Durrive argumenta que o objetivo do ergólogo é ajudar a pessoa a comunicar, através de ‘um longo e paciente exercício de construção’⁵², o seu ponto de vista sobre sua atividade. Mais adiante, ele diz que essa construção deve ser um exercício de paciência, rigor e ‘um verdadeiro esforço.’⁵³

⁵⁰ Schwartz, Y e Durrive, L. *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Tradução de Jussara Brito e Milton Athayde... (et al). Niterói, 2007. p.298.

⁵¹ Ibidem.

⁵² Ibidem.

⁵³ Ibidem.

Tanto Weil como Durrive são preocupados com a variabilidade do meio no momento presente. Eles são cientes das contradições, da alteridade e dos riscos de tomar uma experiência vivida de forma rasa, como se os obstáculos não existissem e tudo pudesse ser previsto por normas e saberes de um ego onipotente. Esse posicionamento do ego é apontado como uma dificuldade por Weil quando fala do despojamento, outra característica necessária para um olhar atento à realidade da vida. Durrive o precisa assim:

É necessário então, regularmente, se retirar do trabalho e retornar em seguida, sem cessar, para torná-lo formador. É um ir e vir permanente que deve ser instaurado entre os tempos de engajamento na ação e os tempos de distanciamento, para refletir e tirar os ensinamentos do vivido. (SCHWARTZ e DURRIVE 2007)

A contradição é outra característica importante da realidade. Tanto na vida como no trabalho, situações disparens convivem. Para Simone, é necessário um olhar atento, para Durrive é indispensável ao ergólogo ver o trabalho como uma aventura enigmática, em que, coisas familiares e estranhas precisam ser geridas. Viver é também se submeter a lógicas contraditórias que obrigam a realização de escolhas para efetivação da ação. Por isso trabalhar ‘é necessariamente correr riscos’.

Para caracterizar a preocupação de não considerar as coisas de forma superficial, Schwartz fala da ‘dupla antecipação’. Ao Considerar-se as coisas apenas de um ângulo, enxerga-se apenas um plano, o que empobrece a realidade. Weil ressalta a importância de considerar os eventos sobre um corte diacrônico e sincrônico, pois só assim pode-se ver também em perspectiva. Durrive caracteriza dois tipos de olhares: ‘o olhar sobre a generalidade da situação’ e ‘olhar sobre a unicidade da situação’, ou, o reconhecimento das regras e a ancoragem do aqui e agora. Como a ergologia, Weil está preocupada em intuir as coisas em sua unidade. Durrive fala de ter um olhar sintético e não analítico.

O outro olhar então é a atenção ao inesperado, ao momento de vida que está no menor dos atos do trabalho, o que a gente chama “a história em se fazendo.” É que, com efeito por mais que se enquadre a atividade, que se preveja as instruções de antemão, os procedimentos durante o trabalho e as mediações de resultado ao fim, há uma coisa que não evitaremos jamais. É a infiltração da vida que vem sempre solapar nossas previsões, obrigando-nos a reorganizar nossas maneiras de proceder, justamente para alcançar, apesar de tudo, o resultado. (SCHWARTZ e DURRIVE 2007)

Ambos posicionam-se a favor de uma abertura para o diferente, com uma sensibilidade aguçada às possíveis contradições da opção metodológica (ouvir a

experiência além das normas e saberes codificados), uma vez que esta reflete a realidade. Schwartz propõe um encontro entre teoria/prática e Weil defende o despojamento do 'eu' como necessário a uma atitude de atenção ao diferente. Além de não desconsiderar a necessidade imposta pelas atividades práticas ressalta a importância de se construir uma ponte entre consciência e ação. O olhar que não se demora no tempo sobre seu objetivo, que não insiste em deixar aparecer o processo de desenvolvimento que testemunha o crescimento dos seres, aceitando e se afetando com as contradições da realidade, não realiza o vai e vem entre a diversidade e a unidade, não acessa a realidade do mundo. Em consequência, não contribui para diminuir a opressão, e, definitivamente, não promove a liberdade.

Durrive ao escrever sobre o *ergoformador* argumenta que é necessário 'educar o olhar' para não desconsiderar as peculiaridades de cada pessoa que necessita ser incluída no mercado de trabalho. Um olhar atento, segundo Durrive, alavanca a formação para o trabalho.

O ergoformador não toma nada como evidente em matéria de trabalho. Seu papel é permitir à pessoa que ele acompanha em suas aprendizagens **construir as questões**, colocar em perspectiva aquilo que parece a primeira vista uma aflitiva banalidade, "problematizar" no sentido de que o problema é uma interpelação da inteligência humana, da competência, **num momento bem preciso.** (SCHWARTZ e DURRIVE 2007)

Weil não realizou um trabalho direto com os operários como Oddone fez e a ergologia faz, porém, em seus diários, ela descreve com uma riqueza de detalhes (o ambiente, o fazer, o sentir e o pensar) que sua experiência se torna uma real, 'instrução' sobre as condições de trabalho em uma fábrica de automóveis na França dos anos trinta. E em seu livro "Reflexões sobre as causas da opressão e da liberdade" além de refletir sobre os valores e condições para a construção de uma sociedade, em que os homens sejam a prioridade, constrói um sistema de organização para as fábricas em que a pessoa é considerada em sua totalidade, ou seja, o fazer e o pensar não estão separados, mas em ação, condição para uma possível liberdade. Com suas formulações sobre a atenção ela propõe um jeito de abordar a realidade, que se estende para as várias ocasiões da aventura humana e frutifica as potencialidades da vida.

Finalmente, é importante ressaltar que Weil, Oddone, Schwartz e Durrive sustentam um olhar atento ao 'humano diferente', à vida 'em se fazendo'. Tal olhar se

torna um posicionamento pessoal e metodológico necessário para um encontro com as diversas situações de trabalho/atividade. Este encontro concede um valioso testemunho da experiência de trabalho, o que amplia o horizonte das articulações entre trabalho/educação e possibilita novas formas de gerir/construir uma educação mais próxima das reais necessidades do homem no trabalho e vice-versa.

Dito isso, é possível afirmar que existindo proximidades (temas abordados/metodologia de acesso ao conhecimento) e diferenças (épocas – conjunturas sociais/modos de pensar dominantes em cada tempo/necessidades temporais das pessoas e coletividades, pontos de partida e chegada, valor e intenções dada a determinados campos do saber e vida/objetivos – finalidades das interpretações) o diálogo entre Weil e a Ergologia torna-se possível. Para tanto serão priorizados os textos sobre o enraizamento de Weil e o conceito ergológico de ‘corpo-si’ para a confecção da pesquisa.

Corpo-si e enraizamento: uma conversa fecunda

Já pelo termo, a palavra enraizamento diz muita coisa, estar enraizado em uma coletividade é possuir uma ligação com os valores dessa sociedade. Quem está enraizado possui um vínculo afetivo com os critérios de vida de determinada coletividade, possui referências que refletirão em seu modo de ser e viver. A pessoa se constrói como pessoa (corpo, psíquico, espírito) enraizada em um meio social, ela se liga ao todo porque possui raízes nesse caldo cultural. O enraizamento se realiza na cultura. Identifica-se sentido pensando nele imerso na cultura.

O corpo-si é atravessado pelas sensações que instruem o corpo dos critérios do espírito de uma coletividade. É uma entidade ativa que responde às provocações do externo no vivo da atividade. É uma racionalidade, uma forma de ser do corpo que interage com o resto das dimensões do ser humano. Arbitragens e escolhas geridas por essa entidade enigmática que encarna o imaginário, a cultura, os valores e age depois de digeri-las, segundo critérios do corpo fisiológico, neuronal etc. “O corpo-si, árbitro no

mais íntimo da atividade, não é um sujeito delimitado, definido, mas uma entidade enigmática que resiste às tentativas de ser objetivado.”⁵⁴

Na dimensão do corpo-si o homem, baseado na herança coletiva, imprime sua marca no seu fazer ser e, ao agir em uma coletividade com seu saber, ele cumpre seu destino de ser, através do enraizamento, que é uma necessidade inerente ao humano, mesmo que desconhecida. Assim, ele adquire sua pertença na vida e na sociedade. Se o enraizamento é “...talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana” e o liga a sua origem, pode-se concluir que o corpo-si está também em sintonia com a origem do ser, já que ao se religar, o homem ativa dispositivos físicos em estreita relação com o que há de mais coletivo e espiritual em si, a saber: a cultura, a política, a religião, o trabalho, em suma, os valores de um povo estão encarnados, enraizados até o nível do corpo. Este se molda segundo necessidades físicas, psíquicas e espirituais. Vemos isso claro no modo de vida dos mineiros de Potosí e também em sua atividade: a mineração artesanal. O minério é fruto do contato do homem com a rocha e, também resquício da estreita relação entre a atividade e o imaginário do povo. Eles conciliam, mais que isso, encarnam na atividade e em consequência no corpo o imaginário através dos rituais e do saber-fazer na atividade: a técnica laboral. Com o corpo se ligam à materialidade do meio e ao caldo cultural. Forma que resiste ao passar do tempo, mesmo com as novas tecnologias. O corpo-si é uma sabedoria da carne. O enraizamento é uma ancoragem da pessoa no cultural, enquanto o corpo-si é uma aderência (não no sentido de tatuagem e sim de enraizado. Dá origem ao que aparece depois de ser digerido em forma de processo dinâmico) do cultural no corpo. De um extremo a outro identifica-se o cultural como linha transversal. O corpo-si não recebe a cultura passivamente ele processa a cultura ele está sempre dinamizando o que vem de fora e ao mesmo tempo se reelaborando também. O corpo-si é a subjetividade corporalizada é produto da história que se faz na cultura se singularizando.

O trabalho como atividade real é onde os valores são retrabalhados; os valores do fazer (micro) e os valores afirmados universalmente na cultura. É onde se faz a aventura humana. Como estamos no nível do humano precisamos considerar cada generalização articulada ao singular das situações vividas. Assim percebe-se que as

⁵⁴ Schwartz Y. Durrive L. (org) *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói, 2010. p.196.

coisas são complexas e dinâmicas. É necessário encarar a realidade com uma abordagem dialética do real. A atividade se faz no vivo do instante com alternativas propostas pelo caldo cultural. Por cultural entende-se todo o arcabouço exposto e defendido por Weil como necessidade: o enraizamento. A pessoa só é ativa porque possui raízes no todo social. A atividade é formada por alternativas, por possibilidades e limites o que engaja a pessoa em escolhas.

A atividade está balizada no social, político e cultural. Dentro desse primeiro pólo, existem os valores mercantis, o mercado muito presente na realidade atual. Muitas coisas importantes na atividade estão sendo reconfiguradas em decorrência dos valores mercantis. Existe também o pólo no qual está em jogo valores que não se medem em quantidade. O saber-fazer, por exemplo, que chega no real da vida através da tradição. Pode-se inferir do local da atividade até a escala mais global de valores, debates de normas e valores culturais.

Assim, a atividade se constitui como um pólo, além do pólo da cidade e do mercado, que coloca a pessoa dentro da história “em se fazendo”. A história é constituída por esses pólos no cotidiano da vida real. Pode-se considerar o trabalho como atividade, como história e como cultura. Existe um momento em que os valores são reprocessados, esse é o tempo ergológico. A perspectiva da ergologia busca compreender o vai e vem entre o microscópico da atividade e o macroscópico da cultura. Aliás, todo ser humano tem em si o cultural que o faz produtor de cultura, protagonista do novo, com que só ele pode contribuir, por possuir uma história, um trajeto no tempo que é único. Logo, a atividade é local de produção de cultura. Coisa que os seres desenraizados não conseguem fazer, pois estão carentes de raízes. Estão desligados do universo criado pelo humano para viver. É necessário estar enraizado, com suas necessidades vitais satisfeitas, para se posicionar no conjunto das histórias. A atividade enraíza, na medida em que torna a pessoa um protagonista ativo em seu mundo.

De acordo com o dispositivo dinâmico de três pólos da ergologia (o dos saberes, o da vida ativa no real da atividade e o da ética) pode-se dizer que a necessidade do enraizamento perpassa a todos, entretanto, mostra-se como instrumento de trabalho no

pólo da vida ativa. Os saberes circulam entre as normas antecedentes e os recentramentos operados na atividade.

Como pensarmos o trabalho como objeto de cultura considerando ao mesmo tempo suas dimensões singulares? Não é só o contexto ressaltado pelo enraizamento, mas é também o significado dele para cada pessoa segundo sua história, seu itinerário, sua vida pessoal com toda sua complexidade. Essa singularidade está no trabalho como sua generalidade, elas se comunicam permanentemente. É importante considerar de perto o modo como ocorre a atividade e suas raízes na cultura. Ao fazer cultura, a pessoa coloca na história sua vida, ela se expressa. Se não servir para nada, sua expressão já foi produtora de cultura porque engajou um eu que se mostrou. Tanto a atividade como a cultura colocam um impasse na vida concreta, na experiência do humano. Viver torna-se um desafio a ser descoberto. O contexto cultural e a vida singular estão ligados no cotidiano. É necessário não separá-los, mas considerar a complexidade da ligação de ambos. As questões da sociedade e as questões individuais podem ser lidas no posto de trabalho: aqui uma vida se faz ao fazer cultura. A dinâmica do eu que se mostra compõe a dinâmica cultural através do posicionamento da pessoa junto com os outros e na técnica, considerada aqui como saber fazer. Por isso o trabalho é objeto de cultura.

É preciso ver o trabalho de perto para considerar as verdadeiras questões e a dinâmica do ser singular. É necessário colher o ponto de vista do trabalho como atividade e como objeto de cultura. Nele se faz cultura. As mudanças ocorrem entre essa dialética do singular e do geral. Da pessoa e da cultura. Se considerarmos o ponto de vista do trabalho-atividade, pode-se constituir outros pontos de vista. Para isso é indispensável levar a sério o trabalho que parece ser simples. Ao gerir defasagens sempre novas entre o micro e o macro trabalha-se ao fazer cultura.

O enraizamento expresso na história acontece também porque para realizar a atividade e produzir cultura o sujeito faz uso de si por si e pelos outros. Aqui vemos a dimensão social em estreita relação com a atividade e a cultura. Os valores atravessam a atividade e a sociedade, por isso consideramos o trabalho como objeto de cultura, porque o ser humano não está só. Tanto a cultura como o enraizamento se dão no coletivo. O enraizamento se dá na cultura através de coletivos; as ECRP – entidades

coletivas relativamente pertinentes no trabalho e fora dele. Elas não são uma coisa amorfa, seus sentidos expressam-se nas atividades reais, no e fora do trabalho. Em Potosí existem os bairros mineiros, as crianças frequentam a escola específica para os filhos dos mineiros, existem os grupos que gerem o trabalho na sessão, os grupos políticos, os religiosos etc. Todos esses grupos e os demais se interrelacionam no dia a dia e nos eventos específicos dos mineiros. Esses grupos fora do trabalho são também grupos de sobrevivência. Assim, o trabalho como objeto de cultura, constitui, por consequência, as entidades coletivas no trabalho real. Agir e fazer cultura acontece sempre em um coletivo mesmo que distante, mas sempre existente. Logo, estar enraizado, coloca a pessoa em um conjunto de seres. Com isso existem as reformatizações, o nós, juntamente com o eu, retrabalha as normas antecedentes e as normas do vivo da atividade.

Quando tratamos da técnica, é preciso considerar que ela não é somente a aplicação da ciência. Ela tem a função de transformar o meio para fazer real a atividade e a produção de cultura. Ao utilizar uma técnica, o sujeito faz operações predefinidas ao mesmo tempo que reinventa o local e as formas de fazer. A técnica é também definida por uma tradição ainda que seja sempre confrontada ao singular. Aqui encontramos o que acima chamamos de cultura (tradição) e atividade (singular). A técnica também é vivida por coletivos em função da atividade.

O trabalho como objeto de cultura é claramente entendido ao analisarmos o poder do homem de generalizar a técnica e de reconfigurá-la (normas de uso que o singular desenvolve no gesto técnico...) de acordo com a situação. E quanto mais as técnicas se desenvolvem, mais reconfigurações precisam ser geridas. As técnicas se inscrevem na história de uma coletividade através dessa dialética. Pois a realização de uma técnica põe em jogo a dialética das normas antecedentes, dos valores e da cultura. A pessoa, ao utilizar as técnicas, coloca na coletividade sua marca, daquele que não se contenta em apenas sobreviver e se submeter, mas de alguém que age, que produz cultura. Entretanto, trabalhar é mais que realizar uma técnica, é estar diante de um passado vivido e de um futuro esperado, porque não, sonhado?

A atividade é lugar de memória e tradição. Ela traz a memória através da cultura e faz memória através do exercer um ofício. Dentre os criadores da psicologia como

ciência positiva, Maurice Halbwachs, em seu livro intitulado: “A memória coletiva”⁵⁵ escreve um capítulo que se chama: “A memória coletiva e o espaço”. Auguste Comte relaciona o equilíbrio mental à imagem de permanência e estabilidade oferecida pelos objetos materiais com os quais estamos em contato diariamente. Halbwachs diz:

É como se fosse uma sociedade silenciosa e imóvel, estranha às nossas mudanças de humor que nos dá uma sensação de ordem e de quietude. É certo que mais de uma perturbação psíquica seja acompanhada por uma espécie de ruptura do contato entre nosso pensamento e as coisas...quando algum acontecimento nos obriga também a nos transportarmos para um novo entorno material, antes de nos adaptarmos, atravessamos um período de incerteza,..., tanto é verdade que as imagens habituais do mundo exterior são inseparáveis do nosso eu... Por que nos apegamos aos objetos? Por que desejamos que não mudem, e continue a nos fazer companhia?...Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros.⁵⁶

Mais adiante o autor continua dizendo que se os objetos em torno de nós não falam, mas nós os compreendemos, pois os sentidos destes são decifrados familiarmente. E estes nós- não quer dizer qualquer coisa. Quer dizer que os sentidos vindos dos objetos e dados a eles por nós são sentidos gerados e compartilhados pelos grupos sociais. Mais adiante, o autor caracteriza estes sentidos dos objetos materiais que compõe a vida de homens e mulheres como um aspecto que impõe ao próprio grupo uma idéia de continuidade, uma continuidade que apazigua. O que acarreta como consequência: “Quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo em que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem.”⁵⁷ Sendo assim, Halbwachs diz que a imagem das coisas participa da inércia destas. E o grupo, juntamente com seus membros, permanece submetido “à influência da natureza material e participa de seu equilíbrio”⁵⁸. Quando ocorre um conflito de qualquer espécie e as relações entre os membros do grupo ficam tumultuadas, Halbwachs se pergunta: “Será o contraste entre a impassividade das pedras e o tumulto no qual se encontram que os persuade de que apesar de tudo nada está perdido, já que as paredes e as casas permanecem em pé?”⁵⁹ E diz que existem categorias do povo que se apegam mais às

⁵⁵ HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Editora Centauro, 2004.

⁵⁶ Ibidem: P. 137

⁵⁷ Ibidem: P. 139

⁵⁸ Ibidem: P.139

⁵⁹ Ibidem: P.140

pedras do que aos homens, é por isso que não só as pedras e as casas permanecem através dos séculos, mas toda parte do grupo que está sem cessar em contato mais íntimo com elas. - São os sapateiros em sua oficina, os artesãos em seu ateliê, os comerciantes em sua loja ou no mercado onde os encontramos costumeiramente, os transeuntes nas ruas que percorrem, nas estações de trem, as crianças e os velhos nas praças que têm sua vida confundida com a vida das coisas. Ecléa Bosi nos esclarece: “Na raiz da compreensão da vida do povo está a fadiga”⁶⁰ e Simone Weil também: “Nenhuma poesia referente ao povo é autêntica se nela não estiver presente a fadiga.”⁶¹ E por fim Bosi nos diz juntamente com Madeleine Debrel: “o trabalhador compartilha com a matéria fragmentada uma espécie de comunidade de destino. Ele sofre na sua vida a mesma força que analisa, penetra, perfura e secciona os objetos da indústria.”⁶² Aqui podemos ver o que em seu diário Simone dizia ser a brutalidade humana. Como se algo de duro da matéria tomasse conta da pessoa.

Halbwachs continua dizendo da relação entre os grupos e as coisas ao falar da tradição como incrustada na pedra pelos grupos, até as pedras podem mudar, mas os antigos homens que deixaram suas marcas nas coisas não mudam. O grupo resiste mais que as coisas. Tanto é que o autor diz: “mas se as pedras se deixam transportar, não é fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens.”⁶³ E mais adiante acrescenta:

Mas o designo dos antigos homens tomou corpo dentro de um arranjo material, quer dizer, dentro de uma coisa, e a força da tradição local veio da coisa, da qual era imagem. Tanto é verdade que, para toda uma parte deles mesmos, os grupos imitam a passividade da matéria inerte.⁶⁴

A literatura em suas várias formas também nos concede inúmeras metáforas sobre as pedras. João Cabral de Melo Neto: o poeta das concreções escreve entre outros livros um que se chama Educação pela pedra.⁶⁵ Nome também de um poema que se encontra dentro deste livro. Carlos Drummond de Andrade⁶⁶, poeta mineiro nos concede várias e belas descrições do universo da mineração. Seus poemas são repletos de

⁶⁰ BOSI, E. Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias. Petrópolis: Editora Vozes, 1986. P.15

⁶¹ WEIL, S. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

⁶² BOSI, E. Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias. Petrópolis: Editora Vozes, 1986. P.22

⁶³ HALBWACHS, M. Memória Coletiva. São Paulo: Editora Centauro. 2004. P.143

⁶⁴ Idem. P.143

⁶⁵ NETO DE MELO, J.C. A educação pela pedra. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1966.

⁶⁶ ANDRADE, C. D. Antologia poética. Petrópolis: Record, 1962.

sentidos sobre a rocha. Manuel de Barros diz ter muito em comum com as pedras, escreve um livro sobre as pré coisas,⁶⁷ em que fala de um personagem com cara de pedra, e um de seus livros chama-se “O retrato do artista quando coisa”⁶⁸.

A dureza e a brutalidade podem também impactar o homem de maneira positiva, concedendo-lhe estabilidade, permanência e, inclusive, o que se pode perceber é a humildade tanto em Manoel de Barros como em Drumond.

Quando a técnica é viva ela abarca no momento de sua realização o eu e o nós. Através da técnica laboral, infere-se muita coisa a respeito da sociedade, dos grupos, das relações entre grupos e sobre a história da humanidade. É na articulação entre o pulsar do fazer técnico e o projeto herança de um coletivo que os diferentes modos de trabalhar e as possíveis alternativas se avizinham. A técnica como a encarnação nos instrumentos, no meio, nas formas de fazer e o ser humano que se posiciona propiciam o diálogo entre conceitos surgidos, em épocas diferentes, sobre o tema do trabalho concreto.

Schwartz costuma dizer que ‘existe um enigmático alguém’ na situação de trabalho. O ambiente de trabalho é também um ambiente cultural. O meio é sempre infiel, nunca é o mesmo. Por isso a infidelidade do meio e do próprio humano que estão em jogo nessa hora precisam ser geridas. Para o ser humano o idêntico é invivível porque nunca é igual a mesma situação de trabalho. Podemos dizer que a vida é sempre tentativa de se criar com o grau de originalidade necessário para que a pessoa em jogo se sinta realizada integralmente. Para isso o ser humano precisa estar enraizado, pois ele não cria nada sozinho, há sempre universos de significados coletivos que o rodeiam. Mesmo que só em pensamento, a pessoa nunca está sozinha. A situação de trabalho é sempre um fazer ‘uso de si’, ao gerir as infidelidades, ao se arriscar e finalmente ao se expressar por meio da atividade.

O trabalho é uso de si por si e pelos outros. Assim ele é composto pelo eu, nós e eles. Por isso pode-se dizer que a maneira pela qual se trabalha diz algo sobre a sociedade na qual se deseja viver. O que Schwartz chama de debate de valores, surgido no seio da atividade, através das arbitragens realizadas pela pessoa que decide fazer de

⁶⁷ BARROS, M. Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal. Rio de Janeiro: Record, 1997.

⁶⁸ BARROS, M. O retrato do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Record, 2004.

um modo e não de outro, pode ser comparado ao que Weil nos diz sobre as diferentes raízes. Ela precisa dizendo que o ser humano necessita ter múltiplas raízes, ou seja, vários referenciais de vida que possam balizar suas escolhas, produzindo, assim, uma unidade entre o que ele é e o que ele faz.

As teorizações de Schwartz sobre as competências, mais especificamente o que ele diz sobre os ingredientes das competências, pode nos ajudar na conversa. Tanto ‘um certo domínio dos protocolos na situação de trabalho’⁶⁹(Ingrediente 1), como ‘a consciência do histórico de uma situação de trabalho’⁷⁰(Ingrediente 2) estão estreitamente ligados ao que Weil denomina como enraizamento, tais ingredientes fazem parte do caldo social e cultural de certa coletividade. Já o terceiro ingrediente: ‘a capacidade de articular a face protocolar e a face singular de cada situação de trabalho’⁷¹ perpassa a dimensão do corpo-si. É essa dimensão que estará presente nas diversas arbitragens realizadas pelos sujeitos. Ela irá gerir no momento da atividade de acordo com suas referências para o bem viver da pessoa. O que ela gerirá será a relação entre componentes enraizados na cultura e componentes da subjetividade pessoal e coletiva. Já pelo quarto ingrediente o paralelo entre ele e o enraizamento fica bem claro: “o debate de valores e o debate de normas tanto instituídos como os impostos na atividade”⁷². Os valores e as normas são critérios de vida de grupos humanos e mais uma vez a sua relação com o corpo-si evidencia-se no momento em que esses critérios precisam ser geridos por uma pessoa que não está sozinha. As raízes que são os valores, as normas etc serão utilizadas na situação, mas não de forma mecânica e sim com estreita ligação com a vida de um ‘enigmático alguém’. Sendo assim, critérios objetivos, subjetivos, emoções, crenças, reações psicológicas etc, estarão presentes no vivo da atividade, da vida sendo vivida. O potencial da pessoa (Ingrediente 5)⁷³ entra em jogo ao incidir nos ingredientes anteriores. O sexto ingrediente⁷⁴ pode ser visto como a forma com que a pessoa tira partido das sinergias das competências em situação de trabalho com os outros. Esse ingrediente é o mais próximo das teorizações de Schwartz sobre as entidades coletivas relativamente pertinentes (ECRP).

⁶⁹ Schwartz Y. Durrive L. (org) *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói, 2010. p.207.

⁷⁰ Ibidem, p.208.

⁷¹ Ibidem, p.210.

⁷² Ibidem, p.213.

⁷³ Ibidem, p. 217.

⁷⁴ Ibidem, p. 219.

Como Weil, Revuz nos esclarece que o homem é um ser de necessidades, mas também de desejos, que o levará a procurar atividades para apaziguar suas contradições e recuperar seu equilíbrio psíquico. Por isso o trabalho é visto como um objeto duplo: coletivo, social, normalizado, mas também assunto pessoal, uma expressão social de coisas vividas no mais íntimo de si.

O termo corpo-si é uma forma de denominar como este sabe e age. Articulações silenciosas e encarnadas da cultura na materialidade do corpo. O enraizamento vem nos instruir das ramificações da cultura na atividade e vida da pessoa. Podemos dizer que o primeiro conceito nos esclarece sobre a cultura que se faz carne e o segundo sobre o singular que se faz cultura no caldo das experiências comuns de um grupo de homens que ao lidar consigo mesmo, com seu corpo, psíquico e espírito, lidam também com valores enraizados no coletivo. Ambos conceitos falam de uma biografia às voltas com riquezas e mazelas sociais. Vive-se o singular do eu com seus limites e possibilidades corporais em um emaranhado social. Essa convivência se dá através de arbitragens que perpassam a inconsciência do corpo, os valores e necessidades da alma. Pode-se dizer que a cultura expressa pelos valores, necessidades e costumes está enraizada até o nível do corpo-si. Uma sabedoria do corporal expressa por movimentos, posturas e saberes encarnados.

É o enraizamento que forma o corpo-si, a intenção, a sensibilidade. O corpo-si são as dimensões psíquicas e espirituais materializadas. A experiência e o meio se conjugam no ser humano através do enraizamento. O enraizamento se apresenta à consciência através do sentimento de pertença, que caminha com a pessoa durante sua existência. Essa se dá em conjunto com outros homens e balizada por valores. O trabalho, mais especificamente a atividade, permite o reconhecimento pelo que se faz, a participação na construção de um viver junto, a autonomia material, o ingresso no mundo adulto. Todas essas variações do sentido do trabalho estão atravessadas pelo que Weil nos instrui como sendo o enraizamento.

3) ASPECTOS HISTÓRICOS E BOLÍVIA ATUAL

Simón Bolívar declarou a independência em 6 de agosto de 1825, após 16 anos de guerra, e instituiu a República. A instabilidade econômica, política e lutas por fronteiras marcaram a história da Bolívia. Por exemplo, em 1828, com Agustín Gamarra à frente, o exército peruano ocupou a maior parte do oeste boliviano. A guerra terminou com a assinatura do Tratado de Piquiza e a retirada peruana do solo boliviano aconteceu entre 1866 e 1874, foram firmados tratados para resolver o litígio com o Chile sobre o deserto do Atacama, rico em depósitos de nitratos como sódio, cobre e lítio. Nesses tratados, adotou-se como linha limítrofe entre Chile e Bolívia, o paralelo 24° de latitude sul. Foram outorgados ao Chile diversos direitos alfandegários e concessões de exploração mineral a empresários chilenos no Atacama boliviano. Estas últimas disposições originaram o litígio entre os dois países, já que o estado boliviano não respeitou os acordos alfandegários, incrementando o imposto à extração de salitre às companhias salitreiras de capital chileno-britânico, e em 1879, o Chile ocupou o porto boliviano de Antofagasta, iniciando a chamada Guerra do Pacífico, na qual a Bolívia e seu aliado Peru foram derrotados pelo Chile. Sem seu litoral, a Bolívia deixou de ter saída para o mar. O litoral boliviano abarcava aproximadamente 158.000 Km e, além de Antofagasta, contava com os portos maiores de Mejillones, Cobija e Tocopilla. Em 1904, foi ratificado um tratado de paz e amizade que reconheceu o domínio perpétuo do território em litígio por parte do Chile, enquanto garantiu à Bolívia o livre acesso ao mar. Porém, durante todo o período de exploração da prata e do estanho, o Chile e suas empresas na Bolívia barganhavam esses portos, deixando a Bolívia constantemente em situação de dívida com o Chile, que realizava acordos com vários países estrangeiros visando à prata e ao estanho bolivianos.

A chegada dos Espanhóis a Potosí ocorreu em função da prata que foi descoberta em 1545 por um Inca, inclusive esse povo recebeu, segundo a lenda, a ordem de que a riqueza do cerro não seria para eles e sim para o homem branco, a eles **sobrar a pena**. É importante ressaltar a participação, na dominação dos índios pelos espanhóis, de Francisco Pizarro, ele dominou praticamente toda região inca da América do Sul. Em 1600 a cidade de Potosí abrigava a maior parte de europeus das Américas. Aquele é denominado o período áureo da prata. Potosí se tornou uma cidade legendaria até o

início do século XIX, quando o Cerro Rico assumiu uma posição secundária em relação a outras localidades do Departamento. De acordo com Mitre (1981), existiram dois ciclos da prata na Bolívia do século XIX. O primeiro de 1810 a 1872 em que predominava uma política ainda colonial e protecionista na comercialização da prata. A maior parte dos ganhos ficava nas mãos do Estado espanhol. A partir de 1820 começa a abolição do trabalho forçado. Em 1825 a Bolívia se torna independente politicamente, porém a forma protecionista permanece. Devido ao contrabando e ao aumento do preço das manufaturas, a elite indígena mineira começa uma campanha em favor da integração da Bolívia ao mercado internacional. De fato, a política protecionista se mostrará muito desvantajosa para os mineiros quando a prata entra em crise. Depois deste período houve um aumento de sua valorização que se interrompeu definitivamente com a crise de 1871 – 1873 em decorrência do surgimento de minas de prata na América do Norte e a troca monetária de vários países europeus que optaram pelo ouro. O sucesso da prata norte-americana veio com o incremento de tecnologia. Eles utilizavam trituradoras mecânicas e bateias de ferro encasquilhado para a amalgamação. Esses processos diminuía o custo da produção do metal. Para que os mineiros e a Bolívia continuassem ganhando com a exploração da prata, era necessário reduzir os gastos com os tributos. Só assim o valor da prata boliviana continuava atrativa no mercado, além da elite de mineiros indígena lucrar mais, agora, sem os tributos e com a ampliação do seu mercado consumidor, que antes se reduzia ao mercado interno e ao Estado. O segundo ciclo de apogeu inicia-se com a vitória destas elites sobre o estado espanhol e vai de 1872 a 1895. Ao final deste período a produção começa a baixar novamente no início do século XX, as minas bolivianas não produzem mais a prata como prioridade e sim o estanho.

No início da produção de estanho, a Bolívia exportava também a manufatura do mesmo, entretanto, outros países começaram a exportar a mesma manufatura e a Bolívia se consolidou como exportadora somente da matéria prima a partir da primeira guerra, quando os outros países se dedicaram à metalurgia. Em 1931 forma-se a International Tin Committee, uma organização criada pelos exportadores de estanho para controlar a oferta, a procura e os preços do mineral. A Bolívia era representada pelo conglomerado de empresas Patiño Mines Enterprises de Simón Patiño um boliviano que morava na

Suíça, Moritz Hochschild e Aramayo, os chamados barões do estanho. Entre 1940 e 1950 os três produziram oitenta por cento do estanho boliviano.⁷⁵

Oitenta e três por cento da oferta de estanho do mundo vinha da Bolívia, Malaya e Indonésia. Em 1946 diminui a importação do estanho porque outros materiais o substituíram. Logo a Bolívia se depara com os problemas de fundo da sua mineração, entre eles: mão de obra para trabalhar em condições insalubres, transporte precário causado pelo relevo andino, além da perda de suas saídas para o mar a seus vizinhos Chile e Perú. Outro problema, que estava ligado ao anterior, era a questão da comercialização. Já existia desde a época da colônia, Inglaterra, Alemanha, Chile e outros países inseridos nos armazéns como intermediários e até mesmo como donos de minas e engenhos. Ao terminar a segunda guerra, os EUA continuam, agora com mais ênfase, sua política de querer para si as riquezas da América do Sul. Segundo suas avaliações, precisam mostrar para o mundo que, além de vencedores da guerra, continuavam contra os maiores derrotados da mesma. Na Bolívia existia uma situação singular: o presidente era considerado próximo aos nazistas pelos norte-americanos. Assim, os norte-americanos iniciaram uma perseguição aos alemães inseridos nos negócios ligados à exploração do estanho na Bolívia. Na realidade, o interesse norte americano era ganhar uma boa parcela dos lucros do estanho boliviano. Mas não conseguiram expulsar os alemães, pois, com o apoio dos bolivianos, os norte-americanos foram enganados e os alemães não perderam seus negócios. Com as condições de trabalho nas minas cada vez piores, as dificuldades do estanho no mercado internacional e a pressão norte-americana em relação ao trabalho dos indígenas, classificados de preguiçosos e alcoólatras, os mineiros começaram a abandonar o trabalho nas minas e a se organizarem o que culminou com a revolução de 1952. Houve muitas mortes e até mortes de mulheres e crianças, que se colocavam como escudo para proteger seus maridos e pais. Uma delas foi à noite ‘Noite de San Juan’ com 87 mortos.

Os mineiros tornam-se a categoria mais organizada do país. Em 1967 realizam o ‘Ampliado Nacional dos Mineiros’ em que discutem sua participação na guerrilha organizada por Che Guevara. Após a euforia da vitória, ocorreu a nacionalização das minas e a reforma agrária. Paz Estenssoro assumiu o comando do Estado e como os

⁷⁵ ABSI, P. Ministros del diablo. Edobol. La paz, 2005.

mineiros estavam sendo manipulados por Juan Lechin, que possuía interesses financeiros nessa revolução, pode-se afirmar juntamente com Domitilla de Chungara que a revolução foi traída e os mineiros continuaram imersos em condições insalubres nas galerias das minas bolivianas. Eles nunca se sentiram capazes de ocupar cargos no governo por falta de instrução.⁷⁶ O presidente deposto, Baliván, tido como um democrata, que como todos os outros presidentes bolivianos estava a serviço dos interesses estrangeiros.

Em Potosí foi criada a primeira cooperativa mineira do país como sindicato de *Kajchas*⁷⁷ e também a Primeira Federação Departamental em 1955 e nacional em 1968. O ditador Hugo Banzer (1971 – 1978) foi derrotado pelo bloqueio Aymará a La Paz, organizado pela Confederação Sindical Única de Trabalhadores Campesinos da Bolívia (CSUTCB) que articula-se em nível local, regional e nacional. Formada com base na centenária tradição indígena organizativa. A confederação tem como dirigente Felipe Quispe, que foi influenciado pelo movimento Katarista. O Movimento Kataristas foi criado e dirigido por Fausto Reinaga e é uma das correntes ideológicas de Evo Morales. Esse movimento possui uma leitura da história da Bolívia como passagem do colonialismo externo para o colonialismo interno das elites. Em 1990 este movimento possui participação no Estado liberal de Vítor Hugo Cárdenas com o vice de Gonzalo Sánchez de Lozada.

Trinta anos depois da nacionalização das minas, o estanho perde o valor no mercado internacional e os ajustes ultraliberais fazem com que entre 1985 e 1990: vinte e seis mil assalariados sejam demitidos e dois mil e oitocentos mineiros fiquem sem emprego em Potosí. O abandono da gestão das minas do Cerro pela COMIBOL ficou conhecido como “massacre branco”. Com o fechamento da COMIBOL, houve um aumento no número dos cooperados. A federação departamental filiou-se novamente à Central Obrera Departamental em 1995 e realizaram um grande congresso com a participação de antigos sindicalistas, agora convertidos em *Kajchas*. Nesse congresso, fazem uma nova reflexão sobre o papel do setor com atenção ao papel social que transcende o simples interesse cooperativista do setor.

⁷⁶ LNERA, A.G. A potência plebéia: ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia. São Paulo: Boitempo, 2010.

⁷⁷ Trabalhadores livres gérmen das cooperativas.

Com a queda do preço do estanho no mercado internacional por excesso desse mineral, o Estado boliviano através da COMIBOL abandona o Cerro Rico. A crise de estanho na década de 80 levou à venda de grande parte das reservas da Bolívia. Milhares de minas foram fechadas e milhares de trabalhadores perderam seus empregos.

Em 1985 o governo reformista da Unidad Democrática y Popular (originalmente formado pelo Movimento Nacionalista Revolucionario de Izquierda, PCB e Movimento de Izquierda Revolucionario-MIR) fracassou com a hiperinflação, as pressões da direita empresarial e da COB⁷⁸ que se enfraqueceu com a flexibilização trabalhista, o fechamento de empresas e as privatizações. A COB, antes aglutinava trabalhadores da cidade e do campo, depois só professores, trabalhadores de hospitais públicos estudantes universitários e algumas associações urbanas. O que sobreviveu no poder foi o MIR, que se converteu ao neoliberalismo e ao pacto militar – camponês, firmado nos anos 70 com o presidente militar René Barrientos o que contribuiu para isolar os mineiros – massacrados pela ditadura. Assim, com as reformas neoliberais as minas foram privatizadas e as cooperativas de trabalhadores foram formadas.

Devido à falta de recursos dessas cooperativas para investir em maquinário os mineiros trabalham manualmente, seus equipamentos e aparelhos de segurança são financiados por eles mesmos que devem fornecer à cooperativa parte de sua produção mensal (ONG Visionmundial)

Os trabalhadores cooperados são representados pela Federação das cooperativas de mineiros - FEDECOMIM. Praticamente 100% do minério extraído pelas cooperativas é vendido no mercado interno. Elas pagam tributos somente ao Departamento. A maior reivindicação das cooperativas junto ao governo é por maior autonomia, seus associados alegam que praticamente tudo o que elas produzem acaba se revertendo em contribuição ao Tesouro Nacional. Os mineiros assalariados das empresas estatais são representados pela Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB), fundada em 11 de junho de 1944, com 15 mil trabalhadores filiados e outras organizações a ela ligadas. Eles reivindicam melhores condições de trabalho e a nacionalização de todas as minas, inclusive das minas pertencentes às cooperativas, pois alegam que elas são empresas privadas que se aliam às oligarquias e

⁷⁸ Central Obrera Boliviana

aos latifúndios. Todo o minério extraído pelas empresas estatais é exportado através do Estado boliviano.

Em 1986, em uma assembléia comunal ampliada, o ampliado mineiro que se estende aos trabalhadores da indústria, aos professores e estudantes universitários, denunciou as péssimas condições de trabalho nas minas em Oruro e Potosí. Essa constatação levou à paralisação regional e em 21 de agosto tomaram a decisão, em uma assembléia geral, de marcharem até La Paz. A cada mina e povoado que a marcha passava mais mineiros juntavam-se a ela. O operariado mineiro abandonou seu centro de trabalho e se colocou em movimento até La Paz. Ocupou as rodovias com o intuito de reivindicar melhores condições. Foram 15 mil pessoas entre mineiros, donas de casa, estudantes e camponeses. Aqui estava condensada uma secular memória coletiva e uma interpretação ética da vida em comum: associação e mobilização. Quando chegaram a La Paz, estavam cansados, de pés descalços com seus cobertores, tinham levado dinamite, porém diante do poderio do exército eles se resignaram e voltaram para trás. Desde a revolução de 1952 os mineiros se colocavam sempre como interpeladores do Estado, reivindicadores, mas nunca como executores. Não se achavam instruídos o suficiente para ocupar o governo. Mantinham-se como um coletivo – massa capaz de se mobilizar e reclamar mudanças.

Em 1992 as cooperativas mineiras produziram 37% do minério boliviano, frente a 12% em 1985. Em 1992 as cooperativas produziram mais de 20% do valor total das exportações nacionais, no setor mineiro, 53% do valor das exportações. Segundo Stefanoni, existe um novo operariado, microempresas com mão de obra de mulheres e homens muito jovens, uma modificação na estrutura material da condição operária com uma nova identidade e uma composição política cultural diferente

Em 2000, aconteceu a Guerra da água, iniciada em Cochabamba. Com o aumento das tarifas pela empresa “Águas del Tunari (Bechtel)” a revolta expulsou a transnacional. O grupo de Felipe Quispe bloqueou massivamente La Paz, proibindo a entrada de alimentos. Essa ‘guerra’ marca novas formas de luta e novos autores, os camponeses. Nesse momento, Linera surge no cenário político como intérprete entre a classe média do oriente boliviano e os camponeses. Para ele, a “forma multidão” de luta seria os camponeses, os operários sindicalizados, os desocupados, os indivíduos sem

vínculos e os intelectuais que se unem e formam uma hegemonia em torno de temas. Suas lideranças são móveis e transitórias. Cada organização mantém de forma autônoma seu modo de agir.

O Movimento ao socialismo (MAS) é formado por sindicatos camponeses de diversos tipos. Em 1995 predomina a tese dele ser como um instrumento político. Os Cocaleros são seu núcleo duro. Fazem aliança com pequenos partidos de esquerda para legenda. Fizeram, segundo Stefanoni, dois ciclos de mobilizações, um em 2000 em torno do cultivo da folha de coca, outro em 2002. Evo Morales ocupa o segundo lugar nas eleições presidenciais com 2% menos que Lozada. Dois anos depois acontece a Guerra do Gás. O movimento tem o objetivo de impedir a venda do gás ao México e aos EUA pelo porto do Chile. O presidente Lozada não se mantém no poder. Em 2005 uma nova guerra do gás, agora com Linera assessorando Evo Morales, exigindo a nacionalização dos hidrocarbonetos, o novo presidente Carlos Mesa também não fica no poder. As eleições são antecipadas. O desprestígio da direita com Jorge Tuto Quiroga fica evidente quando o binômio Morales – Linera atinge 53,7% dos votos em 18 de dezembro de 2005. Morales e Felipe Quispe disputavam o cargo de primeiro índio no poder. O que acaba por culminar com a ruptura entre eles.

Em janeiro de 2006 o governo institui a Revolução Democrática Cultural com caráter democrático e descolonizador. Diante do socialismo do século XXI proposto por Hugo Chávez, Linera diz: “a Bolívia só pode aspirar à consolidação de um capitalismo andino-amazônico como potencialidade e limite de um cenário pós neoliberal.” E defende a idéia de um capitalismo andino que seria a articulação entre formas modernas (capitalistas) e tradicionais de economia (comunitário, micro empresariais) com o Estado, potencializando as últimas ao realizar a transferência de tecnologia e recursos. Defende também a modernização pluralista que reconhecesse o matizamento da população boliviana, uma política pós - neoliberal com a recuperação parcial do desenvolvimento dos anos 50 e a estatização dos hidrocarbonetos. As possibilidades para o Estado de esquerda são apoiar o desdobramento das capacidades organizativas autônomas da sociedade, ampliar a base operária, a autonomia do mesmo movimento e fortalecer as formas de economia comunitária sem controlá-las.

Ainda em 2006 o presidente Evo Morales decidiu nacionalizar as minas do Monte Pokoni – o mais rico em estanho do País –. O resultado foi um conflito entre os mineiros assalariados de Huanuni e os cooperados que não permitiram a nacionalização (transferência das minas para as mãos da COMIBOL). O conflito terminou com o adiamento da nacionalização e com um saldo de 16 mortos. Além de um casal de mineiros que se dinamitou vivo, na principal praça de Oruro, em sinal de protesto.

Por tudo isso percebe-se que eles são uma categoria organizada, de maioria indígena e possuem um senso de coletividade que os leva a estarem sempre se organizando para reivindicar seus interesses. Em Potosí a FEDECOMIM é de todas as organizações de mineiros a mais estruturada atualmente, possui um canal de televisão, laboratórios de análises químicas, posto médico precário, além de cartazes com orientações sobre saúde e segurança ocupacional, trabalho infantil e meio-ambiente.

Atualmente no Cerro Rico, pode-se perceber muitas instalações da COMIBOL abandonadas. Devido à falta de opção de trabalho em Potosí, os mineiros continuaram a extrair o minério e estruturaram cooperativas, além do estanho, extraem zinco, chumbo, prata e tungstênio. É possível identificar que com a mudança política na Bolívia, agora com um presidente indígena, com o aumento do preço dos minerais e a volta da COMIBOL, sobretudo nas maiores cooperativas, que agora utilizam o nome de empresas e procuram identificar-se como unificadora das cooperativas. Vê-se pastas e carros com o nome da COMIBOL. Na empresa que visitei, há uma grande escultura moldada em cobre. Nela vê-se um mineiro trabalhando e os dizeres: “Sem mineiros não há Potosí”. O significado da palavra que dá nome à cidade é riqueza extraordinária ou muito grande, ela possui na mineração 70% de sua atividade laboral segundo informações de campo, além da extração, existe o beneficiamento artesanal, feito em sua maioria por mulheres (Pailliris), são ao todo 15 engenhos e o mercado que vende coisas específicas para os mineiros, localizado ao pé do cerro e na entrada das empresas observa-se armazéns e camelôs oferecendo alimentos. Além da mineração, pode-se ver um burburinho na cidade em torno do turismo: mercado para turistas, uma categoria organizada de motoristas de táxi, a Universidade Tomás Frias que iniciou-se com a faculdade de Direito em 1876, mas foi oficialmente fundada em 1892, também chama a atenção a quantidade de escritórios de advocacia. Potosi, onde está localizado o Cerro

Rico, é uma cidade histórica da Bolívia, capital do departamento de mesmo nome e da província de Tomás Frias. Foi fundada em 1546 em torno da exploração da prata.

A partir da década de 1980, instala-se na Bolívia o modelo sócio-econômico neoliberal, na década de 1990 o arranjo político era composto por cinco partidos: Movimento Nacional Revolucionário (MNR) fundado em 1941, o Movimento da Esquerda Revolucionária (MIR), de 1971, a Ação Democrática Nacionalista (ADN), de direita, fundada em 1979 pelo ex- ditador Hugo Banzer, a Consciência de prática (CONDEPA) de 1988 e a Unidade Cívica Solidariedade (UCS) de 1989. A constituição de 1966 estabelecia que, para ser eleito, o candidato precisava de 50% dos sufrágios, caso contrário o parlamento é que decidia. Isso explica a quantidade de golpes e mudanças de presidentes bolivianos. O Decreto Supremo 21.060 de agosto de 1985, um pacto entre a ADN e o MNR, entre outras coisas estabelecia o desmonte do Estado – saída da COMIBOL do Cerro Rico – e diminuição da política social. O saldo de desempregados foi de 20.000 pessoas. Mais uma vez a Bolívia será entregue aos estrangeiros e, no Cerro, criam-se as cooperativas – fonte de sobrevivência na época.

Nos últimos quinze anos, cresce na Bolívia a organização dos movimentos sociais, sobretudo a partir de 2000 com o início de novas lutas sociais. Essas se iniciam com a Guerra da Água, após a eleição de Banzer em 1997. O governo tenta aprovar e implantar em Cochabamba a privatização dos recursos hídricos, o que é rechaçado e esse departamento torna-se palco, entre janeiro e abril de 2000, de grandes lutas sociais. É, nesse momento, que a organização dos camponeses aparece, o conflito se estende a La Paz e ocorre um motim na polícia. O conflito se espalha a outras cidades e acontece o bloqueio de estradas. O governo é derrotado e volta atrás. Em 2002 Gonzalo Sánchez de Lozada, o Goni, é eleito e enfrenta grande resistência quando tenta aprofundar as medidas liberais. Nesse momento, Evo Morales projeta-se como o segundo colocado nas eleições presidenciais, ocasião em que surpreende com suas críticas e sua posição no voto popular. Levanta a bandeira da defesa das plantações de coca com que Goni pretendia acabar.

Uma nova crise se abria e Goni é obrigado a renunciar, quando este pretende exportar por um porto chileno, juntamente com a Pacific LNG, o gás de Tarija. Entre outras questões impopulares, ele pretendia capitalizar as empresas estatais. Já em 2003

o país vivenciou fortíssimas lutas sociais. Exigência de aumento de salário, greves gerais com a participação de La Paz, El Alto, Cochabamba, Oruro e Santa Cruz de La Sierra, onde ocorreram enfrentamentos e motins sociais. O saldo foi de 33 mortos e centenas de feridos. Em setembro do mesmo ano inicia-se o ciclo de confrontação popular conhecida como Guerra do Gás, contra a alienação dos recursos naturais do país, principalmente os hidrocarbonetos. Novamente forma-se uma rebelião indígena em outubro, o que forçou a renúncia do presidente e novos acordos com novos atores sociais. Assume Carlos Mesa, realiza o Acordo de Outubro e encerra a “Guerra do Gás”.

Com o desenvolvimento das mobilizações “cocaleiras”, surge o MAS, o conhecido Movimento ao Socialismo, ligado às comunidades camponesas através dos Ayllu, que funciona como um instrumento político de uma organização comunitária, formada por camponeses e também ex-mineiros que não conseguiram sobreviver nas regiões de mineração. Surgem lideranças Aimarás, Evo já destacado no cenário político da Bolívia com a luta dos cocaleiros, baseou-se no fato de que a política norte-americana de erradicação das plantações de coca atingia diretamente as famílias que sobrevivem das plantações e venda da folha de coca. O MAS foi originalmente proposto pelos sindicatos para intervir na vida política e reivindicar seus interesses, agora assume autonomia e começa a representar a si mesmo. Começam a construir alianças por todo o país com grupos políticos, sindicatos e lideranças comunitárias em um contexto de descontentamento com os partidos tradicionais. Em seu programa, procuram construir simbolicamente um povo mais plural do que o imaginado pelos teóricos do MNR. De fato, um povo que já existe na Bolívia. Eles valorizam sua origem indígena e se colocam contra a oligarquia e o imperialismo. Como já foi dito, o MAS herdou a tradição de luta da COB, especialmente dos seus mineiros. Até que em 2006, Evo Morales é eleito presidente do País tendo como seu vice Álvaro García Linera, um intelectual pertencente ao grupo Comuna, cujas idéias orientaram a formação e chegada ao poder do MAS. Após eleito, Evo sofre tentativa de golpe por parte da classe média da meia lua (Santa Cruz de La Sierra), expulsa o embaixador americano do país, realiza um plebiscito no qual sai vitorioso, convoca a assembléia constituinte, um referendo popular e uma nova constituição substituiu a antiga.⁷⁹ O vice-presidente diz considerar-

⁷⁹ Ibidem.

se “um dos últimos jacobinos e o Evo um Robespierre. Porém, outros estudiosos consideram a revolução de 1952 como uma versão boliviana da Revolução Francesa. Entretanto, esse tipo de comparação não leva a lugar algum, já que as realidades são muito diferentes, tanto da Bolívia e da França como do caráter das duas revoluções ocorridas na Bolívia. Essa comparação mais parece uma tentativa de propaganda do governo.

Na primeira eleição de Evo Morales, os mineiros estavam na base do Movimento ao Socialismo (MAS) e votaram no presidente eleito, porém, eles tinham suas demandas que foram contempladas. Na segunda eleição, aconteceu o mesmo processo, os mineiros possuíam reivindicações e apoiaram o candidato eleito, porém, depois da segunda vitória, os eleitores de Potosí avaliam que as suas demandas não foram atendidas: construção de engenhos, construção do aeroporto etc. Esse foi o motivo da greve de 19 dias ocorrida em meados de 2010. A demanda dessa vez era, segundo a imprensa, a separação do departamento de Potosí devido aos impostos da mineração que vai quase todo para o Estado. Primeiro para o departamento, depois para o governo de La Paz e só então para a cidade, que fica com a menor parte. Segundo informações de campo, as reivindicações da greve eram em direção ao Estado boliviano: estabelecer os limites do Cerro Pawa, localizado entre Potosí e Oruro, região de Evo. Esse cerro está na região de Corona e os habitantes desse local possuem famílias dos dois lados da fronteira, por isso não querem brigar. Entretanto, os mineiros de Potosí querem que o Cerro Pawa pertença a Potosí e não a Oruro. Existe também nesse local ouro e calcário. As outras reivindicações provenientes do acordo entre os mineiros e Evo foram: estradas, uma fábrica de cimento e um centro de beneficiamento de minério. O que podemos observar é que já existe um aeroporto em construção na entrada da cidade e também o centro de beneficiamento Karachipampa.

Enquanto os mineiros estão em greve eles não recebem, pois só ganham o que conseguem tirar em minério. Isso pode explicar porque a situação se radicalizou no meio de 2010. O que foi acordado ao fim da greve com o governo foi o término da construção do Aeroporto Nicolas Rojas e do centro de beneficiamento. Na verdade, os potosinos estão bastante descontentes com Evo, pois em janeiro de 2010 houve movimentação para as eleições municipais com um protesto na praça central, que está rodeada pelos órgãos públicos e onde se conversa sobre política e as pessoas se

informam sobre questões gerais e as questões que dizem respeito ao cotidiano de cada um, através do jornal “El Potosí”, que está disponível pela manhã e há também o jornal que sai pela tarde, pois chega de La Paz e se chama: “La Razón”. O protesto de 2010 reivindicava mais tempo para os candidatos que não eram ligados ao Evo. Outro descontentamento dos potosinos é que o Evo não esteve presente às suas comemorações de duzentos anos de independência.

Ademais do descontentamento dos potosinos, é necessário rever a história da Bolívia e considerar os avanços que vêm sendo alcançados pelo atual presidente. Esse país sempre foi governado por golpes e interesses estrangeiros. Os presidentes bolivianos ficavam pouco tempo no poder (de seis meses a um ano no máximo). O Evo já é o presidente que está há mais tempo na presidência, vivenciou e vivencia uma grande pressão de setores ligados às classes médias urbanas da chamada meia lua ou oriente boliviano. De acordo com Pablo Stefanoni (LNERA, 2010) esse conceito de classe média tem na Bolívia especificidades: utiliza-se classe média para os brancos, mestiços, inclusive os de baixa renda, enquanto excluem dessa categoria os chamados ‘cholos’(indígenas urbanos) que acumulam, sobretudo pelo comércio informal, consideráveis capitais. Esse mesmo autor utiliza para os indígenas o termo ‘capitais étnicos’. Linera sempre procurou, nos textos de Marx, respostas para as questões étnicas vivenciadas por ele e outros intelectuais da América Latina. Já que existe uma tensão entre a esquerda tradicional e os camponeses que hoje se consideram a vanguarda por serem a base mais significativa do MAS. A organização indígena, herança da civilização Inca, e o movimento operário mineiro possuem entre si uma imbricação, uma organização significativa. Porém a maneira de organização das comunidades camponesas na forma dos Ayllus (unidad territorial, social, y de parentesco): representado por um jilaqata (autoridade do Ayllu) um pastor, já existe desde antes do século XVI. Enquanto o movimento operário se estruturou como tal a partir do século XVIII.

*



A Bolívia está localizada no centro-oeste da América do Sul. Faz fronteira a leste com o Brasil, a noroeste com o Peru, a sudoeste com o Chile, ao sul com a Argentina e a sudeste com o Paraguai. É uma nação andino-amazônica com 8 989 046 milhões de habitantes, em que 62% dos habitantes se identifica como quéchua e aimará. Existem também os que se denominam guaranis e os mestiços. O país está dividido em nove departamentos: Santa Cruz, Chuquisaca, Cochabamba, El Beni, La Paz, Oruro, Pando, Potosí (Anexo I) e Tarija.

O país ocupa um território de 1.098.581 km² e abriga vastos recursos de prata, estanho, ouro, chumbo, zinco, cobre, bismuto, antimônio, tungstênio, platina, paládio, tântalo, cromo, cádmio, níquel e índio. Essa gama ampla e diversificada de metálicos é distribuída principalmente nas Zonas Orogênicas Andina e no Pré-Cambriano, que juntos representam cerca de 60% da Bolívia (Arce-Burgoa).

A seguir faço um resumo da geologia⁸⁰ com a ajuda de um geólogo que me acompanhou até o campo: O território boliviano está dividido em seis províncias

⁸⁰ BLOOMFIELD, K. & LITHERLAND, M. Projeto de exploración mineral del oriente boliviano. Proyecto precámbrico; fase1-1976-1979. Informe n.º1 - Resumen de la geología y potencial de

geológicas, que de leste para oeste são: Pré-Cambriano da Bolívia, Planície do Chaco, Região Sub-andina, Cordilheira Oriental, Altiplano e a Cordilheira Ocidental, as quatro últimas fazem parte da Zona Orogênica Andina. O Pré-Cambriano da Bolívia, localizado no leste do país, é a extensão do Escudo Central do Brasil ou do Cráton do Guaporé. As Planícies do Chaco cobrem 40% da Bolívia e está localizado na parte central do país em altitudes inferiores a 250 m. Inclui sedimentos aluviais, repousa sobre uma base de rochas pré-cambrianas Paleozóico-Mesozóico. A Região Sub-Andina compreende uma faixa dobrada. Quando uma placa tectônica é imersa sobre outra, ocorre que a que ficou por cima acaba por se dobrar acarretando influências na superfície, é de tal estrutura de fenômenos que surge os andes. A região sub-andina caracteriza-se por cumes estreitos geral norte-sul e altitudes entre 500 e 2000 m. As litologias consistem em sedimentos marinhos e continentais de idade Mesozóica e terciária. A Cordilheira Oriental é uma região montanhosa de idade ordoviciana e consiste em rochas metamórficas com altitude de 500 a 2000 m.

O Altiplano continental, com cerca de 850 km de comprimento e uma largura média de 130 km (cerca de 110.000 km²), localiza-se entre 3.600 e 4.100 m e consiste em planícies altas interrompidas por elevações. A Cordilheira Ocidental é uma formação vulcânica de 750 km de comprimento e 40 km de largura em média. É formada por fluxos de lava e rochas piroclásticas do Jurassic, sequências marinhas e de arenitos e siltitos de idade Cretáceo Inferior, com altitudes elevadas que podem chegar a mais de 6000 m.

Os distritos mineiros da Bolívia são: - Rummy Paya nos arredores de Potosí, Tarra Paya (Bacia do Alto Pilcomayo): O Cerro Rico (Anexo III) está localizado no sudeste da Bolívia, na cidade de Potosí, Cerro Kantumarca, Cerro Colavi, Cerro Porco, Cerro San Bartolomé. Os minerais produzidos neste distrito são: Prata, Estanho, Zinco, Chumbo e Wolfrâmio (Tungstênio)

- Atocha, Cotagaita, Tupiza (Chichas), Cuenca, Cotagaita-San Juan del Oro (Potosí). Minas: Tasna, San Vicente, Ubina, Pulacayo, Chilcobija, Tatasi, Animas, Siete Suyos, Chocaya, Chorolque. Neste distrito são

produzidos: complexos polimetálicos compostos de Prata-Zinco-Estanho-Bismuto-Wolfrâmio e Ouro.

- Cordillera Azanaques-Frailes (faixa polimetálica) – Poopo (Oruro) e Bustillos (Potosí), rios Huanuni e Antequera. Juchusuma, Tacagua (até o oeste) e os rios Chayanta e Pilcomayo (ao leste). Minas: Huanuni, Bolivar, Japo, Lla-lagua, Séc XX, Amayapampa, Quechisla, Totoral, Catavi, Sevaruyo. Nessa região o estanho é abundante, seguido de complexos polimetálicos.

- KoriKollo-Iroco (Oruro) Local de exploração da empresa Inti Raymi . Produz principalmente ouro.

- San Cristobal, cerros Jalula, Tesorera, Achupalla. (Potosí), com produção de Zinco, Prata e Chumbo.

- Sud Lipez (Potosí), Kapina, Soniquera, onde são produzidos minerais não metálicos (Boro e Enxofre).

- Region cordillera três Cruces. Minas: Caracoles, Viloco, Colquiri, Araca, La Joya, Kami, Chicote. Estanho principalmente e secundariamente prata.

- Region da cordillera real em La Paz: Milluni, Chojlla, Bolsa Negra, numerosas minas pequenas dispersas. Estanho, Wolfrâmio e Antimônio.

- Coro Coro (Pacajes, La Paz), complexos de Zinco, Prata e Antimônio.

- Salar de Uyuni. (Nor Lipez, Potosí) com produção atual de Sal (Cloreto de Sódio), apontado como futura fonte principal mundial de Lítio para baterias de carros elétricos e outras aplicações.

- Cordillera Real e yungas de La Paz: Consata, Mapiri, Tipuani, Teoponte, Guanay, Huarinilla, Zongo, onde ocorre e é produzidos ouro em veios.

- Cordillera de Apolobamba (ANMI Apolobamba e Parque Madidi: Ulla Ulla, Suches, Sorapata, Camata, Asariamamas. Ouro em aluviões e veios.

- Cerro Mutún, Germán Busch, Santa Cruz. Grandes jazidas de Ferro com produção intermitente, atualmente em mãos de empresas chinesas.
- Araras, F. Román, Pando. Ouro aluvionar. Veios auríferos.
- Chiquitanía, (Chiquitos, Santa Cruz) Mina Don Mario). Jazimentos polimetálicos de Ouro, Prata e Cobre.
- Chiquitanía. La Gaiba (Angel Sandoval, Santa Cruz). Pedras semi-preciosas.
- Chiquitanía. Guarayos, Santa Cruz. San Ramón, San Javier. Minas La Miguela, Cerro Puquio. Cobre e ouro.
- Zona Cal Orko. (Sucre e zonas vizinhas). Minerais para indústria cimenteira (Cal e Gesso).

As reservas geológicas do cerro são elevadas, mas estão inacessíveis às novas tecnologias das cooperativas. A partir de 1990 houve uma liberalização do mercado, uma mecanização e exploração de prata e outros minerais pelas Cooperativas Candelária e Compotosí.

De acordo com a nova constituição, o país é denominado Estado Plurinacional da Bolívia, possui Sucre como capital constitucional e La Paz como capital administrativa. O PIB da Bolívia é de 20 bilhões de dólares. Ele possui na mineração apenas 4,1% de seu produto interno bruto, tendo passado em 2004 de 3,8% para o valor citado acima. Entretanto é significativo que o crescimento econômico do país em 2004 foi negativo (-8,1) e em 2005 positivo (11,6). O setor agrícola representa 14,60%, é importante ressaltar que ele, não se reduz à folha de coca, é formado também por batata, milho, amendoim, beterraba, mais recentemente o feijão e a quínoa. A folha de coca ocupa o quarto lugar, estando a batata, o milho e o amendoim respectivamente colocados à frente dela. O setor de petróleo cru e gás natural é um dos mais dinâmicos da economia e participa de 15,1% do PIB. Já o setor secundário de manufaturas cresceu em comparação com a década de 80 3,8% e no ano de 2005 teve um aumento de 3,2% alcançando no mesmo ano 16,6% do PIB. O setor terciário cresceu com a construção de obras públicas em 2005 1,4%, passando a atingir o ínfimo valor de 2,6%, o setor de transporte passou de 11% para 11,1% e o setor bancário nos últimos anos teve um

decréscimo mantendo-se estável em 2003 e 2002. Confirmando a tendência em 2005 do PIB, tendo passado de 11,8% em 2004 para 11,4% em 2005.

A Bolívia possui um IDH de 0,643 e ocupa o nonagésimo quinto lugar no ranking mundial de desenvolvimento humano segundo dados de 1998 e uma renda per capita de 4,451 dólares. Apesar de possuir um IDH médio, possui uma pobreza que alcança 60% da população. A expectativa de vida é de 65,6 anos de idade ocupando o 134º lugar, a mortalidade infantil é de 45,6 mil nascidos vivos (132º). De acordo com dados do Centro de estudos do desenvolvimento laboral e agrário (CEDLA) 57400 dos empregos da Bolívia estão na mineração. Na cidade de Potosí, encontram-se 16000 desses empregos. Outra parte, no departamento de Potosí, em locais como Llallagua, Huanuni e Tupiza. E o restante está entre os departamentos de Oruro e La Paz. As cooperativas de mineiros empregam 46700 trabalhadores, o capital estrangeiro 3500 e o restante está nas mãos das pequenas empresas nacionais e do Estado. As cooperativas, em que a extração é artesanal, produziram em 2007, 73900 toneladas de zinco, enquanto as empresas de capital estrangeiro produziram 140 mil toneladas com 17 vezes menos trabalhadores. As grandes empresas só empregam 7% da população, as pequenas e médias só 10%, enquanto a empresa familiar sob relação de trabalho tradicional emprega 80% da população ocupada. De maneira inversa, são as grandes empresas que geram 65% do PIB, a familiar produz apenas 25% do mesmo. A taxa de desemprego pulou de 3% em 1994 para 8,5% em 2001 e, segundo o CEDLA, chegou a 13,2%. As empresas privatizadas empregam 11,1 mil pessoas a menos das que trabalhavam antes da privatização. Nos últimos anos houve uma queda de 13,5% da média da renda dos bolivianos entre 1999 e 2003.

*

Como já é sabido a mineração, por onde passa, deixa destruição, sobretudo para os seres humanos. Se fizermos um apanhado sobre as regiões mineiras esgotadas, não encontramos pessoas: elas são abandonadas. Se o minério acaba, acaba tudo junto com a riqueza. Quando ouvimos os mineiros e observamos seu trabalho, temos a sensação de

que a mineração artesanal realizada hoje em Potosí é um trabalho demasiadamente duro. “A exploração do homem pelo homem” fica evidente, sobretudo quando vemos crianças trabalhando, incentivadas pelo: quanto mais você fizer, mais ganhará. À primeira vista, a luta pela sobrevivência nos lembra uma situação medieval. De fato, a princípio, o que me levou a estudar Potosí, não foi pela sua riqueza cultural, mas pela situação de miséria.

Com a reeleição de Evo Morales em 2010, os mineiros apoiaram-no. Porém ele não cumpriu suas promessas. Em 2005 deu ajuda como martelos pneumáticos para algumas cooperativas, os mineiros esperavam que Evo os ajudasse com a criação de engenhos para que pudessem processar o mineral e ganhar mais, porém isso não aconteceu. Agora eles vendem o material bruto. Os terceiros que participam do processo são os que mais lucram, eles compram o material bruto e o vendem beneficiado, ou seja, mais caro. Às vezes os da cooperativa fazem análise química do mineral para venderem de acordo com o teor deste, mas se querem vender em maior quantidade isso não é possível. Pois precisam do retorno do trabalho e não podem esperar a análise química de todo o minério extraído. Ao localizarem o veio, a mina começa a ser explorada e cria-se a cooperativa. Quando o veio se esgota os cooperados procuram outro. Existem lugares onde os minerais são melhores, outros onde são piores e lugares em que se trabalha com materiais oxidados e sulfetos de prata e zinco. A junção do aspecto político - econômico com o imaginário é um motivo atribuído pelos mineiros à instabilidade e capricho dos veios.

*

Potosí, onde está localizado o Cerro Rico, possui ruas estreitas com muitos aclives e declives, suntuosas construções coloniais no centro e uma grande quantidade de turistas. Cerro Rico foi descoberto por ‘Diego Alpa’ que veio de Cuzco, no Peru. *Sumaj Orcko* (monte bonito ou grande cerro) como é conhecido na língua local, é onde se concentram as minas e era temido pelos incas porque acreditavam que podiam escutar os bramidos de seu Senhor – *O Supay*: o senhor do indômito, do silêncio e das profundezas. (Glockner, 2007) Ele chegou a ter mais de cinco mil bocas de minas e galerias interconectadas. Atualmente são aproximadamente 460 entradas de minas e ao

todo 45 cooperativas. Do mirante pode-se ver o centro da cidade e a porção ocupada pelas casas dos mineiros.

A mina de Pailaviri, em Cerro Rico, está a mais de 4200 m de altitude, é a mais antiga e onde ainda se extrai prata, ouro, estanho e zinco. A formação geológica da Bolívia é das mais variadas e recentes. Conforme foi detalhado anteriormente, essa formação é resultado da acomodação das placas tectônicas que formam a cordilheira dos Andes. As estimativas são de que na Bolívia se concentrem as maiores reservas de estanho e lítio do mundo. Sendo que atualmente ela é a quarta maior produtora de estanho do planeta.

O saldo de mortos, desde o início da exploração espanhola, é de oito milhões de pessoas. A mineração atravessou três ciclos: o colonial com a extração da prata. O ciclo do estanho em meados do séc XVII e o ciclo que se inicia pós revolução de 1952 com a nacionalização das minas e o início da reforma agrária. Nesse período os mineiros tomam o poder e se tornam a categoria mais organizada do País. Em 1967 realizam o 'Ampliado Nacional dos Mineiros' em que discutem sua participação na guerrilha organizada por Che Guevara. Naquele momento, são reprimidos em um massacre com 87 mortos conhecido como Noite de San Juan. Uma crise de estanho na década de 80 levou à venda de grande parte das reservas de estanho da Bolívia. Milhares de minas foram fechadas e milhares de trabalhadores perderam seus empregos. Devido à falta de recursos das cooperativas para investir em maquinário, os mineiros trabalham manualmente, seus equipamentos e aparelhos de segurança são financiados por eles mesmos que devem fornecer à cooperativa parte de sua produção mensal (ONG Visionmundial) Os trabalhadores cooperados são representados pela Federação das cooperativas de mineiros - FEDECOMIM. Praticamente 100% do minério extraído pelas cooperativas é vendido no mercado interno. Elas pagam tributos somente ao Departamento. A maior reivindicação das cooperativas junto ao governo é por maior autonomia, seus associados alegam que praticamente tudo o que elas produzem acaba se revertendo em contribuição ao Tesouro Nacional. Os mineiros assalariados da Corporação Minera da Bolívia (COMIBOL) e das demais empresas estatais são representados pela Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB), fundada em 11 de junho de 1944, com 15 mil trabalhadores filiados e outras organizações a ela ligadas. Eles reivindicam melhores condições de trabalho e a

nacionalização de todas as minas, inclusive das minas pertencentes às cooperativas, pois alegam que elas são empresas privadas que se aliam às oligarquias e aos latifúndios. Todo o minério extraído pelas empresas estatais é exportado através do Estado boliviano.

Em Potosí existe também o setor da agricultura (batata, milho, trigo), construção, transporte e, quando esses mercados de trabalho se tornam mais favoráveis os mineiros abandonam a mineração e vão fazer outra coisa. Depois quando o preço do mineral sobe eles voltam.

Cerro Rico, *Sumaj Orcko*, como é conhecido na língua local, é a montanha onde se concentra o minério, as minas ativadas e desativadas. Ela chegou a ter mais de 5 mil bocas de minas e galerias interconectadas. Segundo dados do Centro de estudos do desenvolvimento laboral e agrário (CEDLA) 57400 empregos da Bolívia concentram-se na mineração. As cooperativas de mineiros empregam 46700, o capital estrangeiro 3500 e o restante está na mão das pequenas empresas nacionais e do Estado. No departamento de Potosi concentram-se 15000 destes empregos na capital e em locais como Llallagua, Huanuni e Tupiza. A outra parte está entre os departamentos de Oruro e La paz. As cooperativas, onde a extração é artesanal, produziram 73900 toneladas de zinco em 2007, as empresas de capital estrangeiro produziram 140 mil toneladas com 17 vezes menos trabalhadores com a utilização de algum maquinário. Na mineração artesanal a extração é feita com dinamite, brocas, marretas, bastões, talhadeiras e o minério é transportado pelos próprios mineiros em carrinhos de mão. As funções desenvolvidas por eles são: carretos, perfuração, transporte de ferramentas, extração e limpeza do minério. Tanto os mineiros assalariados da Corporação Minera da Bolívia (COMIBOL) quanto os das cooperativas recebem pelo que extraem em torno de 20 bolivianos por dia. Esses mineiros são representados pela Central Obrera Boliviana (COB) e mais diretamente pela Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB), fundada em 11 de junho de 1944. Com 15 mil trabalhadores filiados.

A expectativa de vida dos mineiros é de 35 anos, segundo depoimento de uma mineira.⁸¹ O pó do minério causa dores de cabeça, falta de apetite, mal estar e a morte.

⁸¹ Viezzer, M. *Se me deixam falar... Depoimento de uma mineira Boliviana*. São Paulo. Global Editora. 1981.

E quando contraem o “mal da mina” (silicose) perdem o trabalho. Além disso, os acidentes mais frequentes são devido ao deslizamento de terra, ao mau uso do dinamite e aos gases tóxicos. Em 2007 somente na mina que visitei 28 pessoas morreram.

Conheci a Mina Rosário- Cooperativa Unificada datada do séc XVII, o principal mineral extraído é o estanho. São ao todo 45 cooperativas e 460 entradas de minas. Em cada entrada vive uma família: a guardiã da mina.

O ‘dia’ do mineiro começa às 6h da manhã. Eles podem trabalhar oito, doze, vinte quatro ou até trinta e duas horas. Iniciam o dia tomando leite e começam a mascar a folha de coca. Ao meio dia, renovam sua folha de coca e voltam ao trabalho até à noite, quando vão comer pela primeira vez. A folha de coca é o mais importante para o trabalho, pois tira a fome e o sono e dá mais força e energia. Há também uma substância (cinza e anis) que se chama catalizador e serve para ativar a folha de coca. Eles usam o tabaco negro, o de eucalipto e de anis. Usam dinamite com nitrato de amônia e nitroglicerina. Usam álcool puro para brindar *El tío* e a Madre Terra, pois acreditam que quanto mais puro o álcool mais puro será o mineral.

4) E A MINA COMEÇA A FAZER PARTE DO SEU SER

Para Ohmar⁸², 47 anos, que começou a trabalhar com 14 anos ser mineiro não é uma opção, mas falta de alternativa em Potosí. Esta é a única opção. Ao questioná-lo se tinha algo a ver com coragem ele responde que não.

Para Roberto, 18 anos, ser mineiro é trabalho duro, depois é bom. Para Reinaldo ser mineiro não é profissão, é prática. Para ele profissão é matemática, arquiteto. O Deus que ele acredita é lá de fora, dentro da mina é o *tio*, tal crença foi relatada por três mineiros. Para ele ser mineiro é seguir trabalhando, pois não há outra opção.

Para Geraldo, quando perguntei o que é ser mineiro, ele disse: “aqui estamos trabalhando”. Jacinto, que levantava a bolsa de um piso abaixo através de uma roldana e jogava o minério em um carrinho de mão, diz gostar de ser mineiro.

Dona Macária separa a pedra com martelo e deixa o barro. Aprendeu desde muito pequena com o pai. Diz acreditar em Deus e também na *Pachamama*⁸³. No carnaval vão descer bailando para comadre, vamos levar os instrumentos de trabalho para comemorar todo trabalho do ano inteiro.

Os mineiros ficam divididos entre buscar uma vida diferente e honrar a condição de sócio com o espaço da mina onde seu pai realizou tanto sacrifício e, deixou para eles, ou por morte prematura ou por abandono. Portanto ser mineiro é honrar o lugar e a memória do pai. Mesmo se este espera uma condição diferente para o filho.

Aprende-se o ofício vendo os outros trabalharem, por vezes com pais, com avôs. Existem os que ensinam os que entram novos. Aprendem tudo dos antigos, essa é uma das razões pelas quais a tradição da mina a pulso continua. Os chefes de ponto sempre se preocupam com os novos dentro da mina, com sua segurança. Por exemplo, o meio ambiente sombrio e contaminado, os gases tóxicos etc. Sempre vai existir alguém que indica, orienta.

O “dono” da cooperativa Kori Maio, um dos nossos entrevistados furou com máquina com ar comprimido todo um buraco que vai de 200 a 300 metros e agora não trabalha mais. Ele possui mineiros trabalhando para ele. Aprendeu o ofício durante dois

⁸² Os nomes dos entrevistados são fictícios.

⁸³ Madre terra; deusa associada a fertilidade do solo. Em Potosí ela é identificada com o Cerro Rico.

anos, pouco a pouco, trabalhando em outra mina. Primeiro como cargueiro depois aprendeu a perfurar e depois abriu sua cooperativa. Ele diz que devagar se aprende tudo, vendo e fazendo.

Um mineiro de dezoito anos que entrevistei afirmou que pretende seguir classes na Universidade Tomás Frias de Sistemas – engenharia informática.

Outros três mineiros de 16, 17 e 20 anos, dizem que os sonhos para o futuro são de trabalhar sempre com a mineração, eles não estudam e fizeram um contrato de extrair o mineral por quatrocentos bolivianos a cada dez toneladas. Eles querem tirar o dobro para ganhar o dobro. Questionados se pretendem mudar de vida, dizem que não. E o que gostam na profissão de mineiro é ganhar. Eles utilizam o dinheiro para comprar roupa e comer.

Os camponeses se tornam mineiros, e, mesmo com toda regulação, os Kajchas permanecem até hoje com épocas de trabalho no campo e épocas de trabalho nas minas. Eles são trabalhadores livres. Os mineiros provinciais, em sua grande maioria, nascidos no Departamento de Potosí, vêm de comunidades de camponeses. Os mineiros nascidos em outros departamentos são de cidades grandes como Sucre, Oruro e La Paz. Quase todos os mineiros nascidos em Potosí vêm de uma família mineira. Em Potosí só a COMIBOL possuía mão de obra estável antes de 1985.

Nascer em uma família mineira de Potosí significa estar inserido precocemente tanto no ofício da forma como era realizado desde início da exploração do Cerro quanto receber um status social. Os mais antigos foram empregados da Hochschild, criaram as cooperativas, viram nascer a COMIBOL. Os Kajchas faziam de seus filhos Kajchas, empregados da Hochschild e os assalariados da COMIBOL também colocavam seus filhos em seus lugares. Todas essas famílias dependem do mercado de minerais e dos caprichos dos veios. A última crise levou muitos mineiros à Argentina, Chile, às plantações de coca ou a retornar para suas áreas rurais de origem.

A pressão econômica e a atração pelo dinheiro termina por atrair os jovens à mina. Eles param os estudos, exceto os da COMIBOL que só podiam ingressar à mina depois dos 18 anos. A escolarização obrigatória faz com que as crianças demorem mais a seguir o trabalho regular. Agora a partir dos 14, 15 anos já estão trabalhando em

tempo integral e frequentam a escola à noite. Mesmo quando os pais tentam deixar seus filhos longe da mina, eles são alcançados por ela. O trabalho na mina se torna importante na construção da identidade dos filhos.

Desde criança o menino vê o pai e anseia por seguir seu modelo de virilidade: esforço físico, o desafio do perigo e o encontro depois do trabalho com os amigos. Ser mineiro pode ser compreendido como um rito de passagem até a idade adulta, significa a aquisição de uma identidade masculina.

Já os mineiros provenientes dos centros mineiros provinciais do norte do departamento de Potosí: Llallagua, Ucía y Catavi, Colquechaca; Província de Frias: Huari-Huari; Província de Saavedra: Colavi, Província de Quijarro: **Porto** vêm dos principais centros de migração intramineira, das minas da COMIBOL de que os trabalhadores foram despedidos na década de 80. Quem nasce nelas são de famílias mineiras.

A dificuldade do cultivo em terras de montanha e a falta de dinheiro são os principais motivos alegados pelos camponeses para ir ao Cerro, a contaminação do solo e das correntes de água em decorrência da atividade mineira também retiram as pessoas do campo. A busca de dinheiro para as festividades locais é outro motivo que leva camponeses às minas, trabalhar na mina possibilita um acesso às mercadorias do mundo ocidental: roupa, rádio, televisão, a escolarização dos filhos em estabelecimentos urbanos. No caso dos camponeses, a mina para os pais pode trazer para os filhos outras profissões, o acesso ao castelhano e a saída das penúrias do campo e da identidade de índio.

Os *ayllus*⁸⁴ Tinguipaya e Parantaca são de onde saem os trabalhadores para o Cerro, com maior frequência que outros mais distantes. Porém com a crise muitos vieram de *ayllus* do norte do departamento de Potosí. No campo existem os *ayllus* que são comunidades originárias. A vida é organizada comunalmente, tendo os membros que assumir cargos políticos, religiosos e participar nas instituições de ajuda mútua para não perder o direito das terras comuns. Os mineiros vêm também de comunidades reconstituídas, as antigas haciendas coloniais que depois da reforma agrária foram voltando a ser como *ayllus*. As comunidades do sul de Potosí já foram fornecedoras de

⁸⁴ Comunidades camponesas.

mineiros para o Cerro, mas agora não são mais. Porém os trabalhadores das cooperativas vieram do campo e nunca perderam totalmente o vínculo com o meio rural. Mas aos poucos vai ocorrendo nas famílias uma transformação de trabalhador rural em famílias de mineiros, com o transcorrer do tempo os filhos e netos vão se tornando mineiros. Os principais pontos de ruptura com o campo são os salários e a organização hierárquica na mina que é diferente à comunal do campo. No campo não existe a divisão sexual do trabalho que existe na mina. A diferença do trabalho do campo também se faz sentir no ambiente, pois no campo trabalha-se ao ar livre e na mina em ambientes escuros e asfixiantes que fazem lembrar o mundo dos mortos, de forças diabólicas, cuja existência conheciam mas nunca haviam se aventurado. Muitos quando topam com a figura confeccionada do tio saem correndo e não voltam nunca mais.

Entretanto as tarefas pesadas de carregar e transportar o minério, o camponês já está acostumado com elas no campo. A competência profissional e o compromisso pessoal na mina estão ligados às cooperativas e se expressam na autonomia de gestão da produção e no exercício político. O trabalho heróico, a rapidez com que os mineiros retornam ao trabalho depois de um acidente, a coragem, a fortaleza e a capacidade de resistência significam uma identidade viril. Os trabalhadores do céu aberto passam por subhomens. São qualificados por *q'iwa*⁸⁵. Os sócios cooperativistas que investem seu dinheiro sem trabalhar, tampouco são considerados como verdadeiros mineiros. Os realocizados (os que agora cobram impostos, antes eram mineiros) da COMIBOL que preferem viver na miséria a reconverter-se em ocupações *q'iwa* como o pequeno comércio também. Isso confirma a importância do trabalho subterrâneo na auto-estima dos mineiros.

O saber fazer dos mineiros é conhecer todo o processo de produção e fazer a mina produzir. O orgulho se traduz em fazer dar um bom mineral. O retorno econômico reforça tudo isso. Ainda que o retorno do veio para se converter em habilidade e prosperidade seja algo aleatório. A habilidade artesanal é mais valorizada que o trabalho mecanizado, mesmo este sendo mais rentável. São organizados concursos de barreteiro

⁸⁵ Covardes, afeminados.

(que perfuram a rocha a pulso com *baseno*)⁸⁶ em que o mineiro demonstra sua destreza e sua força.

No centro de Potosí – a cidade imperial – não se vê muitos mineiros, eles não frequentam lugares que não sejam os bairros mineiros que se localizam na periferia do centro histórico. É possível ver camponeses no centro administrativo, mas mineiros é mais raro. Eles moram no subúrbio do Cerro Rico. Os bairros mineiros estão no sul da cidade em torno das antigas paróquias. Os resíduos dos engenhos invadem os bairros, eles têm luz, mas não têm água potável. Existem também mercados, cantinas, laboratório, ferreiros, as oficinas e engenhos das cooperativas.

Eles jogam futebol e conversam no mercado as novidades da mina. Possuem uma vida religiosa o que é um fator de coesão. Vivem em um regime de ajuda mútua. As cerimônias religiosas e o trabalho são a coluna vertebral da relação social da vida do bairro. Os mineiros assistem à missa menos que suas mulheres, mas levam uma vez por ano as virgens e a cruz das minas para ouvir a missa. Ou, pelo menos, uma vez em sua vida. Possuem em torno das relações de trabalho uma rede de alianças.

Juntando as festas dos mortos no dia primeiro e no dia três de novembro, casamentos, matrimônios, batizados etc, não passa uma semana sem que os mineiros celebrem alguma coisa. Lembra a suntuosidade dos tempos de glória da Potosí Imperial. Carrega-se a idéia da generosidade da montanha e também que é necessário valorizar a vida e a quantidade de mortos é grande por isso também precisam lembrar-se.

Os mineiros enfrentam os perigos da mina pela família, parecem contrariados quando na radiografia seu grau de silicose é muito baixo. Isso pode ser explicado porque quando a pessoa está marcada por doenças ocupacionais ela é aposentada. Pode-se perguntar: será que só interesses econômicos motivam essa decepção?

A expressão ritual da deontologia do sacrifício⁸⁷ se dá nas cooperativas. Elas possuem seus mausoléus nos cemitérios onde fazem romarias em seus aniversários. Os defuntos são objeto de comemoração, durante o aniversário das secções. Eles são velados nas cooperativas pelos colegas de trabalho. Isso se inscreve em um local de

⁸⁶ Haste em forma de bastão.

⁸⁷ Simone Weil ao longo de sua obra considera o sacrifício como caminho para chegar ao real sentido da existência.

tradição onde a mita (forma de trabalho compulsória utilizada pelos colonizadores na América Hispânica e existe até hoje em Potosí) é o evento fundador. Os mitayos viviam encerrados por um ano na mina até saírem cegos pela luz do dia. Tal evento constitui a matriz histórica da ideologia da martirologia da mina.

A sociedade mineira pretende ser igualitária. Os mais ricos pagam as festas e os que se desgrudam da classe passam a ser muito criticados. Existe um limite entre a cidade e o Cerro, os mineiros não vão ao centro e os profissionais não mineiros não vão ao cerro, chamam os mineiros de mineritos. As classes médias quando falam dos mineiros dizem: eles usam mal o dinheiro, o álcool, são grosseiros, adúlteros, insensatos e chamam-nos de índio refinado. O que os espanhóis diziam dos mineiros foi sendo assumido por eles como identidade: bêbados, arrogantes e adúlteros. Os espanhóis recorriam ao álcool que eles mesmos vendiam para fazer os índios trabalharem: chicha de maíz (uma bebida típica feita a base de milho), vino e aguardente.

As mobilizações das cooperativas são menos radicais que os sindicatos revolucionários da COMIBOL. San Lunes era o primeiro dia de trabalho da semana, desviava os trabalhadores do trabalho para o bar. Os mineiros atribuem toda sua decadência moral ao sangue dos espanhóis que chegaram em Potosí. Antes os índios eram humildes e não prepotentes. Diante dos camponeses os mineiros são meio índio meio espanhol, diante dos espanhóis acontece o contrário. No início do trabalho como mineiro existe uma vontade de mudar de vida, depois a mina começa a fazer parte de seu ser.

*

No mito de origem da exploração do Cerro está determinado para a montanha: ‘Los hombres te van a montar, te van a bajar, te van a penetrar’. Eles devem seduzir, o que depende do consentimento dela. Os acidentes mortais são em decorrência da *Pachamama* que fica apaixonada pelos mineiros e os faz prisioneiros. Os veios são a união sexual entre o homem e a montanha, se os homens confiam em suas esposas e falam dos veios e do trabalho a *Pachamama* fica com ciúmes. O *tío* é a libido

desenfreada (grande pênis), o sexo dele com homens é feito com os empactados. O desenho dos genitais femininos nas paredes é para o *tío* se excitar. Colocar sorte em um lugar é levar mulheres para copular com o *tío*. Essa é a especialidade de algumas *palliris*⁸⁸. Os mineiros com seu alter-ego diabólico podem possuir as mulheres em nome do *tío*, isso longe dos veios no *pijchadero*⁸⁹ se não o veio seca. O sexo entre um homem e uma mulher na mina estimula o *tío* e a *Pachamama*. A libido humana se afeta pelos permanentes estímulos da atividade mineira. Os fluídos corporais fazem parte da circulação hidráulica universal entre eles, por isso a atividade sexual humana estimula a da terra e vice-versa segundo as crenças locais.

Existe a crença de que as mulheres não devem entrar na mina, isso acontece em decorrência dos ciúmes das divindades, o trabalho é uma atividade masculina por excelência e mantê-las a salvo de acidentes e de seus comportamentos impetuosos é uma forma de protegê-las. Os homens e as mulheres estão de acordo sobre isso e esta proibição é estruturante da organização do trabalho.

Em 1950 havia mulheres que trabalhavam na mina. A massificação do trabalho no século XIX contribuiu para a incorporação do trabalho das mulheres como *palliris*. Atualmente são 5000 mulheres que trabalham, 10% dos cooperados, como *palliris*. Mas esses números têm diminuído nos últimos anos. Praticamente todas são viúvas de sócios. Por toda aposentadoria do marido as mulheres recebem o usufruto de uma área de trabalho. Mesmo não existindo nenhum regulamento proibindo o trabalho das mulheres no subsolo existiam em 1998 apenas três mulheres. O resto explora a céu aberto.

Todas as mulheres são *banco ñawi*⁹⁰. O chefe pode referir-se a uma mudança de estado do veio. Assim se um trabalhador, logo no início de seu trabalho em um veio faz algo que não é aceito, como levar mulheres ao local do veio pode desaparecer, então o mineiro é demitido. Os mineiros escondem o mineral da vista dos demais, inclusive dos companheiros.

⁸⁸ Antigamente as pessoas que rebuscam o mineral atualmente as mulheres que separam o mineral a céu aberto.

⁸⁹ Locais onde se masca a folha de coca sozinho.

⁹⁰ Sinônimo de mau agouro ou má sombra.

As atividades a céu aberto feito por mulheres são reciclagem dos desmontes e varreção dos resíduos. Quando um mineiro morre, se sua mulher for trabalhar em seu lugar ganhará mais do que como *palliri*. Por isso, proibir passa também por uma reserva de locais para os sócios homens. As *palliris* ganham de dez a seis vezes menos e são solteiras ou viúvas.

Dona Macária é uma *pailliri* que entrevistei, tem 68 anos e trabalha com mineração há 50 anos, começou em 1960. Desde muito pequena, ainda quando criança começou a trabalhar com estanho, trabalhou em Paiaco e depois em Suco, chegou ao Cerro em 1985 na baixa do estanho. No Cerro trabalhou com chumbo e prata e está há cinco anos no Cerro.

Ela nos conta como é seu trabalho: “Claro, que se tem que separar. Tem que separar, escolher e selecionar! Com martelo, com chumbo” Questionada se acredita em algum Deus ela responde: “Se crê em algum Deus (...) Como Pachamama quer dizer? Bem nós cremos em Cristo e também na Pachamama...”



Dona Macária em seu local de trabalho – Acervo pessoal

Ao serem questionados também a respeito das divindades, os entrevistados homens não falaram sobre a *Pachamama* ou Cristo, eles só se referem ao *tío*. Dona Macária, além de se referir a outro Deus que não só o *tío*, faz uma junção da cultura espanhola (Cristo) com a cultura andina.

De acordo com Absi (2005), Dona Isabel e Dona Júlia resolveram, a despeito da proibição e da crença de mau agouro, trabalhar em uma mina como os homens. Foram para um lugar que já foi abandonado pelos homens e nenhum deles as ajuda, somente o irmão de uma delas, que aparece de vez em quando para fazer as tarefas que exigem mais força física. Elas não realizam seu trabalho para desafiar os homens, fazem-no simplesmente para sair do marasmo ao qual estão encerradas. Elas acabam desafiando, porque os homens ficam sem saber como conciliar o trabalho dessas mulheres com as razões que legitimam o veto de acesso das mulheres à mina, essas razões compõem a identidade viril e masculina dos homens. Eles acabam por discriminar as mulheres e a dizer que elas são masculinizadas e que uma deve ser esposa da outra. Júlia perfura a rocha a pulso e maneja a dinamite, já Isabel recolhe o mineral, esse trabalho é mais aceito para as mulheres que o outro.

Além de Dona Júlia e Dona Isabel existem também as turistas que desde o final dos anos oitenta colocam seus olhos nos veios. Eles aceitam porque sentem-se valorizados por outras pessoas se interessarem pelo seu trabalho, além dos presentes que elas levam como refrigerantes, folha de coca, cigarros e as vezes até dinheiro. Eles estranham porque as turistas vestem calças e os mineiros estão acostumados com mulheres que vestem saias. As calças são sinal de imaturidade sexual, pois lá só as meninas antes da puberdade vestem calças, então como as “gringas” ainda não são mulheres não são rivais da pachamama. O que faz das turistas bem vindas à mina é o fato deles acreditarem que elas possuem certa cumplicidade com os deuses da riqueza. Eles dizem que os gringos têm prata, logo, têm sorte e vão trazê-la para dentro da mina. Mas alguns sócios ainda não gostam que as turistas se aproximem dos veios ou entrem na mina.

RITUAIS E RELAÇÕES DE PRODUÇÃO

Os rituais se enraízam na realidade social, pois um marco dos ritos é o grupo de trabalho, a seção e a cooperativa que estão estruturadas pelas relações contratuais de trabalho.

A hierarquia e as relações de trabalho estão também na organização e financiamento dos rituais. O financiamento dos ritos segue a mesma lógica dos impostos pagos para o Estado, ou seja, cada mineiro (sócio e segunda mão) paga uma parte do que produz ao estado e aos deuses. Apenas os peões são assalariados e não contribuem com os rituais.

O calendário ritual anual é composto do rito semanal ao *tío*: *la ch' alla*⁹¹ e cerimônias anuais, o calendário pascal, os sacrifícios pelo Espírito Santo (maio e junho e primeiro de agosto) e os ritos de carnaval (fevereiro). Essas festas estão ligadas à tradição indígena camponesa. A seguir seu relato em detalhe.

Para os sacrifícios de *llamas*⁹² serem coordenados por um sócio, este deve possuir o usufruto de um local, ou seja, uma seção que dá o direito a ele ao acesso à terra. Já para as *ch'allas* (oferenda de álcool, coca e cigarros) ao *tío* é necessário o domínio do ofício. Nesses rituais os peões realizam tarefas subalternas, pois não dominam o ofício. A decoração dos locais de trabalho feita pelos compadres está relacionada ao controle dos meios de produção. Assim os peões que são aprendizes têm sua relação com os deuses mediatizada pelos sócios e *segundas mãos*.

As *ch'allas* semanais aos *tíos*: na hora da parada entre duas mitas: os trabalhadores se reúnem em torno do *tío* para renovar o *pijchu*⁹³: folhas e cigarros circulam entre os trabalhadores e o *tío*. Às vezes bebem juntos para canalizar as forças do diabo que são transmitidas. Mas segunda e sexta são os dias de beber ao *tío*, quando se solicita a colaboração do *tío* a longo prazo: 'para que nos vaia bien'. É o sócio que toma a iniciativa. Se a produção é ruim para obter os favores se é boa para agradecer e manter sua colaboração.

⁹¹ Libações de álcool; por extensão os ritos elementares que são acompanhados por oferendas de coca e cigarros.

⁹² Animais mamíferos que vivem na região andina.

⁹³ Mascar folhas de coca.

Sacrifícios de Espírito santo e de primeiro de agosto são realizados na época seca, fria, aos sábados, para evitar a interrupção do trabalho. É feito para a *Pachamama* proteger os mineiros contra acidentes e melhorar a produção. Eles sacrificam a *llama* ao meio dia e ao entardecer a queimam em um prato de oferendas chamado *quwa*⁹⁴. A *llama* custa 100 dólares no mercado mineiro. Nessa época os camponeses vão expor as *llamas* para os mineiros.

O sacrifício é feito pelo grupo de trabalho, toda a secção e os dirigentes das cooperativas realizam o ato em frente à organização. O sacrifício humano salda a dívida dos trabalhadores com os deuses da mina. Durante a celebração o sócio distribui álcool puro aos participantes do grupo: engenheiro, delegado, outros sócios, os peões e as mulheres que bebem nessa ordem. Os mineiros brindam também dentro da mina em seu local de trabalho. Deve-se esperar pela saída deles para queimar a *quwa*. A cara da *llama* deve estar dirigida à bocamina. A esposa do sócio coloca na boca da *llama* um bocado de coca e o sócio a convida a tomar álcool murmurando suas desculpas e suas rezas a *Pachamama*. Em seguida degolam a *llama*, os peões e suas esposas recolhem o sangue que será aspergido nas paredes da bocamina, nos primeiros metros, nas *casillas*, na casa do guardião da mina e nas rampas de armazenamento. Ao final há uma salva com dinamite, joga-se cerveja na entrada da mina e dentro para que o dinheiro borbulhe nos engenhos. Nos grupos de trabalho grande, mecanizados os sócios e os de segunda mão dividem os gastos do ritual. E o chefe do grupo organiza o ritual.

Há também os sacrifícios realizados por toda cooperativa. Os eleitores descobrem a cabeça quando o dirigente toma a palavra nas cooperativas e se dirigem a eles como “companheiro Delegado”, “companheiro Presidente” Esses dirigentes devem possuir as qualidades de um mestre na atividade mineira.

O ciclo do carnaval é realizado para o santo patrono dos mineiros, a seu alter ego diabólico, aos meios de produção: o patrimônio da cooperativa. É a manifestação mais corporativa dos rituais mineiros. Ela se realiza na seção dos grupos de trabalho e na sede da cooperativa. Faz parte do ciclo do carnaval a procissão dos *tataq' aqchus*⁹⁵ e das virgens. Em seguida acontecem as danças das fraternidades que depois serão julgadas e premiadas por grupos de jurados organizados pela federação: autoridades municipais,

⁹⁴ Planta aromática.

⁹⁵ Cristo dos mineiros.

personalidades da universidade, da casa de cultura e comerciantes de mineral. Na Igreja as cruzes *tataq'aqchus* e as virgens serão abençoadas. O Carnaval é composto pelas festas para a *tataq'aqchu* ch'alla dos locais e ferramentas de trabalho, quinta-feira dos compadres e quinta-feira das comadres (as mulheres *palliris*) e as *ch'allas* dos engenhos que são feitas no final da época de chuvas. Os mineiros são liberados de suas atividades desde a noite de segunda, com isso eles realizam no mesmo dia as *ch'allas* dos engenhos que é financiado pela cooperativa. Terça-feira celebram com a família as *ch'allas* das habitações, os que possuem terra celebram na quarta-feira de cinzas no campo a sementeira. Na cidade às quintas-feiras celebra-se com os compadres no local de trabalho manual as *ch'allas* ao tio e, também, celebra-se os negócios. Nesta época os diabos estão soltos e os *tíos* aparecem mais nas minas. Os acidentes são frequentes porque os diabos têm fome, sede e querem receber dos humanos suas dívidas.

No aniversário da Virgem, realiza-se uma missa na cidade na presença dela. O aniversário de seção é menos religioso, pode ser fusionado com as outras festas e é organizado pelos delegados ou pelos *cabecillas*⁹⁶ designados no ano anterior para encabeçar a organização da parte religiosa. A virgem e as cruzes descem para a missa. Canta-se o hino de Potosí e os delegados fazem discursos para homenagear a cooperativa e seus defuntos, a seguir o presidente da cooperativa, depois os sócios e enfim quem quiser. Entrega-se diplomas aos membros da cooperativa. O aniversário da cooperativa é um evento político, às vezes se convida os dirigentes da federação nacional que vem de La Paz. A imprensa regional é convidada. Acontece uma romaria ao cemitério e uma missa para os mineiros defuntos perto do mausoléu da cooperativa.

O Aniversário da Virgem é dia oito de dezembro, o aniversário da Virgem Candelária é dois de fevereiro e coincide com o aniversário da seção. Quando o aniversário da Virgem não coincide com o aniversário da seção este se celebra na ocasião do início da exploração da mina e o aniversário da cooperativa no início da criação da organização.

Os rituais têm a função de deixar os homens quites com as divindades e colocá-los em contato. Por isso se realizam por todo o dia e por vários lugares do trabalho.

⁹⁶ Responsável ritual escolhido pela cooperativa entre os sócios para organizar o aniversário da seção e as celebrações dos santos patronos das minas.

Os deuses da mina são a *pachamama*: montanha onde madura o mineral, os tíos que organizam a exploração, as cruces e as virgens que vigiam as entranhas das minas e protegem a segurança dos mineiros. Eles são vivenciados como princípios dinâmicos que se tornam materialidade na relação que os une aos trabalhadores. Tristan Platt (1983) e Carmem Salazar Soler (1990) citados por Absi (2005) esclarecem que existe uma unidade simbólica da mina com o campo. Por exemplo, o *Supay* significa alma dos mortos e dos antepassados, fantasma, sombra da pessoa, espírito, alma uma forma verbal que tem o sentido de morrer. O *Mullu Puncu* – Curva del diablo é um corredor que une Potosí ao centro Inca. Local onde se vê pela primeira vez o Cerro Rico. Continua sendo sagrado para os mineiros de Potosí. Eles fazem peregrinação do Cerro até o povoado La Puerta. Existe uma relação direta entre a curva do diabo e o Cerro.

As *Ihas*⁹⁷ são metais mais ricos, conservados pelos mineiros que os veneram para aumentar a produção de suas vendas. Dotado de vida e espírito móvel, o mineral como uma serpente movimenta-se de um lugar a outro, esconde-se ou revela-se aos homens que os evocam durante cerimônias onde chamam os veios pelo nome. Estes também são capazes de manifestar emoções e os trabalhadores explicam sua desaparecimento em termos de suscetibilidades, por exemplo, quando os mineiros brigam entre eles o veio se assusta e foge. Mesmo que em escalas temporais diferentes os minerais nascem, se desenvolvem e envelhecem como as plantas e os homens. Os trabalhadores do Cerro acreditam existir no interior deste, um grande pilar de ouro que um dia aparecerá. Acreditam que os antigos lugares explorados e já abandonados podem voltar a dar prata e estanho. Tantas esperanças ligadas à faculdade do mineral de crescer e de madurar. Os mineiros são como embriões no ventre da *Pachamama* e o dar a luz significa levantar uma a uma as saias da *Pachamama*.

RITUAIS DAS SEÇÕES

As procissões dos *tataq'aqchus*, aniversários da Virgem e da seção – estão relacionados aos direitos políticos de sócios e a eleição na festa anterior dos *cabecillas*.

⁹⁷ Pedaco de mineral de grande valor conservado pelos mineiros. Significa também os minerais que são oferecidos aos convidados durante as *ch'allas* dos jovens compadres.

O financiamento coletivo dos rituais aos santos patronos, através de cotas e *ch' erqu*⁹⁸: uma parte do mineral extraído é vendido ou reservado para as festividades, os peões que estão quase se tornando sócios são obrigados a contribuir somente com *ch' erqu*, não com seu salário. Solicitam contribuição também dos guias turísticos, comerciantes de mineral ou algum etnólogo. Nas festividades das *taqtaq' aqchus* e das virgens os peões podem ser induzidos a contribuir, mostrando seu compromisso com a seção o que possibilita a garantia de uma futura promoção.

O cargo de *cabecilla* e o exercício dos direitos políticos são somente para os sócios. Existe o *cabecilla* subalterno, o *cabecilla* principal, o delegado de seção e o dirigente da cooperativa. Os cargos políticos e religiosos estão estreitamente vinculados entre si e com as relações de trabalho. Nas atribuições religiosas do cargo de delegado de seção, organização dos rituais coletivos à Virgem e ao *Tataq' aqchus*, é imprescindível que a vontade da seção seja respeitada. Os delegados orientam e coordenam os *cabecillas* ao longo do ciclo ritual anual. Eles podem barrar a entrada na mina daqueles que não quitaram suas cotas. É uma posição intermediária entre o político e o religioso. Delegados e *cabecillas* possuem uma complementaridade entre si que é visível no aniversário da seção, assim assumem a representação da coletividade entre os deuses e a cooperativa. O papel ritual subalterno dos peões reflete sua absoluta falta de controle sobre os meios de produção, sobre a produção mesma, assim como sua carência de direitos políticos dentro das seções e cooperativas. O papel das mulheres e de seus maridos também é diferenciado.

O Presidente da cooperativa se responsabiliza pelo aniversário da mesma e pela *kuwa* do primeiro de agosto. O Vice-presidente, enquanto responsável pela comercialização do mineral organiza os ritos nos engenhos, o sacrifício do Espírito Santo e a *ch' alla* de segunda de carnaval. Porém em alguns casos os dirigentes usurpam a responsabilidade de outros em outras festas. O que evidencia uma manipulação política. As cooperativas que herdaram jazidas da COMIBOL se transformaram em estruturas mais capitalistas. Elas incorporaram mudanças nos rituais religiosos e na política. Desde a colônia o controle do trabalho passou pelo controle dos ritos religiosos. Todo espaço de rito não controlado é um espaço de contra poder. Um marco

⁹⁸ Contribuição em mineral para financiar o rito.

dos rituais é que os sócios e dirigentes oferecem mineral (*illas*) e *t'inkas*⁹⁹ para determinados participantes. O compartilhar entre os homens estimula a generosidade dos deuses. Do sócio ao dependente acontece um dar de bebida *t'inka*. Porém esses sócios não utilizam o álcool com sentido religioso.

DEFINIÇÕES DE ESPÍRITO E CORAÇÃO PARA OS QUECHUA

Os mineiros combinam elementos das tradições cristãs e andina. A ideologia do pacto com o diabo é europeia. As entidades anímicas das tradições indígenas e o conceito de pessoa da tradição europeia se distinguem em Potosí (mineiros) do resto dos andes.

O espírito é uma força animadora compartilhada pelos humanos e todos os seres do mundo. Animais, plantas, veios, deuses e também os espaços-temporais habitados pelos *sagrás*¹⁰⁰. As mulheres e as crianças são mais débeis de espírito do que os homens maduros. O espírito pode ser fortalecido pelo consumo de álcool, cigarro e coca, substâncias que predispõe à coragem e à força do indivíduo.

O termo *cama* que em algumas regiões dos andes designava a relação com o mundo que empurrava a realizar-se foi utilizado como espírito por Domingo de Santo Tomás, para traduzir a noção de alma para o quéchua, entretanto o que os mineiros chamam espírito e 'ânimo' continua vigorosamente imbuído desta imanência imortal que circula entre as divindades e os homens e, inclusive, dos homens ao mineral. Tudo na mina está dotado de espírito e possui uma dinâmica. O mineral que madura, se desloca e se ajusta à compressora e aos martelos pneumáticos, o que pode provocar acidente.

O fato dos humanos compartilharem com os deuses o espírito permite que este circule entre uns e outros, ele pode abandonar o homem sem causar a morte e pode ser atrapado pelos deuses da mina, deixando o homem abatido, sem vontade nem interesse pelos assuntos cotidianos como trabalho e família.

⁹⁹ Garrafa de álcool entregue pelo sócio, ao vendedor de *llamas*, as mulheres e as seus dependentes durante o rito; doces oferecidos pelos dirigentes da cooperativa aos sócios na segunda de carnaval.

¹⁰⁰ Espírito maligno; força vital; categoria genérica dos lugares e as entidades selvagens (não domesticadas) do mundo.

Os mineiros acreditam que possuem dois tipos de sonhos. Um que o espírito vê na frente do homem e antecipa a ele o que acontecerá durante o dia. O outro é o encontro com o espírito de uma pessoa viva ou morta ou com o de uma divindade. O espírito é o intermediário da relação do homem com o mundo visível e invisível. Mas onde quer que esteja o espírito não perde a relação com a pessoa através do coração que sempre recebe as mensagens.

O coração é como uma consciência vital. Coração possui funções do corpo e funções afetivas (para amar), intelectivas, cognitivas e volitivas (para fazer). É uma interação do homem com as forças vivas.

A PROLIFERAÇÃO DOS PACTOS INDIVIDUAIS COM O TÍO

Com a reestruturação da crise de meados dos anos de 1980, os sócios capitalistas estão voltando com oferendas excepcionais ao *tío*. Agora que a situação econômica melhorou em Potosí eles voltam a investir seu dinheiro. Em troca de sacrifícios humanos eles esperam do *tío* veios excepcionais. Existem também relações sexuais com o diabo: pode-se ver na mina pactantes desnudos que esperam a hora do encontro. Pascale Absi (2005, p.74) nos conta

“Pois ao mineiro se havia usado o tio (...). Quando acordou, sangue (...) escorria (...) e nos quatro meses seu veio deu muita prata.” A união sexual entre as *pailliris* (mulheres) e o tio também acontece, mas é menos frequente que entre os trabalhadores masculinos.”(2005, p. 74)

O que marca a diferença entre os pactos e os rituais coletivos é falar com o tio diretamente. Os suspeitos de terem feito o pacto com o diabo são condenadas socialmente por transgressão e por utilizar a morte de terceiros para ganhar mais. Alguns obrigam mulheres a abortar para oferecer os fetos ao *tío*.

É importante ressaltar que o pacto individual com o tio é um meio para sair da crise. Porém diz-se também que agora o *tío* não os ouve mais para sair da crise é preciso sacrificar. A seguir dois depoimentos sobre os pactos com o *tío*.

“Antes existia o tio, mas agora não. Somente que o nome dizemos, demônio. Antes como uma pessoa andava com o tio na mina, em forma de chefe, de um capataz com sua roupa de trabalho, um delegado. A um demonstrava uma boa paraje, um bom mineral, então dizia: *ch'allar*, picharemos coca, para que vá trabalhar e apareça cheio de mineral. Mas agora já não existe assim, ele se perdeu dizem. O que dizem é que o *tío* voltou com o dinamite que fazemos estalar. Ele está surdo, seu ouvido está tapado, já não sabe escutar.”(ABSI:2005, p. 75)

“Como eu digo, o tio agora quase já não existe. Está cansado, tanto tempo, um século, dois séculos que está ali como um rei dentro da mina, o *tío*. Como nosso Deus, não? Tanto tempo que está vendo coisas que existem. (...) O tio nos ajuda mas não como antes. Antes fazia o mineral farto, agora não, tem que buscar. Agora se você quer ganhar tem que sacrificar. Onde esteja tem que arriscar. Antes era mais fácil, mineral era bastante (...) Mas o mineral se cansa como nós quando somos jovens trabalhamos bem, mas quando vem a idade já não trabalhamos como antes. Já deve estar aborrecido também.” (ABSI: 2005, p.75)

Esse imaginário mostra outra consequência da crise mineira dos anos de 1980, a distinção do projeto de sociedade em que os mineiros eram como classe reflete um processo de folclorização e etnificação mercantil das suas crenças, trabalho e vida.

Segundo a crença local o *tío* só aparece aos que quiseram fazer um pacto com ele. Uma vez começado o pacto, se a pessoa não prossegue com as oferendas ocorre depreciação do espírito. Sessões com curandeiros são suficientes para restabelecer a ordem do corpo. Enquanto a alma tenta se libertar por si mesma. Aparecem em vulto, em espanhol, ao mesmo tempo fantasma esfinge de um santo, antes os corpos mumificados dos incas para assustar seus colegas e oferecem a alma deles para liberar a sua. Por isso é frequente que aconteçam os acidentes mortais no mesmo lugar permitindo, com a morte do segundo, que a primeira vítima chegue à morada dos mortos e não fique vagando na mina.

Existem os corações, almas e a possessão dos que possuem pacto espiritual com o *tío*. Se o mineiro não rompe o pacto com o *tío* ele não adocece e consegue riquezas. Em troca a pessoa dá sua alma ao *tío* como um Fausto mineiro. Se a pessoa está impactada com o *tío*, o próprio dono do veio está à busca de corpos para se encarnar, no caso peões para explorar.

Os sintomas dos impactados são alteração do juízo, atitudes e palavras desbocadas, pensamentos obsessivos, incapacidade de uma atividade intelectual social normal. Os pensamentos incontrolados podem ser origem da possessão, acredita-se que os possuídos pensaram demais no *tío*. O possuído exibe uma força sobre humana, vive uma vida de esbanjamento em todos os sentidos. Quando um superior está impactado todos os seus subordinados estão também a mercê do *tío*, isso mostra como o corpo do indivíduo e o corpo social está estreitamente vinculado.

5) RELAÇÕES DE TRABALHO E IMAGINÁRIO SOCIAL

O *Kajcha* é um trabalhador livre que trabalha mais manualmente. Quando surgiu guardava as vendas para explorar no fim de semana. Esse trabalhador livre é o germen da cooperativa. Em 1940 surge a primeira organização de *Kjachas*. Eles eram regidos pela lei da oferta e demanda. Eles alteram entre o campo e a mina, dependendo do preço do minério e dos vegetais no mercado.

A crise financeira internacional dos anos 30 e a guerra do chaco contra o Paraguai acarretou o aumento de trabalhadores livres. Em 1932 – 1935 surgem o germen da primeira organização de *Kajchas* imbricada com o surgimento dos primeiros sindicatos. Toda a classe obreira reivindicando seus interesses.

Os *Kajchas libres y Palliris* formam o Partido de Esquerda revolucionária: marxista pró-soviética. Já o Sindicato dos trabalhadores da Bolívia Movimento Nacional Revolucionário tem orientação Trotskista. Em junho de 1944 foi fundada a FSTMB – Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia. Em 1944 e 1955 mais outros quatro sindicatos de *Kajchas* e uma associação de pequenos produtores fundaram o Conselho Central de Cooperativas Mineiras de Potosí com o interesse de que as cooperativas pudessem controlar o beneficiamento e as vendas do mineral, ou seja, todo o processo de produção. A seguir fundaram a COMIBOL - Corporação Mineira da Bolívia - que recebeu áreas de concessão direta do governo e o Banco Mineiro (BAMIM).

Depois da revolução de 1952 os *Kajchas* adquiriram mais autonomia e começaram a apoiar todos os governos mesmo se ditadores. Na verdade, os *Kajchas* são também a base dos trabalhadores que formam as cooperativas. Entretanto ainda existem os *Kajchas* que continuam como trabalhador livre alterando tempo de trabalho no campo e na cidade. O que representa uma solução ao desemprego.

Os dependentes são os peões assalariados das cooperativas, também considerados aprendizes, e os migrantes temporários. Eles têm um salário fixo que em 1998 era de cinco a oito dólares mais o mineral que extraem. Eles ganham por dia de trabalho.

A FEDECOMIM (Federação de Cooperativas Mineiras) é uma associação somente para os sócios (donos de um setor). Entre os dependentes existem também os de “segunda mão” estes possuem suas próprias ferramentas e são trabalhadores regulares. Às vezes os sócios trabalham junto com os de *segunda mão* às vezes não. Os trabalhadores regulares aprendem pouco a pouco a manipulação de explosivo, a perfuração e seleção de mineral. A tarefa de menor remuneração e experiência é o transporte.

Os membros das cooperativas são os sócios. Os que não são sócios são trabalhadores sem nenhum vínculo empregatício que organizam individualmente sua produção. Os proprietários de seção não trabalham na mina. As cooperativas são divididas em sessões. Possuir alguma seção de cooperativa que leva o nome de uma mina e a chance de um bom veio faz a sorte do cooperado um *ex-Kajchas*. Quase todas os cooperados possuem uma seção onde o trabalho é manual. As seções são divididas em bocaminas. O sócio pode ser dono de um lugar que desenvolveu. Ninguém compra veio. Para ser dono do lugar a pessoa precisa pesquisar até descobrir. Não é só entrar e tirar o mineral, é preciso procurá-lo. Esse é o objetivo dos mineiros. Às vezes essa procura demora um ano e às vezes cinco anos até encontrar. Enquanto não encontram o mineral os mineiros retiram minério de outros lugares para a sobrevivência, assim ganham de cinquenta a cem pesos por dia. Quando ele descobre o veio torna-se o dono do mesmo. Eles chamam a essa prática de procurar, arriscar – ir entrando Cerro adentro até encontrar. Eles vão abrindo novas galerias. A COMIBOL sede às cooperativas lugares de trabalho e não para o mineiro individualmente.

Para ser sócio de uma cooperativa é necessário dois ou quatro anos de experiência como peão até adquirir o conhecimento do conjunto do ciclo produtivo: frlocalização da venda até a exploração e comercialização do mineral. Ele precisa da aprovação dos membros da seção, afiliar-se a seguridade social e pagar o direito de entrada na cooperativa.

O poder dos sócios se exerce durante as assembléias com direito a voz e voto. A assembléia é anual e é obrigatória a participação de todos os sócios. Acontecem também assembleias, por motivos urgentes, das que só participam dirigentes e delegados de seção. O sócio ganha uma porcentagem do minério extraído da mina. Uma porcentagem

maior que a porcentagem do *segunda-mão*. O peão passa a *segunda-mão* e dessa condição pode passar a sócio.

As reuniões de seção com a participação dos sócios são realizadas no dia a dia da mina, onde se discutem os assuntos que serão debatidos nas assembléias. Toda semana os sócios se reúnem para avaliar o trabalho e planejar a semana. São membros do Conselho Administrativo, Conselho de Vigilância e Comitê de Esportes e são eleitos por dois anos.

No Conselho Administrativo realiza-se a direção e execução das decisões da assembléia. Seus membros recebem uma remuneração mensal. Ele é composto por Presidente, Vice- Presidente, Tesoureiro e um Secretário de Conflitos ou laborero que se ocupa da segurança da mina, da ordem nas áreas de trabalho e dos conflitos entre trabalhadores.

No Conselho de Vigilância zela-se pelos interesses dos sócios em relação aos dirigentes. Seus membros não recebem salário algum e continuam trabalhando na mina. Sua função é reduzir a corrupção. Esse Conselho é composto por Presidente, Secretário e um porta-voz.

A posição de dirigente abre as portas para uma carreira política: a de presidente da cooperativa ou de dirigente departamental ou nacional. Tais carreiras são acessíveis às pessoas que falam castelhano, sabem ler e escrever, “falam bonito” e que dominam os códigos do mundo urbano. Os camponeses em geral estão excluídos desses cargos.

Os peões são os aprendizes e os migrantes temporários, têm um salário fixo. Ele fica na mina olhando e fazendo tudo o que os mais experientes pedem. Os de *segunda-mão*, possuem suas próprias ferramentas e vão se tornando mais independentes, podendo procurar seu próprio veio. Às vezes os sócios trabalham junto com os de *segunda-mão*.

Dentro de cada bocamina existem várias seções e cada uma delas possui um delegado, eleito entre os sócios de uma seção, dessa forma são vários sócios em uma seção os que convocam, dirigem as reuniões e executam as tarefas decididas nas reuniões. Eles não recebem uma contribuição mensal por essa função política.

Os delegados recebem entre 40 e 60 dólares e são mensalistas. Asseguram a extração do mineral e a manutenção da infraestrutura da mina, dos engenhos, contra os furtos e exploração clandestina do mineral. Cada mina conta com um guarda, chamado *sereno*, eles são mineiros aposentados que se instalam com sua família em uma casa na entrada da mina. *Pichear* é o que fazem os serenos. Pegam o mineral que caem dos vagões e os vendem. Os *cuenta casas* pegam o mineral fora da mina o moem e ajudam todos os trabalhadores. São os chefes das minas. Eles vão perguntar em cada seção quais as necessidades operacionais e também são o responsável pela segurança da mina.

Os *jukus* são mineiros não sócios da cooperativa que fazem contrabando de mineral. A seguir, um depoimento de duas crianças bolivianas que vivem no Departamento de Oruro e trabalham em uma mina que se localiza próximo a comunidade indígena denominada Llallagua.

“Você tem que usar um malho ou talhadeira para fazer o *toqochi* [buraco na pedra] para colocar o dinamite. (...) Aí então você tem de dar o fora senão a fumaça vai deixar você enjoado, passando mal, porque o cheiro é horrível. Então você espera uns 20 minutos e volta. A parte complicada é retirar o minério, porque você tem que ser muito rápido. Quando o guarda chegar, é preciso achar um buraco para esconder. (RUBEN,) “Ser *juku* não é nada bom” (JORGE...).Eu queria mesmo é conseguir um carnet. Aí se eu tivesse um acidente, eu teria algum tipo de apoio. Você precisa entrar em lugares onde ninguém mais entra – o maior perigo. E você não entra sozinho porque é muito arriscado. Têm assassinos e até mesmo alguns guardas que matam os *jucus*. (RUBEN...)

Tem meninas que entram todos os dias. E você pode conversar com elas. (JORGE...)

Elas são pagas pra fazer sexo em troca de pedras que valem entre 50 e 60 bolivianos. (RUBEN...)

Tem meninas de todas as idades, mas a maioria tem perto de 18 anos. (JORGE...)

Quando a gente fica muito cansado, a gente se ajunta pra dormir pra se proteger dos... fantasmas. (RUBEN...)

É, um dia eu ‘tava trabalhando e tive de encostar no paredão porque ‘tava passando um fantasma. Mas eu acredito em Deus. (JORGE...)

A gente vai à igreja. Deus protege a gente. (RUBEN...)

Mas a gente fica assustado.” (RUBEM)¹⁰¹

Outra criança nos conta sobre um tipo de ferramenta com a qual eles trabalham.

“Os *quimbalates* são marretas que pesam, no mínimo, 12 quilos e são usadas inclusive por crianças para quebrar o minério. Elas trabalham em atividades que vão desde a função de carreros (empurrar e dirigir os carrinhos cheios de minério), perfuração, transporte de ferramentas até a extração e limpeza do minério. (...) As mochilas das crianças podem conter até cinco quilos de minério, que elas geralmente levam em torno de 10 a 12 horas para coletar. Geralmente os *jukeadores* vendem seu minério sem beneficiamento diretamente aos *rescatistas*– intermediários que o ajuntam em quantidades bem maiores para revenda às mineradoras com um lucro fabuloso.”¹⁰²

As mulheres não podem entrar na mina, pois sua presença causa acidentes. Essa é a crença dos mineiros. O que acaba funcionando como uma forma de segregação às mulheres, para elas restam os trabalhos fora da mina, nos engenhos. Elas ficam lá fora nos montes escolhendo e catando.

¹⁰¹(www.visionmundial.org/archivos-de-usuario/.../91_por.pdf) Entrevista realizada pela Ong visionmundial. Embora algumas garotas troquem os seus serviços sexuais por minério, a maioria são jucus que, como os meninos, trabalham ilegalmente na mina. Algumas são filhas de mineiros que morreram jovens de acidente ou doença, deixando as famílias e os filhos sem assistência.

¹⁰² Ibidem.

Aprendem pouco a pouco o que é a manipulação de explosivo, o que é a seleção de mineral, perfuração e realizam no início a tarefa mais pesada e básica: o transporte do minério. Esta é a tarefa de menor remuneração que exige pouca experiência.

6) ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO E PROCESSO DE TRABALHO O CASO DA EMPSA-COOPERATIVA UNIFICADA

Existem também os mineiros que trabalham por contrato fixo em uma empresa que se intitula cooperativa unificada. Há várias dessas no Cerro Rico. Os mineiros realizam diversas funções durante o dia e recebem uma porcentagem pela quantidade de minério que extraem do veio da empresa. Eles estão ligados somente com a FEDECOMIM, não possuem contato com outras instituições que representam os mineiros.

A atividade é realizada com os trabalhadores se comunicando o tempo todo. Sobre o que se vai ou não fazer, eles se comunicam para executar a atividade diária. Eles se protegem mutuamente dos acidentes, ensinando os mais jovens onde tem gases tóxicos, onde se pode ou não circular devido ao risco de desabamento.

A carga é preparada de uma a duas semanas antes de sair da mina. E a responsabilidade dos mineiros de dentro da mina termina quando a carga é colocada na bolsa.

Na EMPSA após *pichearem* por uma hora fora da mina, começam a perfurar, perfuram uma hora, depois vão para lugares limpos de gases tóxicos dentro da mina para respirar e *pichear*. Há lugares frios e lugares quentes onde transpiram muito e precisam usar água para se lavarem antes de sair da mina. Trabalham oito horas. Eles descem de quarenta a sessenta metros. Quando os lugares são muito profundos, eles trabalham manualmente, não é possível levar a máquina para perfurar.

Os engenheiros indicam os veios no caso da EMPSA. Mas existem mineiros, experientes que sabem encontrá-los. Como é uma empresa que unifica as cooperativas, ela possui seu próprio engenho que se chama DELAIDE. No engenho se processam as cargas e a EMPSA compra também cargas de outras cooperativas e vendem onde se paga melhor. Leva-se carga também a Oruro. Existem os que vendem cargas já beneficiadas. A prata, por exemplo, a EMPSA compra e os engenheiros sabem a cotação. Todas as cargas são centralizadas na EMPSA. Já a FEDECOMIM desconta de quarenta a cinquenta bolivianos nos artigos que vendem para a EMPSA. Porque ela é uma cooperativa grande.

De acordo com um mineiro eles retiram prata e zinco, um deles disse que existem condições de segurança. O mesmo trabalhador argumenta que o trabalho é duro e cansativo e arremata dizendo que isso é tudo o que existe. Esclarece que a FEDECOMIM trabalha mais com a EMPSA do que com as outras cooperativas menores. Mesmo na EMPSA, se os veios se perdem, acaba o trabalho e os trabalhadores daquele setor são dispensados.

CASO MINA KORI MAIO

O processo de exploração dos minerais na mineração artesanal inicia-se na bocamina. Ao percorrer as galerias os mineiros procuram o veio, no Cerro Rico eles estão alojados na posição norte-sul. Os mineiros localizam o veio através da prática o que significa perfurar a rocha até ele. O barulho da explosão da dinamite de outro grupo pode indicar também onde está localizado um veio. Dependendo da cooperativa existem engenheiros e geólogos que fazem esse trabalho. Diante do veio, inicia-se a perfuração. Ela pode ser ‘a pulso’ ou com martelo pneumático a seco. Em seguida, as pedras que foram soltas da rocha são separadas de acordo com o teor do mineral e colocadas em uma bolsa. Dessa bolsa, elas podem ser retiradas da mina, ou antes, acumuladas em carrinhos de mão e depositadas em vagonetas até atingir uma tonelada. As vagonetas são empurradas pelos mineiros até a bocamina de onde vão para os engenhos. Uma parte vai para o beneficiamento manual, realizado pelas mulheres. Depois de beneficiado o minério é vendido para quem oferecer o melhor preço. Nessa mina trabalha-se com cassiterita, galena, prata e complexos de zinco e prata. A mina tem 5 seções, cinco entradas de mina e 300 trabalhadores. Eles estão há oitocentos metros da superfície do topo do Cerro.

Na entrada da mina está localizado o escritório da cooperativa, as *casilhas*, onde os mineiros guardam seu material de trabalho, a casa da família guardiã da mina, vários ajuntamentos de pedras, umas máquinas em conserto, um vagonete cheio de água, cachorros, crianças e a continuação dos trilhos que vêm da bocamina. A entrada da mina é um buraco na rocha, sem nenhum tipo de sustentação. O frio do Cerro juntamente com o vento e o clima seco instala um ambiente de abandono na entrada da mina Kori Maio.

O ar é raro e existe muita poeira. Os mineiros estão vestidos com calça, blusa, sandália e um capacete com uma lâmpada sustentada por querosene. Alguns utilizam luvas. Existem também os tubos que conduzem ar comprimido para perfuração e para ventilação. Enquanto entra-se pela galeria principal, percebe-se muita água, poeira e lama que aumenta à medida que se caminha.

Dentro da mina existem várias galerias que só se pode entrar arrastando-se, a temperatura varia de muito quente a muito fria. De um buraco de 300m de profundidade à direita do caminho principal que foi furado com martelo pneumático a seco pelo dono da cooperativa, saem os mineiros que serão entrevistados. Eles sobem uma parte por uma corda e a outra através de uma escada feita de madeira. Entram nesse buraco somente uma vez por dia, pois é muito cansativo descer e subir. Dessa forma trabalham de sete da manhã às quatro da tarde sem pausa para trocar a folha de coca. Dentro do buraco perfuram o veio.

COMIBOL

A Corporação Minera da Bolívia (COMIBOL) proporcionava aos seus empregados acampamento, escola e hospitais que tinham a reputação de melhores da cidade, o armazém e a garantia de um salário mensal decente. A COMIBOL era o El Dorado dos migrantes. Isso era para assegurar mão de obra fixa, qualificada para realizar uma exploração altamente mecanizada. O emprego na COMIBOL estava restrito a 2000 e 3000 trabalhadores. A empresa absorveu numerosos trabalhadores da Hochschild. As condições para ingressar na empresa eram: filhos de trabalhadores regulares e homens com a carteira do serviço militar. O restante era absorvido pelas cooperativas. Existia também uma forte tradição sindical com a Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia – FSTMB. Porém, com o advento do neoliberalismo em 1985 e a queda do preço no mercado internacional do estanho, o Estado boliviano através da COMIBOL abandonou o Cerro Rico e seus mineiros à própria sorte. Uma diferença entre a COMIBOL e as cooperativas é o domínio que a empresa exerce sobre o conjunto das atividades produtivas e as cerimônias religiosas. Há alguns anos esse domínio vem sendo objeto de cópia pelas cooperativas.

Em 1958 surge a Lei geral de Sociedades Cooperativas e o Instituto Nacional de Cooperativas (INALCO). Então os sindicatos de *Kajchas* transformam sua razão social em 1970 para cooperativas. Assim houve um rompimento com o sindicato das minas nacionalizadas FSTMB – Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros - e com a COB – Central Obreira Boliviana - que chamavam os cooperativistas de pequenos burgueses, já os cooperativistas os chamavam de *rojós* subversivos. Estes trabalhavam manualmente e criticavam os trabalhadores da COMIBOL por não saberem trabalhar de forma artesanal, só mecanicamente. Já os da COMIBOL diziam que os cooperativistas exploravam irracionalmente os camponeses que não tinham acesso ao castelhano.

Na greve de 2010 pelos salários, os mineiros pararam 19 dias, porém um dos trabalhadores argumenta que como trabalham com contrato, se não trabalham, não ganham, então tiveram problemas para se alimentarem por vinte dias. Os mineiros das cooperativas estão preparando uma greve para fevereiro depois das comemorações do carnaval de 2012. Pois o governo através da COMIBOL quer aumentar os impostos de 15% para 30% sobre o minério extraído. Por questões políticas, os mineiros não puderam informar qual o caráter político - econômico da COMIBOL, o que disseram foi que é para ela que os impostos são pagos. Quando o mineral sai do Cerro a cooperativa precisa informar a quantidade e o valor em documentos que entregam à COMIBOL e ao engenho.

As áreas da COMIBOL passaram a ser exploradas pelas cooperativas de trabalhadores. Agora elas têm várias minas, seções. Na Cooperativa Pailaviri uma das maiores são 28 seções, em cada uma delas trabalham 500 pessoas dentre elas 218 são sócias.

Em Potosí, não houve uma etapa específica de pesquisa mineral, isso significa que não houve um planejamento, assim a atividade vem sendo desenvolvida concomitantemente com os trabalhos de lavra, indicando aos mineiros os comportamentos e os locais por onde passam os veios mineralizados. Encontra-se o veio por tentativa e erro, o que aumenta a instabilidade do mercado. Os mineiros não escolhem onde farão a pesquisa mineral, submetem-se ao veio. Inicia-se a exploração do veio, se ele não for produtivo é abandonado.

“A seção é uma mina. Quando pedimos da COMIBOL chamamos bocamina. Já a seção tem o nome de quem a encontra, a descobre. Eles alugam da COMIBOL por vinte anos uma mina então pagam para a COMIBOL para explorarem a mina. Mas atualmente a COMIBOL não tem força entre os mineiros. Porque agora as cooperativas é que fazem suas despesas sem ajuda da COMIBOL. Paga-se de imposto um por cento de tudo que é vendido.”(Hugo)

A organização dos veios dentro do Cerro é irregular desde a época da colônia. A bocamina define o nome de determinada mina. Porém lá dentro as galerias de diferentes minas se intercomunicam. O que possibilita que várias cooperativas explorem a mesma bocamina. Se um veio é explorado por uma ponta e os mineiros escutam a explosão do dinamite eles sabem que este veio terá continuação e começam a explorá-lo em sua outra ponta.

É muito usual interditar a exploração do veio de alguma cooperativa através do desmonte de rochas na frente da lavra de outro grupo. Assim só determinada cooperativa explora aquele veio. Para encontrar o veio deve-se fazer recortes, arriscar, depende de quantos metros ele está. Depois que o encontram começam a explorá-lo por ambos os lados, a seguir de cima a baixo, em seguida de todos os lados ou espaços, assim encontram-se outros veios e sucessivamente se vai longe. Entram até uma profundidade de 30 a 70 metros dependendo do mineral. Perfura-se o veio ao meio se é pouca prata ele é abandonado, deixam-no encostado segundo palavras de um mineiro. Às vezes se trabalha no mesmo veio às vezes em vários por todos os lados.

Para encontrar os veios é necessário dar estocadas, às vezes os engenheiros orientam, mas é preciso dar estocada para avançar. Na mina Kori Maio não há engenheiros é pela prática.

“A prática mais que tudo. Sempre estamos trabalhando já sabemos em que parte tem veio com quem o veio está, não vê, isso já sabemos nós. Por isso...assim não precisamos engenheiros nada.”(Rogério)

Como achar os veios:

“depende, tem que dar estocadas, nós corremos, às vezes nos dizem os engenheiros, às vezes tem que dar estocada então nós avançamos. Nós sabemos. Porque digamos, nós com este estamos o outro companheiro de outra mina por lá está vindo, no que dinamita, se escuta” (Claúdio)

PERFURAÇÃO E DESMONTE

As rochas são desmontadas com uso de explosivos de dinamite, visando a fragmentação das mesmas, de forma que o minério possa ser levado à estação de beneficiamento.

A perfuração é feita em um local chamado paragem. Quando é feita ‘a pulso’ utiliza-se martelo, baseno (instrumento em forma de uma haste com sessenta centímetros que é utilizado para furar a rocha juntamente com o martelo. O mineiro bate em uma ponta e a outra fura a rocha) e colher. Com o martelo e o baseno inicia-se a perfuração da rocha. O baseno é posicionado diretamente na rocha com uma das mãos do mineiro e a outra segura o martelo que inicia o processo fincando o baseno na rocha. Após algumas marteladas, com a colher retira-se o pó de dentro do buraco. A colher é um bastão que tem de um lado uma colher pequena e de outro uma colher grande. À medida que o furo (um buraco) vai sendo feito com o martelo e o baseno, ele vai sendo limpo com as colheres, depende da profundidade. Se profundo utiliza-se a colher grande se raso a colher pequena.



Colher e bastão - acervo pessoal

Depois de feito um buraco no formato de um tubo no veio coloca-se as bananas de dinamite. Na hora da explosão os mineiros se afastam devido aos gases tóxicos e voltam a trabalhar no local no dia seguinte. A perfuração pode ser feita, também, com uma máquina perfuradora com ar a seco. Na EMPSA há horários de perfuração. Perfuram uma hora depois descansam para voltar mais tarde.



Mineiro perfurando a rocha na Mina Kori-Maio. Acervo Pessoal

Após a perfuração o mineiro coloca uma banana de dinamite com os explosivos ascende-a e se afasta.



Banana de dinamite com explosivos. Acervo Pessoal

CHASQUIAR

“Chasquiar é pegar e jogar com pá o mineral dentro do carro. Os que tiram o carro são os carreros... Carretilhar são os que levam da mina para cima pelo trilho. As carretilhas são menores que o vagão. O *winchi* é tirar o mineral do poço, colocar em um balde e levar para cima.”
(Rogério)

Significa colocar as pedras selecionadas, resultado da explosão, na bolsa. Diante de dois mineiros que estavam colocando o minério em uma bolsa, quando ela fica completa o que está enchendo-a faz um sinal com a luz do capacete para outros mineiros que estão em um pavimento acima e estes puxam a bolsa através de uma corda por aproximadamente 25 metros. Após esvaziarem a bolsa em um vagão a enviam

novamente para que seja recarregada. Questionado sobre há quanto tempo trabalhava na mina, um deles disse que há 25 anos. Em seguida, interrogado sobre sua função, ele respondeu em quéchua, o dialeto local, que era ‘chasquiar’ - carregar a bolsa. Ele ganhava por esse trabalho 50 bolivianos por dia.

TRANSPORTE

O minério assim fragmentado é carregado em vagonetas até as instalações de beneficiamento, geralmente situadas próximas à mina.

Existem várias etapas: da bolsa para o carrinho de mão, do carrinho de mão para a vagoneta e da vagoneta para fora da mina. Pode acontecer também do minério ser transportado na bolsa até a saída da mina, como fazem os *jukus*, porém estes transportam o minério em mochilas. Todos esses processos são feitos por homens. Para transportar de um nível a outro dentro da mina, eles utilizam roldanas. Ainda existem seções onde o mineral é tirado em sacos carregados pelos mineiros. Depois em carretilhas e depois em casetilhas.

Outras funções: Ajudar o perfurista, olhar e Carretilhar. Um mineiro que está há dezessete anos na mina e começou como peão, descreve a atividade assim:

“Veja as etapas da mina são: paragem, um lugar de trabalho... que nesse temos que perfurar... fazer a pulso, quando falamos a pulso é com o baseno e o martilho, fazer um oco para meter a dinamite....a *caja* é o lixo de dentro... Isso depois leva-se a algum lugar, ... nós levamos ..., seja com carretilha, seja profundo, abaixo... a terra , tem que secar com... tudo, é a pulso e a *winchi* é elástico, somente com um simples botão e um...tiram o metal lá dentro e estacionam um carro que agora não se vê e são carros metaleros, tiramos aqui fora para a comercialização, para levar ao engenho, para que façam...”(Marcos)

Outra função é ser assistente de todos. Esta função é para quem é iniciante. Tudo que qualquer mineiro diz para se fazer deve ser feito. Por exemplo, levantar carga. Outros mineiros buscam o mineral e o que não serve eles devem levantar.

As operações de lavras em Potosí são um processo que consiste das operações necessárias à extração das rochas do interior da mina, até o seu beneficiamento. O beneficiamento consiste na separação do material estéril (rochas nas quais o minério está incrustado e que não têm nenhum valor econômico).



Mineiros empurrando vagoneta com uma tonelada de minério - Acervo Pessoal

BENEFICIAMENTO MINERAL

O beneficiamento é feito nos engenhos

“eles são privados, algumas cooperativas têm seu próprio engenho, mas a maioria são das pessoas ricas... como os mineiros são fortes como categoria, eles não deixam os donos dos engenhos terem minas. Alguns donos de engenhos têm mina. Mas não aqui no Cerro Rico. Aqui eles têm somente máquinas compressoras, é uma questão política, os mineiros não deixam. Quando o mineral sai da mina ele é processado no engenho.”(Hugo)

Os mineiros tiram o mineral da mina, moem e separam em pacotinhos. Esses pacotinhos serão enviados para os químicos que analisam e dizem se valem e quanto valem. Se tiver valor eles continuam tirando mineral do mesmo lugar.

Prata de boa qualidade já quase não existe: o que mais se consegue é chumbo, estanho e prata de má qualidade, prontamente vendida em uma das trinta e três refinadoras que operam em Potosí. Isso vai depender da tecnologia utilizada, por exemplo, uma empresa canadense retira prata dos dejetos. O beneficiamento mineral ou tratamento de minérios consiste em uma série de processos que têm em vista a separação física dos minerais úteis, denominados minérios das rochas estéreis. Estas operações obedecem a sequência abaixo, onde a descrição dos métodos estão resumidos. Em uma das vezes que estive em Potosí, fui acompanhada por um geólogo¹⁰³ que me auxiliou na parte técnica.

1) Britagem das rochas mineralizadas

É o processo de ‘cominuição’, ou redução do tamanho dos blocos resultantes da explosão do corpo de minério na mina subterrânea; com a finalidade de uniformizar os fragmentos que passarão pelo processo de moagem. Este processo mecânico é feito pelos britadores que podem ser de mandíbulas ou de martelo. O tamanho destes fragmentos gerados são da ordem de alguns centímetros.

2) Moagem das rochas britadas

Os fragmentos gerados pela britagem passam a seguir pelos moinhos. Este processo tem como objetivo levar os pedaços de rocha a uma granulometria que possa

¹⁰³ Jorge Luiz Padilha

separar os grãos de sulfetos de zinco, cobre, chumbo etc ou de prata nativa, de forma que este material possa ser concentrado pelos processos a seguir. Os tamanhos das partículas são da ordem de poucas frações de milímetros, ou seja, em forma de pó. Este tamanho de grão é conhecido como ‘malha de liberação’.

3) Concentração por Lixiviação

Em metalurgia, a lixiviação é utilizada na separação de metais com valor comercial de um outro minério associado, por meio de solução aquosa ácida, que separa o elemento metálico do enxofre (minério em forma de sulfeto). É utilizado em minérios de cobre, chumbo, zinco, prata, ouro entre outros.

4) Concentração pelo processo de flotação

É um processo hidráulico/químico que consiste basicamente em capturar os grãos de minério em ‘bolhas’ as quais levam esses grãos para a superfície do tanque, formando uma camada de bolhas com grãos de sulfetos metálicos. Essa camada é separada do resto do fluído, seca e estocada. O material resultante é chamado de concentrado de minério, e possui teores de metais de algumas dezenas de pontos percentuais (em torno de 30%).

5) Obtenção dos metais puros (Processos eletroquímicos)

Consiste no processo final de obtenção do metal. O concentrado anteriormente obtido é submetido a processos eletroquímicos em que o material é colocado num tanque em solução e com a passagem de eletricidade, o metal é separado. Esse processo é baseado no experimento do Cientista Italiano do Século XVIII Alessandro Volta, chamada de -Pilha voltaica.

Os processos descritos acima são utilizados no caso das minas de Potosí, para os minérios de zinco, chumbo, prata, cobre e ouro. Tratando-se de estanho, que ocorre sob a forma de óxido (cassiterita) os processos iniciais do mesmo são predominantemente gravimétricos - separação por diferença de densidade.

COMERCIALIZAÇÃO

Da mina nós vendemos o mineral bruto, do engenho ele sai fino. O preço é dado por liquidação. Quanto o mineral sai de acordo com as análises químicas o vendemos. Segundo o preço o vendemos... fazemos uma liquidação... Tem muitos engenhos e ao que oferece mais nós vendemos. Existem pessoas que oferecem mais do que os engenhos, aí vendemos a elas. Recastistas são os que compram o mineral. Compram do mineiro e vendem para o engenho. Eles compram à vista, depois eles vendem. O mineiro pode vender ao engenho direto ou ao recastista.(Hugo)

Depois de 1980, com a ausência do monopólio do Estado e desaparecimento do Banco Mineiro, ou seja, a liberalização do mercado, o sócio decide vender seu material para uma cooperativa ou para os numerosos engenhos privados que existem na região. Normalmente os preços oferecidos pelas cooperativas são mais vantajosos, mas a transação é mais lenta. O material passa pelo laboratório das cooperativas e, então, o mineiro saberá o verdadeiro valor de seu material. A cooperativa ou o intermediário privado descontam 15% dos impostos que são pagos à COMIBOL, à cota do seguro social dos trabalhadores filiados às cooperativas e às federações. Questão a ser esclarecidas.

Questionado sobre o sentido de manter as técnicas da mineração artesanal mesmo sendo elas tão sofridas, Hugo nos responde:

Não temos medo da entrada de uma empresa. Toda a riqueza de Potosí vai para toda Bolívia, se entra uma empresa a riqueza vai direto para o governo que vai distribuir para os departamentos e não fica em Potosí. Se vier a empresa e os ganhos ficarem em Potosí ela será bem vinda. (...) Sim nós temos ganhos com a mineração, nós pagamos impostos, mais impostos que outros trabalhadores (um profissional) mas mesmo assim é melhor. Os profissionais pagam uma vez por mês em seu contracheque. Nós pagamos às vezes quatro ou cinco porcentagem das papeletas de saída por semana. Papeletas são papéis que registram a saída de minério da mina. Então a cada saída eles têm que pagar imposto. Às vezes cinco ou seis. Se sair dez, eles pagarão pelos dez. É a Comibol que faz esse controle. Sempre na saída da mina tem alguém da Comibol que pega esse papel na tranca.

Se você não tiver o papel não deixam você passar com o minério. O mineiro deve entregar dois papéis com a quantidade de minério... um para a COMIBOL e outra para o engenho. Todos os nossos explosivos nós compramos a comibol não nos dá nada. (Hugo)

Este depoimento ajuda a compreender um pouco sobre o destino dos recursos retirados do veio e também do sistema de impostos. Hugo é sócio da Pailaviri uma das maiores cooperativas do Cerro, me pergunto de onde ele tira tanta certeza com relação à essa greve. Em uma de minhas visitas à EMPESA, tive oportunidade de ver um comunicado aos trabalhadores contratados que os obrigava a participar de uma manifestação sob perda de ponto. Nesse caso específico é evidente o nível de dominação que os sócios têm sobre os peões. Mais uma contradição que podemos constatar nessa sociedade. É possível que exista uma espécie de classe dos sócios. Quando entrevistei peões e depois pude entrevistar um sócio como Hugo é clara a diferença social de ambos. Hugo tem boas roupas, um carro japonês e não entra na mina para tirar o minério, somente para ver o andamento dos trabalhos. A desigualdade social é uma característica presente entre os mineiros. Um dos entrevistados, dono de uma pequena cooperativa, na verdade um veio que ele tinha descoberto e possuía alguns peões trabalhando informou que a FEDECOMIM ajuda somente às cooperativas maiores.

7) CONDIÇÕES DE TRABALHO: JORNADA E INSALUBRIDADE

Os mineiros chegam à mina entre sete e oito horas da manhã e saem entre seis e dez horas mais tarde. Nas minas mecanizadas eles praticam o sistema de três turnos de oito horas. Nas pequenas equipes eles dobram segunda e sexta-feira. Duas mitas¹⁰⁴ diurnas, seguem duas mitas noturnas, às vezes seguidas por mais duas diurnas. Em alguns casos saem para se alimentar, outros só interrompem o trabalho para fazer os acullicos. Eles alternam jornadas de seis com jornadas de trinta e seis.

As jornadas estendidas maximizam a rentabilidade da máquina e a liquidez no caso da mineração manual. Reforçam a ideia de que o mineral é caprichoso e se deve aproximar ao máximo sua boa disposição antes de sair.

Nas casilhas (pequenas construções de barro na entrada da mina) os mineiros guardam suas ferramentas, roupas e lâmpadas. Eles preferem as lâmpadas de carbureto às elétricas, pois as de carbureto permitem detectar a presença de gases tóxicos que dão a chama um tom roxo e a apagam.

A maioria das minas estão conectadas entre si. A legislação que prevalece, desde a época da colônia, é que a mina no Cerro Rico significa uma entrada de mina.

Após a explosão do veio abre-se uma nova galeria que deve ser preparada para exploração. Vigas de eucalipto são colocadas para segurar a jovem galeria. Deve-se derrubar as rochas instáveis e neutralizar os bolsões de gases produzidos pela explosão e pela falta de ventilação. Esse trabalho pode durar vários meses. Em paralelo, exploram outros veios. Iniciar um novo veio depende de uma dose de audácia e coragem. Antes de colocar o dinamite a pulso, usa-se o ‘martillo’ e o ‘baseno’ para fazer um furo na rocha mãe, se esta é dura o mineiro grita enquanto realiza este trabalho pesado e isso pode levar várias horas. Com o ‘martillo’ pneumático o tempo de perfuração se reduz à décima parte do outro. Por motivos econômicos, as *mechas* (pavios) de dinamite são muito curtas e os mineiros precisam correr para se protegerem da explosão em meio a um ruído muito alto que é contido apenas pelo estremecer da rocha. A fumaça e os gases tóxicos fazem o ar irrespirável. A explosão marca a hora de um novo acullico ou o final da jornada.

¹⁰⁴ Períodos de trabalho dentro da mina.

Dentro da mina, o mineral é colocado em bolsas e quando se trata de uma grande produção, logo a transportam em ‘carretilla’ ou em carro ‘metallero’ pelas galerias principais, em seguida, o mineral é armazenado no terreno plano da mina ou em rampas feitas de pedra, depois o colocam em caminhões que os levam para os engenhos.

Nos engenhos separam a prata e o estanho por um procedimento mecânico de gravimetria antes de comercializá-lo. Esse procedimento tende a desaparecer, pois modernos engenhos compram a prata bruta para tratá-la por lixiviação.

A exploração a céu aberto é realizada na rocha mineralizada, cavando galerias de escassa profundidade. Disposta em sulcos a terra misturada com água se transforma em barro e vai descendo através dos sulcos, o material mais pesado é detido por diques de madeira dispostos paralelamente seguindo as curvas de nível. Assim a terra com maior mineralização é detida e recuperada no alto dos sulcos. Depois o mineral é triturado e lavado em poços de água por meios gravimétricos. Na alta do estanho, mulheres sócias controlavam a maioria das explorações. Agora essa modalidade é menos rentável, mas também menos perigosa. É realizada ainda por mulheres. Elas atualmente recuperam dos desmontes, manualmente, o mineral que veio do subsolo e que já foi descartado. Este trabalho é realizado exclusivamente por mulheres sócias.

O dia começa com a subida até a bocamina no ônibus da cooperativa, ônibus que os trabalhadores devem pagar ou ir a pé. Param no mercado onde compram folha de coca, álcool, dinamite, alguns tomam sopa etc. É preciso alimentar-se bem, pois o trabalho é grande. Leva-se coca, cigarro e um pouco de água para dentro da mina.

Na bocamina os mineiros sentam-se antes de entrar para mascar folha de coca, tomar uns tragos de álcool, conversar sobre os problemas do trabalho e repartir as tarefas de cada equipe. Para alguns, é um momento de relaxamento e gargalhadas: são os únicos a bordo, os trabalhadores se sentem na montanha como em sua casa.

A folha de coca amarga é mal sinal, talvez o de voltar à cidade. Uma folha com contorno ondulado anuncia dinheiro, riscos amarelos anunciam dólares americanos etc. As melhores, eles enterram no local de trabalho como oferenda à mina que dá o mineral. Esse tempo de conversa e relaxamento dura entre uma hora ou uma hora e meia. É o tempo de colocar na boca uma quantidade de coca para durar de três a quatro horas,

depois a renovam. Cada turno de trabalho é chamado mita, dura de acordo com a duração da coca. Uma jornada habitual dura duas ou três mitas, interrompidas por momentos de mascar e conversar (acullico) e só o primeiro é ao ar livre. O acullico permite: acumular forças, trocar informações, estabelecer vínculos sociais e cósmicos e, no início, tomar sol.

O ar é contaminado, a ventilação é ruim, sobretudo após a perfuração. Descem até 500 metros onde é muito calor e fora muito frio. Quem trabalha na EMPESA trabalha oito horas quem trabalha nas cooperativas menores podem ficar até dois dias, só trabalhando, não se deve dormir dentro da mina. Quando é feita a perfuração a seco o pó deixa todo o mineiro coberto por pó cinza. Por segurança eles compram luvas, trancam algumas zonas perigosas, onde existem gases tóxicos.

Os mineiros trabalham, praticamente, sem nenhum equipamento de segurança. Eles vivem em média 35 anos. Segundo depoimento de Domitilla de Chungara (1981), o pó do minério causa dores de cabeça, falta de apetite, mal estar e a morte. E quando contraem o “mal da mina” (silicose) perdem o trabalho. Segundo uma estatística patente num pequeno museu no interior da mina, 89% dos mineiros admitem que só o eram porque “não há alternativas” em Potosí. Segundo a antropóloga Valentina Glockener os mineiros:

...escarban pacientemente, lastimeramente, sus entrañas, con la esperanza de un día “sacarse la lotería”, como dicen ellos. (...)no hay otro lugar a dónde ir y el hambre constante se soporta mejor con las migas de una esperanza incierta. (...)Varios mueren intoxicados por el arsénico mucho antes de poder encontrar cualquier resto de plata, de tuberculosis, o por accidentes provocados por el cansancio y los efectos del alcohol de 96° que consumen sin cesar, para aguantar la fatiga y la vida siempre al borde de la miseria, en la oscuridad y la soledad más absolutas. (Glockener, 2007)

Entretanto é importante ressaltar que essa não é a realidade de todos os mineiros que trabalham na Bolívia. Existe uma grande diferença entre os jucus, os cooperados e os assalariados.

Existem médicos, mas os trabalhadores muitas vezes não possuem condições de pagar “um doutor”, principalmente os que trabalham a pulso. Nas cooperativas não existe nenhum tipo de assistência médica.

A largura das galerias é de um metro e a altura menos de dois metros. Na fala de Reinaldo: “(...) Se estiver mole, então pode cair (...). Se a rocha for dura, a galeria será

mais larga. Esta parte é dura agora, pois taparam a ventilação em cima, então está por cair, porque está úmido.”

Eles fazem o *Caipo*. Quando uma rocha não está bem firme bate-se com uma haste se fizer um barulho surdo é necessário desarmar o choco para que não caia. Como no Brasil eles fazem a mesma coisa porém lá chamam de Caipo aqui chamam de choco.

DOENÇAS OCUPACIONAIS: A MATERIALIDADE DO CORPO E DA ROCHA SE MISTURAM NA PRODUÇÃO

A bocamina é uma palavra espanhola, para os camponeses índios significa, bocas, portas. Uma transição entre os dois mundos, o das forças vivas e o inframundo. O que significa para o mineiro penetrar no mundo considerado como de domínio do demônio, dos mortos e dos ancestrais e de que maneira se inscreve o trabalho no jogo de forças vivas que fazem as minas produtivas?

Entre o processo de demonização por um lado e socialização (domesticação) por outro, existe uma familiaridade entre os mineiros e o mundo subterrâneo, os mineiros são os parteiros da montanha, seu corpo a corpo com a mina é uma verdadeira prática sexual que a fecunda. Na mina o homem se transforma a causa de sua intrusão no subsolo e o mesmo se converte em diabo, enquanto o corpo do mineiro experimenta a influência do inframundo, sua presença na mina modifica as forças que nela moram. Por consequência vamos abordar o trabalho na mina desde um ângulo da experiência do corpo, dos trabalhadores, das divindades e do corpo metálico do mineral.

O corpo do homem é posto à prova pelo subsolo: o ‘mal da mina’ a silicose, tuberculoses, reumatismo e artrites, artroses são doenças ocupacionais atribuídas às condições físicas.

Existem as enfermidades de Deus cuja etiologia remete ao mundo urbano não indígena e que são curadas no hospital. Existem também os desequilíbrios produzidos por emoções fortes ou o consumo inoportuno de alimentos e bebidas. Essas podemos considerar como enfermidades psicológicas. E também as enfermidades causadas pelo contato com entidades e lugares poderosos. Essas podemos considerar como enfermidades espirituais. As enfermidades causadas pelos deuses vêm da cultura camponesa na qual acontece igual à mina. As principais enfermidades da interação com

o subsolo são a *Jallpa* que é quando os pés e as mãos são devorados pelas forças *saqra* da montanha. *Jallpa* castigam os homens que trabalham sem ânimo e demonstram falta de domínio de si mesmos, choram, enjoam e brigam. A consequência é que a terra devora seus membros. A *Jallpa* é uma enfermidade do contexto espiritual, um castigo para os débeis e dos preguiçosos. As causas são preguiça e emoções violentas, já os sintomas são inchação e feridas purulentas nos membros.

Mancharisqa é assustar-se até a perda do espírito, acontece quando o mineiro leva um susto, os sintomas são insônia, pesadelo, ansiedade, debilidade, comportamentos incontrolláveis, desinteresse pela vida cotidiana e consumo de álcool. No caso da *Manchariska* utiliza-se ervas e outros ingredientes que são friccionados no corpo do indivíduo como terapêutica.

Jap'isqa é a captura do espírito. Acontece a perda do espírito na jurisdição do tio e da *Pachamama* e pode ser provocada voluntariamente. As causas são um susto, o não cumprimento do ritual ou o encontro com o *tio* e as almas condenadas dos mineiros mortos. Os sintomas são como o do *Mancharisqa*. Já a terapêutica é passar pelo corpo da vítima o animal que será sacrificado. Debaixo do domínio *saqra* acontece uma metamorfose diabólica do mineiro. O *Jap'iska* é uma enfermidade iniciática para o exercício do ofício de mineiro, isso ocorre quando o mineiro é surpreendido e assustado pela queda de uma pedra quando está sozinho por exemplo. Todos os homens que estão iniciando seu trabalho na mina já sabem que estão sendo iniciados pelo *tio* para o trabalho em seus domínios e já são parte da mina. O *Jap'iska* é a captura do espírito. Na mina *Mancharisqa* e *Jap'iska* vão quase sempre juntos. Quando acontece com o mineiro dentro da mina um desses dois deve tomar medidas de emergência como *ch'allar*, pois o álcool e a coca fortalecem o ânimo e, também ele compartilha com os deuses em ato ritual que propicia sua clemência aos deuses. Por outro lado pode haver o castigo quando as oferendas não são oferecidas.

A apropriação do espírito vem acompanhada da possessão do corpo e do alcoolismo. Beber aproxima o mineiro do *tio* se ele não bebe está mais próximo de Deus, assim não ganha mineral porque quem dá o mineral é o *tio* e a *pachamama*. O consumo moderado acompanha o início do trabalho, dá força e ânimo. O álcool é considerado como a urina do diabo. Isso vem como resposta aos missionários que

diziam ser o vinho o sangue de Deus. Quando se bebe é como uma possessão. Os bêbados são metade homem metade diabo possuem um caráter de fusão. Já as folhas de coca são como uma fusão com a *pachamama*. Existe também o condicionamento do corpo por meio do jejum. Colocar o corpo à disposição dos deuses da mina. Por isso não se come dentro da mina, só consome-se álcool, folha de coca e tabaco. Em corpo e alma todos os mineiros estão possuídos. *Aculliar*¹⁰⁵, beber e fumar com o *tío* significa transformar-se em um deles. Como uma relação de intimidade. Porém esta identidade não é eterna, quando o homem entra na mina é transformado pelas forças que lá estão, quando sai volta a ser homem.

Esse rito iniciático é comparado ao batismo. Em outros termos, a aprendizagem do ofício transtorna os corpos e a identidade social e se aloja no mais profundo de seu ser. Desta maneira adquirem um verdadeiro espírito cooperativo.

A depredação do coração é a aniquilação do coração, o agente é o Cerro Rico em sua manifestação mais *saqra* e também o *tío*. As causas são o não cumprimento do ritual e também dormir na mina. Os sintomas são a perda da consciência, alteração das faculdades afetivas e mentais até a morte. É a depredação do coração pela montanha e o *tío*. A diferença das enfermidades contraídas dentro da mina para as de fora é que as de dentro não possuem um caráter incontrolável, sempre são castigo pelo não cumprimento das regras rituais ou uma debilidade incompatível com o exercício do ofício mineiro.

Todas essas são enfermidades causadas pela intrusão do homem no subsolo, debilidade, desânimo ou possessão, comportamento desordenado e fora das normas e força sobre humanas.

Já a possessão diabólica dos empactados é a captura do espírito e controle do coração pelo *tío*, que é o agente da doença. As causas é oferecer-se em corpo e alma ao *tío* durante o pacto. Os sintomas são comportamento, linguagem, consumo de álcool, sexualidade fora das normas, agressividade, força sobre humanas e indiferença. A seguir o depoimento de Dona Filomena

O tio é o diabo. Tinha quinze anos quando faleceu meu pai. Em cima subi a mina São Francisco. Então pensava no interior da mina como meu pai era pobre: ‘gostaria de encontrar com o tio assim teria prata.’ Estava com uma amiga e caminhava na frente com minha carretilha e pensava

¹⁰⁵ Mascar folhas de coca.

comigo, não minha amiga está longe. De noite vi vindo um cavaleiro assim, com lâmpada e suas joias. Meu corpo tremia. Tinha um capacete, lâmpada, brilhando seus pés, todo brilhando. Ruivo como tu, seus cabelos também ardendo e a lâmpada como elétrica. Meu coração palpitava, ‘o que vou encontrar, o que será?’ Minha amiga de trás falou, e eu dei a volta, mas não a encontrei. Assim era o tio. Se minha amiga não me tivesse interrompido eu teria feito um pacto com ele. Depois fiquei doente. Me doía a cabeça, o tio já havia agarrado meu ânimo, mancharisqa. (...) No dia seguinte minha mãe me fez ver com coca. (...) Ela se havia equivocado com o tio por esse motivo ele estava buscando a ela para cumprir a promessa. O curandeiro disse que o tio queria falar comigo. E custou caro a minha mãe me curar. Eu estava como louca, o tio já estava em meu corpo, já via o gringo por todos os lados... se não estivesse equivocada, talvez seria rica. Da-me prata ele tinha dito, e ele também me pediu algo. Mas desde essa vez disse: ‘desde agora não vou mais pensar no tio.’¹⁰⁶

A aparição do tio a um trabalhador é a primeira etapa de um pacto individual. Quando a pessoa vê o tio se assusta e foge, como castigo a sua covardia o *tío* captura seu espírito.

A montanha em sua dimensão de pachamama pode ser subjugada pelo *tío* e quando algum trabalhador dorme, passa a noite nela dormindo, ele pode ser devorado pelo *tío*, este pode também devorar o coração do mineiro pouco a pouco pelo gás que exala e infesta as galerias.

E quando há gás é porque tem uma venta com bastante mineral. Então é melhor parar o trabalho *ch' allar* com o coração. Quando o coração é devorado pelo *tío* o mineiro é considerado como um possuído, suas funções vitais estão prejudicadas e acontece a desapareição das faculdades intelectuais e afetivas.

O próximo depoimento nos mostra que quando o mineiro está dormindo acontece perda da consciência e da razão, ele fica sonâmbulo dentro da mina, depois recupera o sentido como em um transe, passado uma semana a pessoa morre. Considera-se que todos os acidentes mortais são uma depreciação do coração. Se alguém morre na mina é porque seu coração e espírito foi comido pelo *tío* e, às vezes, até pela *pachamama*.

¹⁰⁶ABSI, P. *Los ministros del diablo: El trabajo y sus representaciones em las minas de Potosí*. La Paz. Instituto de Investigación para El Desarrollo; Embajada de Francia en Bolivia; IFEA, Instituto Francés de Estudios Andinos, Fundación PIEB, 2005.

Existem mineiros que são tacanhos. Então os tios têm que pressioná-los até que morram. E tem prata em seu local de trabalho e estão explorando. Às vezes os mineiros tentam enganar o tio, e têm que ch'allar com fé, com o coração. Os mineiros são tacanhos preferem não fazer esse costume. Trabalham e renegam ao tio e o gás está com o tio. Quando tem gás, tem o tio e tem mais mineral. (...) O tio é como uma pessoa que dá a seus filhos prediletos, por isso tem de fazer boas coisas.¹⁰⁷

Mancharisqa, *Jap'iska* e possessão são três estados de um todo contínuo. Os sintomas são comuns, por isso a dificuldade em distinguir o susto (*mancharisqa*), a captura do espírito (*jap'iska*) e a incorporação de um princípio diabólico. As enfermidades no coração causam fadiga, falta de ânimo, ansiedade, comportamento desenfreado, inclinação a bebida, paranoia alimentada por pesadelos etc. A diferença de intensidade de uma doença para outra é representada pelo tipo de *saqra*, espaço que frequentam: os mineiros falam de lugares maus e horas más. A continuidade é representada pelos procedimentos terapêuticos. Ambas terapêuticas passam pelo corpo do indivíduo.

A atividade mineira é como relação de forças. A força do homem condiciona a enfermidade, a fraqueza de ânimo e a falta de autocontrole são reprovadas para um mineiro.

Na mina não existe nenhuma profanação involuntária. Ingressar em uma galeria, para um mineiro, significa expor-se ao contato com forças *saqras*, isso é por princípio um ato responsável.

Para aspirar um encontro com o tio e a *pachamama*, necessita-se grande presença de ânimo. A força do mineiro vem também da sua relação privilegiada com o tio que pode desempenhar um papel animador. A transferência da força do tio para o trabalhador tem como origem um susto primordial que marca o passo da condição de homem ao de mineiro – ser mineiro. Na mina as enfermidades sempre são percebidas como castigo.

Quase todos os mineiros possuem terras para cultivar e os camponeses os veem com receio. Os camponeses veem os mineiros como asilados do diabo cujos poderes lhes causa temor. A qualidade *saqra* dos mineiros se manifesta também por seu odor de

¹⁰⁷ Ibidem, p.248.

mineral, enxofre, comum em qualquer mina de minerais metálicos. Mas a cultura diz que esse cheiro de enxofre está no coração do mineiro. Com esse odor se morre do coração. São as batidas do coração deles que indicam o que quer o *tío*. Isso também dirige as ações dos curandeiros. Como uma relação intermediária entre as enfermidades e uma fusão com o *tío*, pode-se dizer que sem possessão não há produção. O trabalhador junto com seu alter ego diabólico se faz um com a mina.

A possessão do mineiro pelo *tío* permeia a questão da relação entre a natureza e as forças sagradas do mundo. A ideia de que todos possuem um duplo que o anima. Esse duplo é uma sombra que se associa ao espírito e recebe a força do *tío* e identifica o mineiro com ele, tornando-se sua fonte de energia vital. O conceito de duplo e sombra sugere que se o homem pode converter-se em diabo é também porque este já possui um ponto de encaixe em cada um de nós. Entre o socializado e o *saqra* pode-se perceber também que a natureza do mundo do homem é dual. No processo de vontade e escolha os mineiros recorrem à imagem do lado direito da cabeça como o acento do anjo da guarda (São Miguel) e o lado esquerdo do diabo. A luta entre os dois lados determina a ação da pessoa. Faz referência a uma linguagem andina que divide o corpo humano entre socializado e *saqra*. A metamorfose do mineiro em *tío* não significará uma transformação de sua natureza e sim uma liberação das qualidades selvagens da pessoa humana.

A interpretação andina da dialética identidade e alteridade do homem e das forças obscuras do mundo corresponde ao fato de que o homem é um micro-cosmos, relação simbiótica entre a pessoa e o cosmos explica que a relação de forças entre o homem e os *saqras* se dá também no corpo do mineiro. É necessário realizar um equilíbrio. Na mina o pólo *saqra* do homem e das divindades está em uma posição dominante. Fora da mina esta situação se inverte. Para preservar o equilíbrio entre os dois pólos dos homens é preciso não interromper essa alternância entre eles. Para os mineiros a ocorrência da morte significa domínio dos *saqras* e como a morte é algo presente na mina os mineiros acreditam que isso é consequência do desequilíbrio trazido pelo ofício.

Oferecer-se em corpo e alma como o sacrifício de si é algo muito forte. Os mineiros comparam a saída da mina com a ressurreição. Esta expressão manifesta a

sombra onipresente da morte no trabalho. A morte é a última etapa da sua transformação em diabo. A morte é o ponto de não retorno da metamorfose em diabo. Existe a crença de que os espíritos dos mineiros mortos dentro da mina continuam sendo prisioneiros do *tío* e devem trabalhar para ele. A recuperação do corpo inteiro das vítimas da mina é um consolo para as famílias, já que seus restos mortais se unem ao *tío*.

Em alguns léxicos do quéchua atual, morrer se traduz pela expressão tornar-se *supay*. Por outra parte morrer é ‘ser colocado’ dentro pelo *tío*. Isso sugere a existência de um espaço além da galeria, reminiscência do *supay wasi*, a antiga morada dos mortos, que os missionários substituíram por inferno. A produção mineira é uma entrega sacrificial de energia vital. O sacrifício de si mesmo mediante o trabalho é um valor central da deontologia mineira, o preço deste sacrifício é a morte. Quando eles entram na mina, já se sabe, todos devem morrer.

Além da dimensão social este sacrifício reivindicado pelos mineiros é também ritual (espiritual). A expressão de um mineiro de Oruro esclarece: “nós comemos a mina e a mina come a nós.” A idéia de que os defuntos se transformam em *tío* e em mineral sugere um antigo vínculo entre a morte, a ancestralidade e o mundo mineral. Na época pré hispânica uns monólitos, chamados huanca, eram considerados como as réplicas minerais dos ancestrais do povo o qual o território marcava. (Deuviols, 1979). Só a morte regeneradora paga definitivamente a dívida do homem com a mina. As divindades devoram o coração dos mineiros mortos na mina, e esta ingestão reconstitui a carne metálica das montanhas. Tanto a existência das minas como a do *tío* estão condicionadas à atividade produtiva. Sem o trabalho dos homens, sem as suas oferendas e a exalação de sua energia as minas já não produzem e o *tío* volta a ser um *sagra* como os demais. Parar de trabalhar seria uma pequena morte.

A função do trabalho mineiro é transformar a rocha em moeda. Entretanto o mineral não perde nunca suas qualidades originárias. As joias do *tío*, as diabladas, testemunham que o mineral, ainda que trabalhado, continua vinculado ao seu mundo original. A socialização é reversível. Continua-se a fazer uma correlação entre o dinheiro e o metal, por isso pensar no salário dos mineiros como algo proveniente do *tío*. Assim as moedas enterradas para a *pachamama* têm o objetivo de fazê-la procriar.

Para assegurar a boa produção os mineiros invocam a casa da moeda e pedem que o *tío* cunhe a moeda. A atividade mineira tem relação com os efeitos positivos da atividade econômica, participa da revalorização simbólica da montanha. Por isso a mais valia que gera é duplamente fecunda, além do papel de produzir riqueza individual acaba por consumir-se uma dimensão mais comunitária, o homem que fecunda a mina com suas oferendas e trabalho estimula a reprodução da propriedade universal.

Mesmo quando o dinheiro não é ganho via pacto e sim via trabalho ele é considerado ilusório. Os mineiros não juntam o dinheiro tirado da mina. Pois consideram que o dinheiro do *tío* não é digno disso. O dinheiro tirado da mina é selvagem e está fora do circuito produtivo e acontece o mesmo com o corpo do mineiro porque o trabalho e o sacrifício não eliminam a influência do *tío*. Todos os trabalhadores se consideram possuídos e o benefício de seu trabalho não lhes pertence completamente. Como o *tío* o dinheiro possui os homens e os enlouquecem. O dinheiro usado para a sobrevivência não é diabólico, somente o dinheiro usado para a promoção social é que é diabólico. Os trabalhadores entregam às mulheres o poder de administrar o salário da mina, pois segundo suas crenças, elas têm a qualidade de mãos quente ligado à fertilidade enquanto o homem é vento gelado que dispersa o dinheiro. O que importa para purificar o dinheiro é a relação social que ele estabelece.

A produção mineira é entendida também como uma relação sexual fértil entre o homem e a montanha. Só a circulação que transforma o fluxo monetário em relação social entre os que participam dela é fecunda. Primeiro o mineiro deve seduzir a montanha para possuí-la. A atividade mineira é como uma possessão sexual. Os mineiros penetram a montanha, levantam as saias da *pachamama* convertem-se em amantes com suas ferramentas e a fertilizam com as oferendas e seu trabalho. Então se tornam parteiros da montanha.

8) CONCLUSÃO

Trabalhar é forjar o sofrimento. É utilizá-lo de modo que ele não venha a tornar-se um martírio. De acordo com Weil, podemos pensar que é por isso que os mineiros com sua deontologia do sofrimento aguentam trabalhar nas condições em que trabalham. Para esse sustento eles lançam mão da força do *tío* que lhes dá coragem para o trabalho, depois de *cha'llar* juntos. Além do que é a transferência de sua força para o mineiro que marca o rito iniciático. Quando o mineiro sai da mina ele volta a ser homem. Aqui é possível ver a dimensão do enraizamento dos mineiros na cultura se manifestando quando inferimos que existe uma relação entre a natureza e as forças sagradas do mundo. Por isso eles optam pela técnica artesanal, mesmo esta desperdiçando muito material, a utilizar das tecnologias avançadas. É importante ressaltar também que o trabalho artesanal permanece como uma reserva de mercado para os mineiros e camponeses que vivem em Potosí. Porém só isso não é suficiente para explicar tamanho sofrimento no trabalho.

Existe um sentido em valorizar o sofrimento. Eles acham ruim quando o grau de silicose não é elevado, isso demonstra como o sofrimento ocupa um lugar central na sociedade mineira de Potosí. Para eles parar de trabalhar significa uma pequena morte e morrer alivia a alma do mineiro uma vez que paga a dívida dele com a natureza. Os mineiros falam também de um desequilíbrio trazido pelo ofício, quando falam da morte, o que pode levar a pensar que o desenraizamento acontece já que as condições de submissão a opressão são fortes. Weil, em sua experiência como operária se resigna, já esses mineiros não desistem do trabalho artesanal, eles resitem. Ao mesmo tempo os mineiros consideram o dinheiro vindo da mina um dinheiro já contaminado pela opressão, porém ponderam que quando este é usado para a sobrevivência ele é bem empregado. Agora quando é utilizado para esbanjar é visto como algo ruim. Aqui é possível inferir em direção ao enraizamento. O dinheiro inserido nas relações sociais, enraizado nas trocas, é diferente de um dinheiro concentrado nas mãos de poucos.

Em Potosí a atividade produtiva, o político e o religioso – cultural se misturam. E pode-se dizer que um dos motivos do mineiro não abandonar o trabalho duro está nas

ricas relações com o outro mundo que se veem em estreita relação com o trabalho duro. Sem a possessão e as oferendas ao *tío* não há produção. Se um mineiro para de trabalhar, perde-se ao mesmo tempo toda sua relação com o meio social e também com a sua crença. É no local das *cha'llas* de compadres que o trabalho acontece. A autoridade política é também autoridade religiosa nos momentos de celebração. As doenças ocupacionais são doenças físicas, psíquicas e espirituais. Os mineiros trabalham para sobreviver e para fazer existir a sociedade mineira com suas crenças, costumes e valores. Como bem diz a escultura em ferro na entrada da EMPSA: “Sem mineiros não há Potosí.”

Instigada pelas ‘matérias estrangeiras’ que o mundo do trabalho proporciona e, atenta às atividades em meios hostis, fui levada a conhecer a realidade da mineração artesanal realizada em três cooperativas e em uma empresa. Os mineiros realizam sua atividade sem a participação de técnicos no caso dos pequenos empreendimentos. Isso é possível, entre outros motivos, pela constância da direção dos veios mineralizados e porque o conhecimento é transmitido de geração em geração. O processo de transmissão de conhecimento acontece quando os jovens começam a trabalhar na mina como transportadores até aprenderem as outras funções: observam e são instruídos na prática. A mineração artesanal é realizada com hastes e colheres de ferro, marreta, dinamite, sacolas, pá, carrinhos de mão e vagonetas. Os mineiros trabalham sustentados pela folha de coca: sair da mina para comer é mais cansativo. O maior esforço é furar a rocha a ‘pulso’ ou com um martetele pneumático sem água, e empurrar uma tonelada de minério. O minério extraído é vendido para os engenhos de concentração privados. Utilizam como EPIs capacetes e luvas. Existem várias relações de trabalho: os cooperados, os contratados pelas empresas em regime de porcentagem e os que não estão vinculados. Em alguns casos precisam trabalhar à noite.

Identifiquei também a vontade dos mineiros em se entregar à atividade e assim fazer ‘uso de si’, inclusive de maneira extenuante e repetitiva. Motivados pela sobrevivência pessoal e coletiva, os potosinos lutam e resistem. Para isso é necessário que estejam enraizados do contrário não sobreviveriam. Ao utilizarem as substâncias alucinógenas, ao fazerem pactos com o diabo, ao entrarem em zonas proibidas para se aproximarem do *tío*, ao procurarem o veio, ao dar estocadas, ao se protegerem e

protegerem um ao outro, eles fazem ‘uso de si’. Fazer ‘uso de si’ é uma forma de se enraizar de atracar âncoras no local, na atividade e no outro (social e cultural).

Considerando o trabalho na vida como essencial, como constituição do lugar social e realização pessoal torna-se importante aprofundar o conhecimento de atividades e situações de relação do homem com a natureza que são pouco conhecidas. Schwartz lembra da importância de se estar em sintonia com os diversos espaços de trabalho e vida. Aprofundar o conhecimento do ponto de vista do trabalho sobre uma produção artesanal de mestiços, organizados em cooperativas que mantêm a mesma técnica há mais de 400 anos, que, no entanto, passaram de uma organização colonial a uma organização em cooperativas, pode nos esclarecer sobre as diversas maneiras do homem reagir a situações de sofrimento físico, psíquico e espiritual. A vida em Potosi se estrutura em torno do trabalho nas minas. Tanto o sustento material como o mundo dos significados individuais e coletivos orbitam em torno do trabalho e da cultura. O tipo de vida que se criou é curioso e instiga a conhecer suas nuances, seus meandros. Trabalho e cultura estão em estreita sintonia, complementam-se e se sustentam. E tanto o trabalho como a cultura nos instrui de uma dimensão espiritual, de onde vem tanta força para não desistir do trabalho duro. Vê-se que não é só a necessidade de sobrevivência, mas sim toda uma rede de relações sociais e culturais imbricadas no trabalho.

Tanto para Lukács, Weil e Schwartz o homem está sempre criando, convivendo, agindo e transformando seu meio ao trabalhar. O que pensar, então, sobre o fato de que no momento mesmo em que o homem deveria se humanizar é, justamente aí, que ele é mais expropriado? Se trabalhar é o encontro de um sujeito com as coerções do meio material e da racionalidade dominante (técnica, econômica e jurídica) interessa saber qual a experiência desses sujeitos em ação e qual suas reações diante de realidades materiais e sociais marcadas pela dureza dos ambientes naturais e sociais. Ao enfocar a atividade pretende-se conhecer o sentido desse trabalho para a vida dos operários e da sociedade mineira que se estrutura em torno da extração mineral. O que essa atividade possui de singular e pode contribuir com a formação do homem que possui o trabalho como base de sua socialização? Qual tipo de vida política é engendrada no seio dessa sociedade? Ao observar a atividade e questionar sobre os saberes e valores que atuam no dia a dia desses homens, pode-se colher o novo que surge como atualização da história humana nesse meio.

Este estudo pode contribuir com as pesquisas em torno do trabalho humano e da sociedade moderna, pois a realidade de Potosi interroga e instiga sobre o homem, o trabalho e as formas deles estruturarem coletividades tão tradicionais em pleno século vinte um. De fato, onde o trabalho é artesanal, a vida também se faz artesanal, mesmo em tempos de aceleradas inovações tecnológicas e globalizadas relações econômicas. Ao entender o trabalho dos mineiros de Potosi, pretende-se compreender também um pouco mais sobre a contradição da condição operária. A experiência na fábrica de Simone Weil pode ser vista como uma situação de sujeito – objetificado pelo trabalho.

...o corpo esvaziado de toda energia vital, a alma oca de pensamentos, o coração mergulhado no desgosto, raiva muda e, acima de tudo isso, um sentimento de impotência e de submissão (...) a velocidade produz uma espécie de embriaguez que anula a atenção (...) Como não é natural para um homem transformar-se em coisa, e como não há coação visível (chicotes, cadeias), é preciso dobrar-se a si próprio em direção a essa passividade...(Weil:1996).

O que o trabalho dos mineiros esclarece sobre essa situação de sujeito objetificado? O que se pode dizer do papel desse trabalho como salto do ser orgânico para o ser social (Lukács) ou do trabalho como um momento de realizar uma atividade consciente de si e dos outros, ou ainda, um momento de reinventar, realizar escolhas e negociar normas e valores? E mais, que o importante em uma vida humana é o encadeamento de um minuto ao seguinte. O que custa a cada um, em sua capacidade de atenção: de doar-se à tarefa?

Já o que se vê com este estudo é que, à revelia de toda dureza, os mineiros, diferentes de Weil, resistem e não se dobram. Eles inventam coisas de outro mundo para não se reduzirem a rocha. Isso não está totalmente descolado da realidade. Vive-se em um mundo onde não podemos ver tudo, saber de tudo. Tateia-se no escuro como um mineiro, busca-se até achar novidades que deem sentido ao real. Weil, ao teorizar sobre o enraizamento, ajuda a compreender de onde vem e para onde vai esse espaço do real que não está desgrudado do concreto, mas imbricado neste que faz com que a escuridão da mina venha a ser iluminada. Weil fala das ‘coisas do outro mundo’ ao teorizar sobre o enraizamento. Ele é concreto na terra, mas também se reflete, cresce e cria uma sombra no chão.

Sendo assim, torna-se necessário pensar em uma diferenciação entre os tipos de trabalho ou, até que ponto, certos trabalhos não realizam as potencialidades humanas, transformando estes em animais ou mesmo em coisa. Todas as três abordagens do trabalho humano – Lukács, Weil e a ergologia têm em comum o fato de que o homem

está sempre criando, convivendo, agindo e transformando o meio quando a ele isso é permitido. Então, o que pensar de experiências como a da mina de Cerro Rico? Como a de Simone Weil? Se o trabalho é o centro da vida humana, é ao trabalhar que o homem se forma, ele é forjado por sua ação em um meio material e social. Pode-se, então, perguntar, que tipo de homem é formado pelo trabalho nas minas? Quais suas características corporais, sociais e morais? Como nos ensinou a ergologia, quais os valores, modos de pensar e viver são negociados e constituídos no trabalho realizado por mineiros em uma mineração artesanal como a de Potosi? Como trabalha e vive o que se pode chamar de ‘homem pedra’?

De acordo com o conceito de enraizamento é possível constatar que os mineiros estão ao mesmo tempo enraizados e desenraizados. Mesmo as enfermidades ocupacionais têm um lugar na raiz da cultura. Eles de fato receberam e levam consigo as tradições do passado, eles compartilham universos de ‘uso de si’, estão encrustados na montanha. Contudo em relação aos demais moradores de Potosí que possuem instrução e em relação ao conhecimento erudito eles estão fora. Existem os mineiros que são enraizados os de famílias mineiras e também os que não estão que são os camponeses e os mineiros que não querem ser mineiro. Querem estudar na universidade e mudar de vida. É importante ressaltar que a maioria quando começa a trabalhar como mineiro não quer seguir essa profissão a faz por necessidade e acredita que depois mudará de vida, porém depois que começam a trabalhar se enraízam, pois são tomados pela montanha que começa a fazer parte do ser deles.

O que se pode identificar também é que, quando jovens, muitos não querem seguir esse ofício, entretanto, devido às privações materiais que os oprime, são obrigados a entrar na mina e começam aos poucos a serem consumidos por ela. Já imersos em toda a cultura que faz parte do ser mineiro, é razoável pensar que toda essa situação possa causar a alienação desses mineiros. Entretanto pode-se acreditar que eles superam a contradição opressores e oprimidos, ao se engajarem no dia a dia com os outros e deste encontro produzirem festas, já que essas festas não são alienadoras, pois as contradições do trabalho invadem as festas e a tornam uma extensão do dia de trabalho. Sustento a hipótese de que a práxis libertadora descrita por Freire se dá na ocasião da festa e do trabalho, ambos intimamente imbricados. Os sócios das cooperativas compartilham do mesmo mundo da vida dos mineiros e das mesmas crenças. Mesmo que a hierarquia do trabalho se reproduza na festa, esse é um momento

em que a dureza não existe como no trabalho e sim o compartilhar de sensações. Inseridos no mesmo mundo da vida opressor e oprimido se misturam. Freire nos ajuda nessa compreensão ao dizer da consciência servil

Se o que caracteriza os oprimidos, como ‘consciência servil’ em relação à consciência do senhor, é fazer-se quase “coisa” e transformar-se (...) em ‘consciência para o outro’, a solidariedade com eles está em com eles lutar para a transformação da realidade objetiva que os faz ser este “ser para o outro. (Freire 2006: 40).

Muitos sócios também trabalham. Também se misturam com a montanha, também lutam contra a tendência de se tornarem “homem pedra”, também respiram o ar que causa a silicose. Claro que os peões enfrentam condições mais duras e alguns sócios não trabalham, mas a dureza do ambiente e os costumes do ser mineiro são comum aos peões e aos sócios. Fazer-se coisa com o Cerro é algo que contagia e não há como fugir desse destino. O fazer festa junto e lutar junto os faz “ser para o outro”. Além das festas eles também se mobilizam em greves contra o governo. Tanto peões como sócios.

É claro que se considerar-se a opressão em gradação, os sócios são menos oprimidos que os peões. Estes aspiram por ser sócio: não deixam de procurar um local no Cerro com um veio para então explorar outros peões. Existe no Cerro uma realidade de garimpo que traz junto um espírito empreendedor. A ideia que vem à mente logo que vemos o Cerro é de que todos estão em condições iguais e são igualmente vítimas da dureza do ambiente: segura, altura e concretude da rocha. Quando investigamos mais um pouco vemos que existem diferentes graus de opressão. Porém na festa essas diferenças se misturam mesmo que a hierarquia permaneça. É um compartilhar da mesma história e vida que faz a junção que chamarei aqui de junção libertadora.

O próprio Freire admite que trabalhado em todas as suas dimensões, o conceito de cultura nos ajuda a compor um espaço de liberdade. É em ocasiões de descontração como as *cha'llas* que os mineiros podem trocar conhecimentos sobre o trabalho, ensinar e aprender uns com os outros. Sócio com peão. Se pensarmos na experiência cultural que é compartilhada durante as festas do carnaval e do espírito santo. Em ocasiões em que momentos tão solenes como o sacrifício de lhamas acontecem, podemos pensar que a mesma seriedade e comprometimento que se dá na hora do trabalho se faz cultura na hora da festa. A dialogicidade da pedagogia do oprimido, quando diz da relação com o povo, acontece também na festa. As diferenças não se esgotam, mas também não

podemos dizer que na mineração do Cerro acontece um aprisionamento da vida e uma rigidez em relação à mudança.

Na festa e no trabalho “ninguém desvela o mundo ao outro, e ainda quando um sujeito inicia o esforço de desvelamento aos outros, é preciso que estes se tornem sujeitos do ato de desvelar.” (Freire 2006: 194) Ao beber junto, ao participar do mesmo sacrifício ao trabalhar junto o peão e o sócio se tornam sujeitos.

Outro fato que podemos constatar é que os mineiros são uma classe bastante organizada. A separação entre eles e os outros habitantes de Potosí é clara. Além de serem uma categoria organizada e não deixarem de se mobilizar em direção ao que almejam para si próprios. Eles são inclusive combativos. Fazem greves, marchas e, o mais impressionante, é que não deixam empresas com tecnologias mais avançadas explorarem o Cerro. Seguem explorando com a mineração artesanal.

Os mineiros fazem a junção entre corpo e espírito quando caracterizam as doenças ocupacionais. Elas têm efeitos concretos no corpo e no comportamento, porém seus motivos para os mineiros são espirituais. Pela descrição da atividade podemos inferir que o trabalho é pesado e minucioso. A rocha impõe e os mineiros se dobram. Para tanto, eles fazem uso de seu corpo-si que por sua vez é enraizado na cultura. É verdade que o corpo-si também é consumido pela dureza do trabalho e de suas condições e, sobretudo, pela ambição dos sócios que exploram os peões. Não há como negar essa realidade, mas também não se pode deixar de considerar todo o imaginário compartilhado por ambos, pois esse imaginário liberta (dimensão espiritual). Tanto que é tão minusiosamente preparado e organizado. Claro que não existe uma libertação completa, no dia seguinte à festa, os peões voltam ao trabalho enquanto os sócios que não trabalham voltam aos seus afazeres burocráticos. A dureza recai sobre os peões, jukus etc. Porém acredita-se que para os mineiros conseguirem ser uma categoria organizada e combativa, como mostra sua história, é necessário uma solidariedade recíproca.

Por fim, pode-se concluir que em Potosí há um pouco de enraizamento e também de desenraizamento. O enraizamento é trazido pela cultura e pelo trabalho moderado, já o desenraizamento surge do trabalho extenuante a que muitos mineiros estão submetidos. Sendo um homem um ser de trabalho e também de cultura concluímos que trabalho também é cultura. E no caso de Potosí a mesma mística que vai aparecer nos rituais e festas está presente no dia a dia do trabalho. Assim, o que

sustenta os homens se dobrando são além das razões econômicas as razões espirituais. O trabalho enraíza os mitos e os mitos o trabalho, trabalhar é trabalhar valor e ao se trabalhar valor trabalha-se também cultura. Os ritos têm valores. O gesto de trabalho é transpassado pelo imaginário e assim o compõe.

10) REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, J. I. e PINHO, D. L. M. *Teoria e prática: seus limites e possibilidades*. In: Escola, Saúde e trabalho: estudos psicológicos. Maria das Graças T. Paz e Alvaro Tamayo (org). Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1999.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e negação do trabalho*. Campinas. Boitempo Editorial, 2000.

ARANHA, A. e Dias, D. *O trabalho como princípio educativo na sociabilidade do capital*. In: *Trabalho, política e formação humana: interlocuções com Marx e Gramsci*. São Paulo, 115 – 127: Xamã, 2009.

ABSI, P. *Los ministros Del diablo: El trabajo y sus representaciones em las minas de Potosí*. La Paz. Instituto de Investigación para El Desarrollo; Embajada de Francia en Bolivia; IFEA, Instituto Francés de Estudios Andinos, Fundación PIEB, 2005.

BOGDAN, R. C. e BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Portugal. Porto Editora, 1994.

BOSI, A. *Fenomenologia do Olhar*. In: Novaes, A. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BOSI, E. *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras operárias*. Petrópolis. Editora Vozes, 2000.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BOSI, E. *O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. PUF 1996 – Tradução brasileira, 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 308p.

CHASIN, J. Ad - Hominem - rota e prospectivade um projeto marxista. Revista AD Hominem. Tomo I, Marxismo, São Paulo. Estudos e Edições Ad, 1999.

- CHASIN, J. Curso de Ontologia no Mestrado em Filosofia, Ufmg. Belo horizonte, 1994.
- CHASIN, J. *Marx - estatuto ontológico e resolução metodológica*. In: Teixeira, F.J.S. *Pensando com Marx: uma leitura crítica comentada de O Capital*. São Paulo: Ensaio, 1995.
- CLOT, Y. Entrevista. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2006, vol. 9, n. 2, p. 99 - 107.
- CUNHA, D. M. Notas conceituais sobre atividade e corpo-si na abordagem ergológica do trabalho. In *Reunião Anual da Anped, 30. Caxambu, Anais. Anped. CD-Room, Rio de Janeiro*.
- CUNHA, D. M. e LAUDARES, J. B. *Trabalho: um objeto transdisciplinar esperando re-conhecimento*. In: *Trabalho: diálogos multidisciplinares*. Belo Horizonte 50- 70: Editora UFMG, 2009.
- DRUMOND, C. A. *Antologia Poética*. Petrópolis. Record, 1962.
- FISCHER, M. C. B. e TIRIBA, L. De olho no conhecimento encarnado sobre trabalho associado e autogestão. Publicado em CANÁRIO, Rui e RUMMERT, Sônia (org.) *Mundos do trabalho e aprendizagem*. Lisboa: Educa, 2009, p. 174 -188.
- FORTES, R. V. *Trabalho e gênese do ser social na "Ontologia" de Geroge Lukács*. Dissertação (Mestrado da Filosofia) UFMG. 2001.
- FREIRE, R. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1988.
- GEERTZ C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos; 1989.
- GLOCKNER, V. – *De la serie Soñe Sudamérica*. Potosí, Bolívia, 2007.
- GRILO, A. J., BASTIERI, A., SOARES, A. G. VARELLA, C. V. S. CUNHA, D. M. (org.) *Trabalho: Minas de Saberes e Valores*. Conexões de Saberes sobre o Trabalho. Belo Horizonte. Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação, 2007.

GROSSI, Y. S. e DUTRA, E. R. F. *Historiografia e Movimento Operário: O novo em questão*. Revista Brasileira de Estudos Políticos. V.65 - Número especial do Departamento de História da Fafich - Ufmg. Belo Horizonte, julho/ 1987.

JÚNIOR, A. B. G *O mal-estar no trabalho de teleatendimento: o uso de si e o saber fazer com o sintoma*. Belo Horizonte: Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Doutorado em Educação da FAE/UFMG. Orientadora: Daisy Moreira Cunha, 2010.

LE VEN M. M. *Dazinho: um cristão nas minas, minas do ouro, minas d' água, minas de gente....*Belo Horizonte. Editora O Lutador, 2005.

LIMA, F. P. A. *A organização da produção e a produção da L.E. R. e Ergonomia e prevenção da L.E.R.: possibilidades e limites*. In: Araújo, J. N., Lima, M. E. e Lima, F.P. 1997.

LIMA, M. E. A. *A Questão do método em psicologia do trabalho*. Palestra proferida no II Encontro das Escolas de Psicologia de Belo Horizonte, Out/ 2001.

LIMA, M. E. A *Trabalho e identidade: uma reflexão à luz do debate sobre a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea*. Artigo publicado na revista: Educação e Tecnologia, Belo Horizonte, v.12, n 3, p. 05-09, set/dez de 2007.

LINERA, A. G. *A Potência Plebeia: ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia*.Org: Pablo Stefanoni. Tradução: Mouzar Benedito e Igor Ojeda. São Paulo. Boitempo, 2010.

LUKÁCS, G. *As bases ontológicas do Pensamento e da atividade humana*. Orgs: Chasin, J., Nogueira, M. A., Brandão, G. M., Sodré, N. W. Coleção Temas de Ciências Humanas. V. 4. São Paulo. Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1978.

MAIA, A. C. N. *Memória e Cotidiano operário: Morro Velho no tempo de Vargas*. Dissertação (Mestrado História) Ufmg. 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw C. *Argonautas do Pacífico Ocidental*.Tradução Anton P. Carr. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MITRE, Antonio. *Bajo um Cielo de Estaño fulgor y ocaso del metal enBolivia*. La Paz. Carlos F. Toranzo Roca, 1993.

MITRE, Antonio. *Los Patriarcas de la Plata: estructura socioeconômica de lamineria boliviana en el siglo XIX*. Lima. Instituto de Estudios Peruanos, 1981.

NETO, J. C. M. *A Educação pela pedra*. Rio de Janeiro. Editora do Autor, 1966.

NICOLA, G. P. e BINGEMER, M. C. L. (org.). *Simone Weil: ação e contemplação*. Bauru. Edusc, 2005.

NOVAES, A. (org.). *O olhar*. São Paulo. Companhia das Letras, 1988.

ODDONE, I. *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo. Hucitec Ltda, 1986.

ODDONE, I. *Redécouvrir l'expérience ouvrière: vers une autre psychologie du travail?* Paris: Editions sociales, 1981.

ORGANISTA, J. H. C. *O debate sobre a centralidade do trabalho*. São Paulo. Ed. Expressão Popular, 2006.

OSPINA, E. S. *Rflexiones sobre el Modelo Obrero Italiano*. Entrevista com Ivar Oddone, traduzida por Francesco Pini.

PADILHA, A. C. *O ser pessoa em uma vivência operária*. Anais do Seminário de pesquisas e estudos qualitativos, São Bernardo do Campo, 2006.

PLATT, T. *Religión andina y conciencia proletaria: Qhoya runa y ayllu en el Norte de Potosí*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos.

SALAZAR-SOLER, C. *Pratiques et croyances religieuses des mineurs de Julcani Huancavelica, Pérou*. Tesis de doctorado, EHESS, París.

SCHWARTZ, Y. *A abordagem do trabalho reconfigura nossa relação com os saberes acadêmicos: as antecipações do trabalho*. Texto em homenagem a Noel Terrot, da Universidade Pierre Mendes-France de Grenoble.

SCHWARTZ, Y. *Produzir saberes entre aderência e desaderência*. Educação Unisinos, 2009.

SCHWARTZ, Y. e DURRIVE, L. *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niteói. Eduff, 2007.

SCHWARTZ, Y. *Trabalho e Saber*. Revista Trabalho e Educação v. 12. n. 1. Belo Horizonte. Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação, jan/jun 2003.

SCHWARTZ, Y. *Trabalho e Valor*. In: Tempo Social; Revista Social USP. São Paulo, 8 (2): 147 – 158, outubro de 1996.

SCHWARTZ, Y.R. Produzir saberes entre aderência e desaderência. In: BEGUIN, P; CERF, M. Orgs. 2009. *Dynamique des savoirs des Changements*. Toulouse, Edições Octarès, p.15 – 28.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

VIEZZER, M. *Se me deixam falar... Depoimento de uma mineira Boliviana*. São Paulo. Global Editora, 1981.

WISEUX, A. *Mineur de foud: fosses de leussoixanteans de combate et de solidarité*. Paris. Terre Humaine, 1991.

VISIONMUNDIAL, ONG Série sobre Trabalho e Exploração Infantil na América Latina e no Caribe – ONG: Visão Mundial
www.visionmundial.orgwww.visionmundial.org/archivos-de-usuario/.../91_por.pdf

WEIL, S. *A condição operária e outros sobre opressão*. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1996.

WEIL, S. *La condition ouvrière*. Albert Camus (Org.) Paris: LibrairieGallimard, 1951.

WEIL, S. *O Enraizamento*. Tradução: Maria Leonor Loureiro. Bauru. Edusc, 2001.

11) ANEXO I – MAPAS E FOTOS

MAPAS



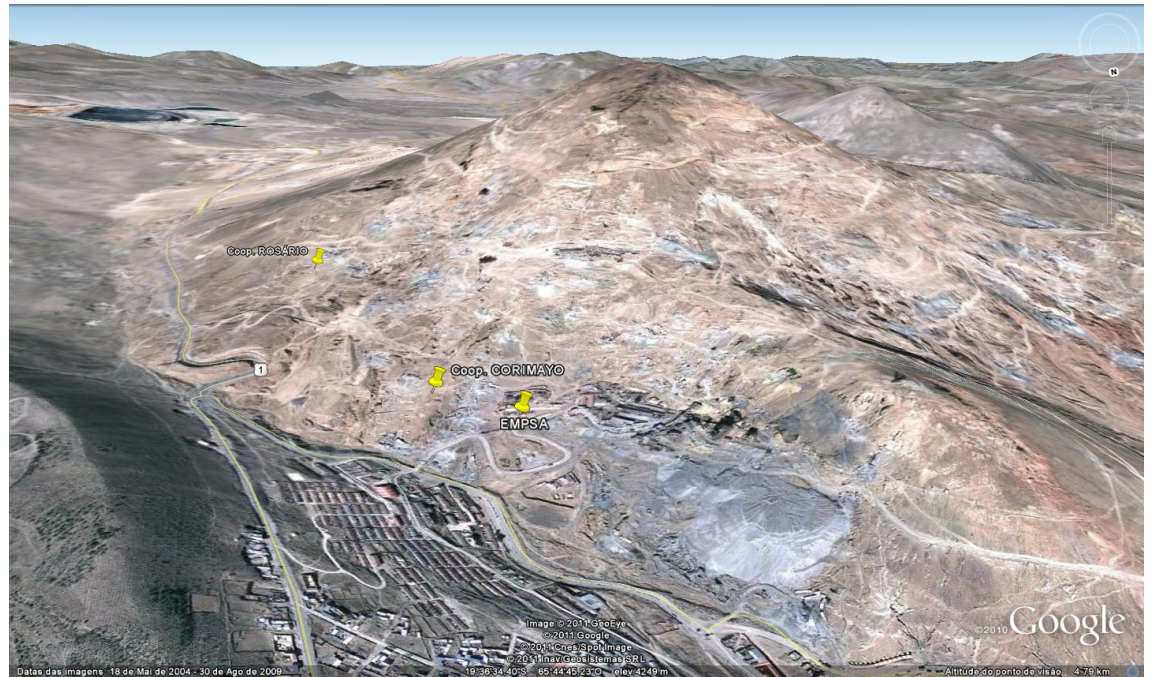
Bolívia e sua divisão política em departamentos. Potosí situa-se no extremo oeste do país. Fonte: Google Earth.



Potosí em relação a outras cidades da Bolívia. Fonte: Google Earth.



Visão aérea do Cerro e a localização das cooperativas investigadas. Fonte: Google Earth..



Cerro Rico, algumas instalações e os engenhos de separação manual. Fonte: Google Earth.



Vista aérea da cidade de Potosí com as cooperativas e o Cerro Rico ao fundo. Fonte: Google Earth



O Cerro Rico e a localização das cooperativas Rosário, EMPSA e Kori Maio. Fonte: Google Earth

FOTOS (ACERVO PESSOAL)

Sede da EMPSA.



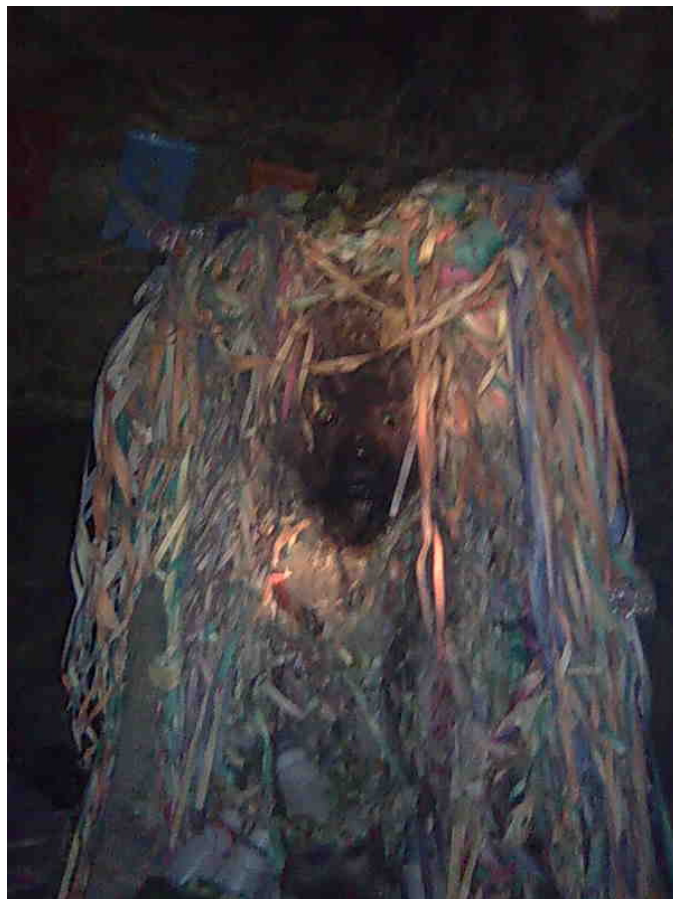
Entrada da Cooperativa EMPSA. Os mineiros chegando para o trabalho.



Folha de coca, cigarros e catalizadores que são utilizados para potencializar o efeito da folha de coca.



Bocamina da Mina Rosário. Os mineiros organizam a carga que será vendida ao engenho.



El tío, adornado para o Carnaval.



Mineiro compartilha um cigarro com El tio.



Instalações abandonadas da Comibol. Utilizada para transportar minério de um nível a outro da mina.



Mercado do mineiro no início do Cerro Rico, onde se localizam as minas.



Entrada da mina Kori Maio



Instalação mineiras com o Cerro Rico ao fundo.



Laboratório Químico da Federação de Coopertivas Mineiras de Potosi.



Posto médico, aparentemente abandonado.

Com a experiência dos mineiros de Potosí podemos ver como na relação do homem com a rocha existe uma troca de qualidades a ponto do homem se tornar como rocha. Absi se refere a carnadura concreta do mineral , ao corpo a corpo com a montanha e também a relação sexual com a Pachamama. A seguir cito João Cabral de Melo Neto em seu poema a “Educação pela Pedra” que também intui sobre nosso parentesco com as coisas. Esse poema traduz também a sensação que tive quando estive nas minas de Potosí.

Uma educação pela pedra: por lições;
 Para aprender da pedra, frequenta-la;
 Captar sua voz inefática, impessoal
 (pela de dicção ela começa as aulas)
 A lição de moral sua resistência fria

Ao que flui e ao fluir, a ser maleada;

A de poética sua carnadura concreta;

A de economia seu adensar-se compacta:

Lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda) para quem soletrá-la.

12) ANEXO II – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Evidenciar o sentido do trabalho, a relação do trabalho com: política (movimentos indígenas, FEDECOMIM, FSTMB, COMIBOL, partidos, prefeito, governo do departamento, governo do país.) sociedade, história, economia, etnia, ambiente físico, intelectual, jurídico, mídia, turismo etc. Os costumes da atividade: extração, meio ambiente, geologia, circulação do minério, remuneração, colegas, cooperativa, mercado, comércio, saúde, nocividade, fadiga, carga-horária de trabalho, aparelhos de segurança, instrumentos de trabalho etc. A relação do trabalho com a cultura: vestuário, artesanato, estética, cultivo, crenças/cosmologia, alimentação, saúde, música, língua, tempo, festas, rituais etc. A partir do contato pessoal e criação dos laços de amizade (reações psíquicas) conhecer o tipo de homem que é formado neste contexto; Homem Pedra?

13) ANEXO III – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A ENTREVISTA EXPLORATÓRIA

- 1) Como é a sua relação com seus colegas?
- 2) E com seus superiores na cooperativa?
- 3) O que pensa da COB, da FSTMB, da FEDECOMIM?
- 4) Qual sua função nesta mina-cooperativa?
- 5) Quando está na mina o que exatamente você faz e como faz?
- 6) O que pensa do Governo de Evo Morales e da Comibol?
- 7) O que me diz da Assembléia Constituinte?
- 8) Como você me explicaria os conflitos ocorridos no meio do ano aqui em Potosí?
- 9) Conhece Domitila de Chungara? Como analisa a revolução de 1952? E a situação das minas e dos mineiros bolivianos hoje?
- 10) Conhece o mineiro boliviano que estava no acidente do Chile?
- 11) Você acredita em alguma divindade? Qual?